

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES

“ELES CONSEGUIRAM”:
OS SENTIDOS DE “SUCESSO” NO JORNALISMO DE TELEVISÃO

MACEIÓ

2012

LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES

**“ELES CONSEGUIRAM”:
OS SENTIDOS DE “SUCESSO” NO JORNALISMO DE TELEVISÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Virgínia B. Amaral

MACEIÓ

2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

R173e Ramires, Lídia Maria Marinho da Pureza.
“Eles conseguiram” : os sentidos de sucesso no jornalismo de televisão /
Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires. – 2012.
150 f.

Orientadora: Maria Virgínia Borges Amaral.
Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em
Letras e Linguística. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 118-125.

Anexos: f. 126-150.

1. Sucesso – Análise do discurso. 2. Mídia e ideologia. 3. Produção de
sentidos. 4. Mídia – Discurso. I. Título.

CDU: 801.73:070.1

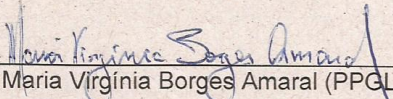
TERMO DE APROVAÇÃO

LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRES

Título do trabalho: "ELES CONSEGUIRAM": OS SENTIDOS DE SUCESSO NO JORNALISMO DE TELEVISÃO "


Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

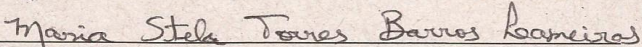


Profa. Dra. Maria Virgínia Borges Amaral (PPGLL/UFAL)

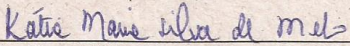
Examinadores:



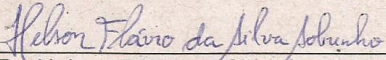
Profa. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (UFPE)



Profa. Dra. Maria Stela Torres Barros Lameiras (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Kátia Maria Silva de Melo (CEDU/UFAL)



Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PPGLL/UFAL)

Maceió, 05 de dezembro de 2012.

A Deus,
que me sonda e me conhece.

Aos meus “doutores primeiros”

Marleide (em memória) e Paulo Sílvia,
cujos ensinamentos
de amor pelo outro e justiça social
semearam em mim o inconformismo com as
“coisas que são como são”
e que
“não devem e nem podem” ser mudadas.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram – cada um a seu modo – para esta tese, fruto de um processo longo de semeadura e crescimento.

Aos que, mesmo sem dominar as minúcias do processo, perto e longe, não permitiram que o cansaço me dominasse. Aos meus mais amados Marlita, Wladimir, Leda Mayse, Daniel, Sylvio, Luziene, Afrânio, Regina, Kádja, Marilucia, Ricardo, Marcelino e Inocência.

Aos meus pequeninos, que crescem tão rapidamente, Letícia, Sofia e Kaio, por me manterem consciente da grandeza, da alegria e da simplicidade da vida.

À minha orientadora Maria Virgínia Borges Amaral, pela disponibilidade, desde o primeiro momento, em anunciar a Análise do Discurso e me estimular a adentrar nesse instigante campo de saber.

Aos professores Dr. Helson Flávio Sobrinho, Dra. Isaltina Gomes, Dra. Kátia Melo e Dra. Stela Lameiras, que prontamente aceitaram o convite para integrar a banca examinadora.

Aos amigos da Academia que o discurso trouxe até mim, que fizeram e fazem história em minha vida, e que souberam delimitar precisamente os espaços dos debates acadêmicos, mantendo a generosidade de que só a verdadeira amizade é capaz.

À professora Lígia Ferreira, amiga plural, por compartilhar a força e a resistência da mulher de luta; pelas correções, revisões, observações nesta pesquisa, pela imensa fé nesta colega pesquisadora.

À Rossana Gaia, companheira professora, jornalista e pesquisadora, sempre disponível, atenta e sagaz, pelos momentos de palavras e silêncios; e a Heder Rangel, pelo carinho constante e parceria pelos caminhos trilhados entre Comunicação e Discurso.

Aos colegas de pesquisa em Comunicação, especialmente, pela imensa compreensão e generosidade, a Ricardo Moresi Ferro e Magnólia Rejane dos Santos.

À Carla Moreira, Nádia Regina, Edite Vasconcelos e Daniela Botti, encontros que a Análise do Discurso e o GrAD tornaram possíveis e reais.

Aos colegas do GEDON e as professoras-doutoras Belmira Magalhães, Ana Gama e Socorro Aguiar, pelos momentos de diálogo, generosidade e partilha.

Às amigas queridas, Adenize Acioli, Silvana Barros e Socorrinho Lamenha, pelo incentivo constante e parceria na vida, na labuta e no descanso.

Às amigas-irmãs Juliana Lima e Yoná Farias, pelo carinho e diálogo – cada uma a seu modo – no processo final de escrita.

Aos companheiros de Sertão da UFAL, especialmente, Acúrcio David (e Solma Baltar), Adriana Deodato, Andréa Brandão, Antônio César de Holanda, Isabel Oliveira, Janaíla Silva, Márcia Magalhães (e Dênis Souza), Mônica Regina Santos e Ricardo da Silva, pelo apoio direto, pela torcida constante e pelo companheirismo imprescindível na luta diária.

Aos alunos dos cursos de Comunicação Social da UFAL, Cesmac e FITS; especialmente, aos da disciplina de Lógica, Informática e Comunicação (LIC), no Campus do Sertão. O olhar de cada um deles impulsiona esta caminhada, inicialmente improvável, na docência e na pesquisa.

*O homem vive e sofre o mundo, cada vez
mais como produto de seu produto.
Converte-se em insignificante,
diante da exuberância da mercadoria
multiplicada e das forças cada vez mais
misteriosas que as põem no mundo. Sobre o “véu
nebuloso” de um passado recente estende-se uma
nova cobertura,
ainda mais espessa e fantasmagórica. Que
intimida e fascina,
obnubila e faz prosélitos,
reduzindo o homem
a subproduto de uma história
que anda e desanda
à sua revelia.*

José Chasin (1987, p. 37)

*O mundo submete
todo empreendimento a uma alternativa;
a do sucesso ou do fracasso,
da vitória ou da derrota.
Protesto por uma outra lógica:
sou ao mesmo tempo e contraditoriamente
feliz e infeliz:
'conseguir' ou 'fracassar' têm para mim
sentidos apenas contingentes,
passageiros (o que não impede que minhas
dores e meus desejos sejam violentos).
O que me anima surda e obstinadamente
não é tático:
aceito e afirmo
fora do verdadeiro e do falso,
fora do êxito e do malogro;
estou destituído de toda finalidade,
vivo conforme o acaso.*

Roland Barthes (1988, p. 16)

RESUMO

Esta tese está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa e analisa a produção de sentidos sobre o “sucesso” no mercado de trabalho, no discurso jornalístico do programa *Globo Repórter*, transmitido entre 2008 e 2011, confrontando o político e o simbólico na relação entre língua, discurso e ideologia. O *corpus* analisado se constituiu de recortes de reportagens apresentados aos telespectadores do referido programa como padrões de sucesso e que apontam para o funcionamento do discurso jornalístico como legitimador de formas de silenciar conflitos sociais, estimular relações de trabalho informais e contribuir para manutenção da ideologia dominante. Para tanto, foram analisados como os conceitos de sociedade e individualidade, cunhados no contratualismo, reconfiguram-se e fortalecem o discurso sobre o poder individual de se tornar bem-sucedido. Tomamos as reflexões de Pêcheux (1990a, 1990b, 1997a, 1997b, 2006, 2011), Orlandi (1983, 1996, 2001a, 2001b, 2002, 2012), Bourdieu (1997), Bauman (2001, 2009), Mészáros (2011a, 2011b) entre outros, sobre as exigências de destaque na sociedade atual e o estímulo da televisão à individualidade. Esta tese analisa como o programa televisivo estimula os telespectadores a buscarem modos alternativos ao trabalho formal, como a informalidade, dando ênfase ao caráter empreendedor e ao poder de superação individual, reforçando, assim, as relações precarizadas de trabalho e fortalecendo o modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Sucesso. Análise do discurso. Mídia e ideologia. Produção de sentidos. Mídia e Análise do discurso.

RÉSUMÉ

Cette thèse part des pressupposés théoriques-méthodologiques de l'Analyse du Discours (AD) du courant français et analyse la production de sens sur le "succès" dans le marché du travail, plus particulièrement, dans les discours journalistiques d'un magazine d'information hebdomadaire, *Globo Repórter*, transmis entre 2008 et 2011, en faisant une confrontation entre le politique, dans la relation entre langue, discours et idéologie.. Le *corpus* analysé est constitué d'extraits de quelques uns de ces magazines, centrés sur une conception de succès qui va dans la direction du fonctionnement du discours journalistique en tant que légitimateur des silences autour des conflits sociaux, en étant aussi susceptible de stimuler des relations informelles de travail, ce qui va contribuer au maintien d'une idéologie dominante. Pour y aboutir, il a fallu analyser la façon dont les concepts de société et d'individualité, conçus par le contractualisme sont reconfigurés et renforcent le discours sur le pouvoir individuel d'arriver à la réussite. Nous avons aussi emprunté des réflexions théoriques de Pêcheux (1990a, 1990b, 1997a, 1997b, 2006, 2011), Orlandi (1983, 1996, 2001a, 2001b, 2002, 2012), Bourdieu (1997), Bauman (2001, 2009), Mészáros (2011a, 2011b) parmi d'autres, sur les exigences de la société de nos jours ainsi que sur le pouvoir de la télévision en tant que stimulus à l'individualité. Cette thèse soutient l'idée, par rapport au magazine analysé, qu'il provoque chez les téléspectateurs le désir d'aller à la recherche de moyens alternatifs au travail formel, telle que l'informalité, en étant capable de suppléer l'individuel, ce qui renforce les relations précarisées de travail et, en même temps, donne de la force au mode de production capitaliste.

Mots-clés : Succès. Analyse du discours. Médias et l'idéologie. Production du sens. Médias et l'analyse du discours. Discours.

ABSTRACT

This thesis is grounded in theoretical and methodological assumptions Speech's Analysis (SA) of french line and analyzes the production of meanings about "success" in the labor market, in journalistic speech of Globo Repórter program, transmitted between 2008 and 2011, confronting the political and the symbolic in the relation among language, speech and ideology. The *corpus* analyzed constituted reportings' clippings presented to viewers of that program as standards of success and that point to the operation of journalistic speech as legitimating forms of hushing social conflicts, stimulating informal working relations and contributing to maintenance of dominant ideology. Thus, they have analyzed as the concepts of society and individuality, coined in contractualism, reconfigure and strengthen the speaking about individual power to become successful. We have taken the reflections of Pêcheux (1990a, 1990b, 1997a, 1997b, 2006, 2011), Orlandi (1983, 1996, 2001a, 2001b, 2002, 2012), Bourdieu (1997), Bauman (2001, 2009), Mészáros (2011a, 2011b) among others, on the requirements of featured in current's society and encouragement of television to individuality. This thesis analyzes as television program encourages viewers to seek alternative ways to formal working, as the informality, with emphasis to entrepreneurial character and to overcoming individual power, reinforcing, thus, precarious labor relations and strengthening capitalist way of production.

Keywords: Success. Media. Discourse analysis. Media and ideology. Production of sens. Media and Discourse analysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ANÁLISE DO DISCURSO (AD) E MÍDIA: “CONTRAINDO MATRIMÔNIO”	16
2.1	Revisitando o percurso histórico de uma disciplina de entremeio	16
2.2	Transitando entre categorias da AD	23
2.2.1	Formações ideológicas	24
2.2.2	Formações discursivas.....	25
2.3	Discurso e mídia: enfim bem acompanhados.....	31
3	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA.....	36
3.1	Condições de Produção do discurso	36
3.2	A imprensa e a noção de quarto poder.....	38
3.3	A Rede Globo de Televisão e seu Globo Repórter	43
4	A SOCIEDADE CAPITALISTA E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA NEOLIBERAL.....	55
4.1	Liberdade e igualdade individuais: o jus naturale como discurso dominante.....	55
4.1.1	Hobbes – o Estado protegendo o homem do próprio homem	60
4.1.2	Locke – liberalismo e jus naturale	64
4.1.3	Rousseau – o povo soberano.....	68
4.2	Do Liberalismo ao Neoliberalismo – o Estado e a responsabilidade individual	71
4.2.1	Alexis de Tocqueville – a livre associação contendo interesses classistas.....	72
4.2.2	John Keynes – a intervenção do Governo e o Estado de Bem-Estar	73
4.2.3	Friedrich von Hayek – Neoliberalismo, escolhas e consequências	76
5	ANÁLISE DISCURSIVA DO SUCESSO NA SOCIEDADE CAPITALISTA	79
5.1	A cigarra e a formiga: quem não trabalha não come	79
5.2	The brazilian way of life – brasileiro não desiste nunca.....	82
5.3	Empreendedores de sucesso: diferentes posições-sujeito numa mesma FD	84
5.4	Sentidos de sucesso no <i>Globo Repórter</i>: lições para formigas se tornarem cigarras	90
5.4.1	Emprego temporário: “vai ter com a formiga, ó preguiçoso”	91
5.4.2	O pão da salvação: “observa seu proceder e torna-te sábio”	95
5.4.3	Vai ter com a formiga: ela não tem chefe, nem inspetor, nem mestre	99
5.4.4	Motoboys: um exército de formigas.....	105
5.4.5	Ensinando formiguinhas	109
5.4.6	Quem descansa é cigarra	111
6	CONCLUSÃO.....	114
	REFERÊNCIAS.....	118
	ANEXO A – Princípios Editoriais das Organizações Globo	126
	ANEXO B – Matéria sobre declaração do Ministro da Administração interna de Portugal, Miguel Macedo	128

ANEXO C – Artigo sobre Resiliência	129
ANEXO D – Reportagens <i>Globo Repórter</i>.....	131
Emprego Temporário	131
Linhaça.....	132
Comerciante revela receita para sustentar a família	132
Caminhos da comida.....	134
Peixe é comercializado vivo na Ceagesp.....	134
De temporário a permanente.....	137
Brasileiros mostram que é possível transformar sonhos em realidade	139
Catador de lixo na infância vira respeitado engenheiro no Paraná	140
Empresário de 90 anos continua a frente de empresa que criou	142
Veja histórias de sucesso de motoboys que venceram na vida com a profissão	143
Alunos de 10 anos vendem cachorro-quente para viajarem nas férias.....	145
Brasil é o segundo país mais estressado do mundo.....	147
No ranking, os brasileiros perdem apenas para o Japão. O trabalho é apontado como umas das principais causas do mal que atinge o país.....	147
Diaristas são especialistas em 'matar um leão por dia', diz Ismar Madeira	150

1 INTRODUÇÃO

O discurso jornalístico pensado à luz da Análise do Discurso aponta para a necessidade de compreensão das condições de produção em que os ditos se constituem, produzem efeitos de sentido e são apreendidos.

Como espaço determinante na subjetivação da sociedade, a mídia se coloca como espaço para a materialização e circulação de sentidos pela sociedade, convocando-nos a refletir sobre sua atuação, as relações de poder que fundamentam sua prática e seu funcionamento ideológico.

As noções de objetividade e imparcialidade jornalística se defrontam com a impossibilidade de discursos transparentes, inequívocos, gerando debate e possibilidades de reflexão.

Esta tese, intitulada “**Eles conseguiram**”: análise discursiva dos efeitos de sentidos de ‘sucesso’ no *Globo Repórter*”, é fruto de inquietações desta pesquisadora sobre as posições aparentemente cristalizadas e da possibilidade de um olhar crítico sobre a prática jornalística, especialmente a da mídia televisiva.

Os recorrentes exemplos de pessoas bem-sucedidas e a convocação para que os indivíduos aderissem a posturas empreendedoras, configuravam-se, sob a ótica desta pesquisadora, como um fenômeno polissêmico que estimulava um olhar perscrutador e a adoção de uma abordagem teórico-científica para analisar como, em meio ao discurso da cientificidade, a imprensa assume uma posição pedagógica de mostrar a sociedade como se posicionar no mercado de trabalho.

Ao tempo em que silenciava um **exército de trabalhadores de reserva** (ANDERSON, 2008), interpelava-os a aderir ao projeto de mudança de vida e sociedade. O discurso de convocação para o sucesso circulava – e ainda circula – nos mais diferentes campos, com ênfase para a publicidade, a educação e a religião. Mas nos interessava compreender seu funcionamento no campo jornalístico.

Assistindo à televisão, as chamadas para as edições do *Globo Repórter* apresentavam uma recorrência: exemplos de profissionais a serem seguidos pela população. A diarista que comprou casa e computador economizando moedas, o agricultor que abandonou a lavoura para abrir seu próprio negócio, a manicure que foi para o exterior e comprou casa e carro são exemplos dos relatos apresentados pelo programa.

Inicialmente, o que chamou atenção foi a recorrência da temática, provocando a curiosidade sobre o processo ideológico de sustentação desses dizeres e de, por conseguinte, silenciamento das relações de trabalho na sociedade. O discurso jornalístico apresentava um novo trabalhador brasileiro. Mas o que havia mudado, afinal? O que era novo nessas relações? Quais as conquistas desses profissionais?

A recorrência, já no início das investigações, apontou para um enunciado que se repetia: ele conseguiu, ela conseguiu, enfim, **eles conseguiram**. Essa materialidade discursiva foi o ponto norteador do levantamento do *corpus* a ser analisado e convocou sentidos produzidos na sociedade capitalista, em diferentes países e diferentes regiões do Brasil.

O objeto de estudo eleito nesse processo foi o discurso jornalístico de televisão e os efeitos de sentido sobre o sucesso. Os pressupostos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, fundamentam a tese de que o programa *Globo Repórter* divulga, em suas edições, princípios liberais da sociedade, estimulando a concorrência entre indivíduos e apontando exemplos de superação individual, em meio a crise sistêmica do capitalismo. Em consonância com a lógica que apresenta os sujeitos empreendedores como sendo, nas palavras de Biagio (2012, p. 5),

um grupo de características comportamentais que todas as pessoas bem-sucedidas nos seus empreendimentos possuem e que os estudiosos costumam chamar de traços de personalidade empreendedora, que nada mais são do que habilidades que o empreendedor precisa desenvolver para ter sucesso nos seus empreendimentos.

A correspondência do discurso jornalístico com dizeres notadamente constituídos pela lógica neoliberal motivou a busca por uma leitura crítica da mídia e da sociedade. Assim, fez-se necessário abordar o que nomeamos como matrimônio da AD com a Mídia, por entendermos que este é um relacionamento de bases sólidas e interesses em comum – metaforicamente, podemos dizer que se institui pelo respeito mútuo e pela compreensão de que juntos são ainda melhores. Assim, a AD e a mídia foram teoricamente refletidas na interlocução com pensadores como Pêcheux (1990a, 1990b, 1997a, 1997b, 2006, 2011), Orlandi (1983, 1996, 2001a, 2001b, 2002, 2012), Bourdieu (1997), Bauman (2001, 2009), Mészáros (2011a, 2011b), entre outras contribuições para a análise do discurso, da televisão e da sociedade.

O *corpus* desta pesquisa é constituído a partir do material empírico utilizado na análise, composto por 28 sequências discursivas extraídas de 10 reportagens de diferentes edições do programa *Globo Repórter*, entre 14 de novembro de 2008 a 23 de setembro de

2011. Os textos das reportagens que compõe o material foram extraídos do *site* do programa *Globo Repórter*, conforme as edições iam sendo veiculadas.

Nesse intuito, o Capítulo 1 aborda o percurso histórico da AD, apresentando as principais categorias teórico-metodológicas convocadas nas análises, com ênfase na noção de formação discursiva e nas distintas modalidades discursivas. Nesse capítulo, abordamos ainda estudos discursivos que tomam o jornalismo como objeto de estudo e análise.

As reflexões sobre o dispositivo teórico-metodológico da AD, especificamente a noção de condições de produção (CP) do discurso, sobretudo as CP do discurso da televisão brasileira, estão no Capítulo 2 que aborda também as especificidades do campo jornalístico. A noção do jornalismo como quarto poder, os ideais de objetividade jornalística, história da Rede Globo – sua proximidade com o poder, princípios editoriais e lógica de empresa familiar – são abordados, apontando pistas para a compreensão do funcionamento discursivo do *Globo Repórter* e para a força da televisão junto à sociedade, como afirma Bourdieu (1997, p. 23-24),

a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos.

As discussões sobre essa sociedade que privilegia o superficial e que silencia conflitos sob a forma de evidência de consenso e acordo foram estabelecidas no Capítulo 3, destacando a formação ideológica do capital e refletindo sobre a influência dos postulados do *jus naturale* na constituição da sociedade moderna. Nessa reflexão, cinco sequências discursivas extraídas de edições do *Globo Repórter* foram utilizadas para ilustrar e auxiliar a discussão desses postulados na circulação dos sentidos de individualidade e autodeterminação dos sujeitos.

Ainda no Capítulo 3, foram abordadas reflexões sobre o liberalismo clássico e, posteriormente, a constituição dos ideais neoliberais na sociedade capitalista. A compreensão do funcionamento discursivo de que há, na sociedade, liberdade para os sujeitos fazerem escolhas frente a oportunidades disponibilizadas foi decisiva para entender o discurso de que cabe apenas a esses sujeitos lutarem por oportunidades na sociedade.

Assim, segundo Fromm (2008, p.137-8, Tradução Livre, grifo nosso),

o homem se sente como uma coisa a ser empregada com sucesso no mercado, e não como um agente ativo, como o portador de poderes humanos. Está alienado desses poderes. O sentido que tem em si mesmo não

vem de sua atividade como um indivíduo que a ama e pensa, mas de seu papel sócio-econômico [...] O sentido que tem de seu valor depende do seu **sucesso**: se ele pode vender a si próprio em condições vantajosas, se pode fazer de si mesmo mais do que era quando começou, se ele é um sucesso. Seu corpo, sua mente e sua alma são o seu capital, e sua tarefa na vida é investi-lo vantajosamente, tirando lucro de si mesmo [...] Se o indivíduo falha em seu investimento lucrativo de si próprio, ele sente que é um falido; se é bem-sucedido, ele é um sucesso. Mais claramente, seu senso do próprio valor sempre depende de fatores estranhos a ele, do inconstante **juízo de mercado, que decide sobre o seu** valor como decide sobre o valor das mercadorias¹.

O Capítulo 4 busca desvelar os sentidos sobre o discurso do sucesso, na sociedade e, particularmente, no *Globo Repórter*. A noção de sucesso é tematizada e são convocados discursos outros que sustentam o funcionamento ideológico sobre **perseverança, superação e resiliência**. Do *american way of life* – propalado modelo de vida dos norte-americanos, foi desenvolvida reflexão sobre o que nomeamos de *brazilian way of life* – uma reconfiguração, em solo brasileiro, do modo individualista de configuração das relações, especificamente as de trabalho.

Assim, tomou-se o enunciado **sou brasileiro e não desisto nunca**, do discurso publicitário, para se compreender essa reconfiguração de identidade nacional. O enunciado dialoga com o artigo de Gilberto Dimenstein (2009), publicado na Folha de São Paulo, que apresenta uma nova característica dos sujeitos – a resiliência – e como este saber é incorporado à Formação Discursiva do Mercado.

A propaganda do Sebrae explorou os sentidos de sucesso – a partir do **Sucesso da Clarissa** –, o discurso pedagógico presente na instituição e também no discurso jornalístico. Além desses enunciados, recorreu-se à referencialidade da fábula da **Cigarra e a Formiga** para as análises das demais edições do *Globo Repórter*. O discurso de persistência das formigas e do ócio da cigarra convoca o discurso da fábula atualizado na declaração do ministro da Administração de Portugal, Miguel Macedo, em setembro de 2012, fazendo

¹ *Man experiences himself as a thing to be employed successfully on the market. He does not experience himself as an active agent, as the bearer of human powers. He is alienated from these powers. His aim is to sell himself successfully on the market. His sense of self does not stem from his activity as a loving and thinking individual, but from his socio-economic role. [...] That is the way he experiences himself, not as a man, with love, fear, convictions, doubts, but as that abstraction, alienated from his real nature, which fulfills a certain function in the social system. His sense of value depends on his success: on whether he can sell himself favorably, whether he can make more of himself than he started out with, whether he is a success. His body, his mind and his soul are his capital, and his task in life is to invest it favorably, to make a profit of himself. [...] If the individual fails in a profitable investment of himself, he feels that he is a failure; if he succeeds, he is a success. Clearly, his sense of his own value always depends on factors extraneous to himself, on the fickle judgment of the market, which decides about his value as it decides about the value of commodities.*

escapar os sentidos da fábula em meio à crise econômica, especificamente na Europa, e mostra a atualidade do discurso sobre o sucesso.

Norteiam este trabalho científico, o silenciamento sobre as condições materiais de existência dos indivíduos e a interpelação ideológica que fornece evidências de que é unicamente do sujeito a responsabilidade por seu desenvolvimento pessoal, tendo em vista que a televisão contribui para a dissimulação e a divisão interna da sociedade instituída em classes sociais, ao se constituir como um veículo de divulgação da ideologia dominante ao tempo em que veicula os ideais neoliberais de liberdade individual e autodeterminação.

Com esta tese, esta pesquisadora espera contribuir para “desvelar o percurso dos sentidos”, nos termos de Orlandi (2012), agudizar o debate acerca da produção de sentidos do discurso jornalístico e estimular a reflexão, tanto na prática dos profissionais quanto na audiência de telespectadores. Para que aquilo que se diz em televisão não tenha o sentido de verdade absoluta, todavia, seja considerado como interpretação a partir de condições sócio-históricas estabelecidas.

2 ANÁLISE DO DISCURSO (AD) E MÍDIA: “CONTRAINDO MATRIMÔNIO”²

*Não há dominação
sem resistência:
primado prático da luta de classes,
que significa que é preciso
“ousar se revoltar”.
Ninguém pode pensar
no lugar de quem quer que seja:
primado do inconsciente,
que significa que é preciso suportar
o que venha a ser pensado,
isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”.*

Michel Pêcheux (1997, p. 304)

2.1 Revisitando o percurso histórico de uma disciplina de entremeio

Para analisarmos os efeitos de sentido produzidos pelo discurso sobre o “sucesso”, no programa *Globo Repórter*, transmitido pela Rede Globo de Televisão, partimos da concepção de que os dizeres não são meramente mensagens a serem decodificadas e que esses são efeitos de sentidos num momento sócio-histórico determinado, que aponta o que foi dito naquele momento e lugar, mas também em outros momentos e outros lugares; e mais, se relaciona também com o que não foi dito. Esses sentidos produzidos se relacionam ao que foi – ou não – dito, mas também à sua exterioridade. Como afirma Orlandi (2001b, p. 30), “as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”.

Para trabalharmos nessa concepção, esta tese filia-se à perspectiva discursiva da análise do discurso de linha francesa (AD), cujo surgimento se deu no final da década de 1960, na França, num momento histórico de domínio do estruturalismo nos diversos campos do conhecimento, como na Linguística e nas Ciências Humanas.

Entretanto, apresentar uma filiação pecheutiana aos estudos discursivos pode não deixar evidenciado de que lugar se está falando. Uma vez que, a proposta inicial de análise do discurso apresentada por Michel Pêcheux³ foi reformulada em obras seguintes (1990, 1997a,

² O título do capítulo faz referência à jocosa reflexão de Michel Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2006, p. 16), ao observar que o marxismo, que antes trabalhava sozinho, “hoje procura casar-se ou contrair relações extraconjugais”.

³ Há críticas ainda ao fato de que Pêcheux teve a colaboração de outros teóricos nas reflexões que o levaram à elaboração do projeto da AD. Ao atribuir os estudos da Análise do Discurso a Pêcheux, convoco a reflexão de Denise Maldidier (2003), sobre a atuação do filósofo na produção de conhecimento. Segundo a autora (p. 16,

1997b, 2006) e chegou ao Brasil, a partir da década de 1980, inicialmente por Orlandi (1983), cujos estudos mantiveram e deram suporte à referência pecheutiana à análise do discurso, no Brasil, de tal sorte que, segundo Ferreira (2003), se ouve falar muito de Pêcheux na América Latina e, mais fortemente, no Brasil.

Segundo essa autora (2003, p. 41), “com o desaparecimento de seu principal pensador, em 1983, houve um natural esvaziamento do grupo de pesquisa, liderado por ele, a tal ponto que, hoje, na França, não se ouve mais falar em Pêcheux”.

Nota-se que o projeto da AD tem sofrido, ao longo dos anos, alterações e (re)tomadas que fazem necessário explicitar de que análise do discurso se está falando. Uma vez que, como afirma Silva Sobrinho (2007, p. 29), “sabemos que a AD não é praticada de modo homogêneo, existindo hoje inúmeras derivas que se consolidam, cada vez mais, após a morte de seu iniciador”. As próprias reflexões sobre essas alterações têm configurado, como lembra Silva Sobrinho, demarcações de posições nos trabalhos de autores que refletem sobre “discurso, sujeito e produção de sentidos” e destaca a questão da polissemia do termo “discurso”, gerando várias possibilidades de abordagem.

O estudo do discurso – tomado pela AD como seu objeto próprio de estudo – em que lhe interessa o funcionamento da língua na produção de sentidos –, no entanto, já havia sido objeto de estudo em outros momentos anteriores, em épocas diferentes e segundo diferentes perspectivas. Deste modo, a abordagem discursiva não se mostra homogênea nem quando se apresenta como análise do discurso de linha francesa, uma vez que não seria a nomenclatura de uma única corrente teórica, como explicitam Florêncio et al. (2009, p. 18), ao afirmar que “nos anos 60 e 80, na França, a partir de diferentes pressupostos teóricos (semiótica, linguística, lexicologia) vários teóricos franceses [Lévi-Strauss, Todorov, Barthes, Greimas, Dubois, entre outros] realizavam trabalhos de análise de discursos”.

A análise de discurso de linha francesa teve filiação dupla, a partir de dois marxistas, com influência althusseriana: o linguista Jean Dubois e as reflexões e discussões do grupo articulado por Michel Pêcheux, filósofo, autor do texto *Análise Automática do Discurso – AAD69*. Naquele período histórico, o estruturalismo passava por seu auge e apresentava-se como paradigma de reflexão, especialmente para os intelectuais franceses.

A diferença entre a posição de Dubois, que pensava em uma AD dentro de um *continuum* que, em sua concepção, seria um progresso possível na linguística. Seria então a

grifo nosso), “Michel Pêcheux amava o trabalho comum. Ele escreveu bastante com amigos, com colaboradores. Não tentarei distinguir as palavras de uns e de outros. Falarei pois em todos os casos dos **textos de Michel Pêcheux**”.

passagem do estudo das palavras (a lexicologia) ao estudo dos enunciados (a análise do discurso). Para Pêcheux, entretanto, o estatuto da AD seria um rompimento epistemológico com as ciências humanas, sobretudo com a psicologia. Como resume Melo (2011, p. 30), “mais globalmente, é a maneira de teorizar a relação da linguística com um exterior, que diferencia as duas AD”.

A possibilidade de se tomar o discurso por múltiplos significados já constitui uma dificuldade para a compreensão do enfoque teórico a que se propõe. Dominique Maingueneau (1997, p. 13) alertou sobre o risco dessa multiplicidade interferir na compreensão do nome e na reflexão sobre a teoria. Para o autor, a análise do discurso

viu, sem desagrado, expandir-se o campo de sua denominação, sem perceber, de imediato, o perigo que isto representava para o reconhecimento de sua especificidade [...] hoje parece necessário precisar melhor os critérios para analisar a experiência que realiza. Caso contrário, na ausência de critérios um pouco drásticos de exclusão, em breve ela será apenas uma etiqueta desprovida de qualquer sentido.

Em seu início, a AD trouxe uma abordagem pós-estruturalista da linguagem, que passou a ver o discurso não apenas como estrutura – com o sentido restrito à linguagem verbal – mas também como acontecimento, ao tomar para análise o extralinguístico, como as condições de produção⁴ do discurso.

O texto de Pêcheux, assim como a revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, apresentaram-se como rupturas na lógica de exclusão do sujeito dentro no estruturalismo. A deliberada exclusão seria a resposta teórica para o entendimento de que o sujeito apresentaria fatores que poderiam tornar as teorias suscetíveis a questionamentos quanto à análise do objeto científico.

Segundo Ferreira (2003), os questionamentos que passaram a surgir nas ciências humanas e o movimento maio de 1968 levaram o sujeito à posição central do novo cenário intelectual. A questão do sujeito passa a ser tomada pela linguística, no campo do discurso, articulando-o à língua e a história.

Para a autora (2003, p. 40),

do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD

⁴ A noção de condições de produção será abordada de modo mais sistemático no capítulo II, intitulado “Condições de Produção da Televisão Brasileira”, iniciado na página 35.

busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a lingüística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época.

O “campo de questões” aberto pela análise do discurso se constitui na relação entre a lingüística, o marxismo e a psicanálise. Ao articular a materialidade lingüística, o histórico-social e a teoria psicanalítica do sujeito, a AD apontou para o funcionamento da língua em relação a fatores sociais e a um sujeito historicamente constituído.

Segundo Jean-Jacques Courtine (2006, p. 9, grifo do autor), “a análise do discurso é uma prática da leitura dos textos políticos, e até mesmo um pouco mais: **uma política da leitura**”. Para ele, a preocupação com a questão do discurso se fortaleceu na conjuntura política específica que levou ao maio de 68, numa época em que, ainda segundo ele, “o discurso flutuava perdido no espaço” (2006, p. 9).

Toda a exasperação de discursos que circulavam nas ruas pretendia ecoar nas universidades. Os questionamentos surgiam: “o que é discurso teórico? E, sobretudo, o que é ler? Como reconhecer, em sua leitura, um discurso científico?” (COURTINE, 2006, p. 10). A proposta de uma forma distinta de **ler** – o mundo, a realidade, os dizeres – impregnou a análise do discurso.

Inicialmente, a AD buscou no discurso político francês seus objetos empíricos, a partir do que Courtine denomina de **escritos doutrinários**. Os *corpora* da AD se constituíram, basicamente, por escritos, “freqüentemente [sic] extraídos do discurso político francês contemporâneo, com uma predileção insistente pelos discursos dos partidos de esquerda francesa, algumas incursões no discurso pedagógico ou científico” (COURTINE, 2006, p. 11). Courtine esclarece que, nesta fase, havia também uma predileção por trabalhos de historiadores que se centravam na revolução francesa.

Mesmo não sendo o único objeto de estudo, o discurso político era a preocupação central dos analistas do discurso da época. No final da década de 1960, uma articulação se estabelecia entre as pesquisas lingüísticas e o marxismo. Courtine aponta para o fato de maio de 68 ter sido “a primeira ‘revolução’ midiaticizada” para explicar como, naquele período histórico, os discursos produzidos carregavam a efervescência política. Para o autor, “foi uma revolução discursiva – uma exasperação da produção de discursos, uma multiplicação de sua circulação, uma inundação verbal que enchia as ruas e as mídias” (2006, p. 52).

Os ecos na produção teórica se intensificaram a partir da ideia de que a crítica dos discursos seria a “primeira tarefa de qualquer crítica” e do fortalecimento dos questionamentos sobre a relação entre discurso e ideologia. Com a releitura de Louis Althusser d’*O Capital*, de Marx, apontou-se pistas para significativos questionamentos quanto aos discursos ideológicos e científicos. Em *Lire Le Capital*⁵ (1968), Althusser afirma ser necessário romper com “o mito religioso da leitura” e questiona se, ao romper essa ligação, “uma nova concepção do discurso se tornaria possível?”.

A proposta inicial de Michel Pêcheux o mantinha na tensão, ainda segundo Courtine (2006, p. 55), de querer

cumprir, absolutamente ao mesmo tempo, uma função política e crítica e uma função científica ‘positiva’; quis sustentar o conjunto, cimentar a aliança entre uma teoria marxista do discurso, uma leitura engajada dos textos, por um lado, e uma análise automática do discurso, por outro.

A proposta era de análise a partir de um “dispositivo neutro” que faria o reconhecimento das frases. Essa “máquina de leitura” era pensada como responsável por uma “leitura (informaticamente) dessubjetivada”. Numa posição instável de constituição, a proposta teria se tornado “insustentável, quando começa a desabar pouco a pouco, minado pelos acontecimentos políticos e pelas transformações ideológicas, o projeto de uma teoria do discurso”, nos termos de Courtine (2006, p. 55).

O objetivo de Pêcheux, ao desenvolver a análise automática do discurso, era conceber, para as ciências sociais, um instrumento dotado de cientificidade. Como afirma Paul Henry (1990, p. 18), “Pêcheux visava a uma transformação da prática nas ciências sociais, uma transformação que poderia fazer desta prática uma prática verdadeiramente científica”. Para ele, as ciências sociais se encontravam num estágio de pré-cientificidade.

O percurso teórico de Pêcheux é marcado por retomadas, questionamento e alterações. Como lembra Malidier (2003, p. 16), “ele, progressivamente, o [projeto] amadureceu, explicitou, retificou”. Assim o fez ao publicar *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas*, em parceria com Catherine Fuchs, em 1975. O texto, logo em sua introdução, aponta para a necessidade de uma “reformulação de conjunto” e da indicação das bases para essa nova formulação, “à luz dos desenvolvimentos recentes, freqüentemente [sic] não-publicados, da reflexão entre a linguística e a teoria do

⁵ No Brasil, *Lire le Capital*, foi traduzido para o português e publicado com o título *Ler o Capital* (2 volumes, Rio de Janeiro, Zahar, 1979).

discurso” (1990, p. 163). Nessa reflexão, Pêcheux e Fuchs apontam para a necessidade “indispensável” de uma linguista naquela etapa de reflexão.

Nesse texto, os autores supracitados (1990, p. 163-4), apresentam ao quadro epistemológico da Análise do Discurso na articulação de três regiões do conhecimento científico, as seguintes reformulações:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

A apresentação do quadro epistemológico prossegue com a inclusão de um outro elemento. “Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 164). Assim, os autores apontam para a questão central da proposta, a leitura, na sua relação com o sujeito.

Nesse percurso de reformulações e redefinições a análise do discurso passou por três fases distintas, apresentadas no texto *A Análise de Discurso: três épocas* (1983). Na AD-1, teria como ponto de partida “um *corpus* fechado de sequências discursivas, selecionadas (o mais freqüentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema), num espaço discursivo supostamente dominado por **condições de produção** estáveis e homogênas” (PÊCHEUX, 1990a, p. 312, grifo do autor). Na mesma página, o filósofo toma como exemplos os “discursos políticos sob a forma de discursos políticos-doutrinários”.

A segunda fase da análise do discurso não apresenta muitas alterações quanto aos procedimentos adotados na primeira fase. Segundo Pêcheux (1990a, p. 315, grifo do autor), nesta fase, “do ponto de vista dos procedimentos, a AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível de **construção** dos *corpora* discursivos”. A terceira fase apresentada por Pêcheux é pontuada por muitos questionamentos, “muitos pontos de interrogação”. Nela, o centro da abordagem são as formas linguístico-discursivas do **discurso-outro**, a partir de desenvolvimentos teóricos de reflexão sobre a “heterogeneidade discursiva”.

Em julho de 1983, Pêcheux apresenta o texto *Discourse: structure or event?*⁶, escrito para a Conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: limites, fronteiras, restrições”, na Universidade de Illinois. Na conferência marxista, Pêcheux tece críticas ao marxismo o que, pode ser interpretado como um afastamento daquela teoria. Segundo ele (2006, p. 39), Marx deveria ser considerado como o primeiro teórico marxista, “a despeito da famosa frase pela qual ele rejeitou este adjetivo categorizante, que certos companheiros seus haviam forjado enquanto ele vivia, por derivação a partir de seu próprio nome”.

De acordo Silva Sobrinho (2007, p. 33, grifo do autor), as observações endereçadas ao marxismo, como “ciência régia”, foram críticas à prática do Partido Comunista que resultou em dogmatismo e ditadura. Para o autor,

parece-nos problemático reduzir a toda a teoria de Pêcheux ao seu último texto, escrito justamente para uma conferência marxista. [...] Em nosso *gesto de leitura*, consideramos que a crítica de Pêcheux incidia sobre o marxismo stalinista e as práticas do Partido Comunista. Sendo assim, não negligenciou Marx e, por isso, suas críticas não podem ser tomadas como censura capaz de interditar o diálogo com esse autor.

A filiação ao marxismo está na obra de Pêcheux (2007, p. 35), como vimos, desde a consolidação do quadro epistemológico e pode ser destacada na preocupação com o desconhecimento/apagamento da questão da luta de classes e sinaliza ainda que “a maioria das materialidades discursivas analisadas é produzida na sociedade capitalista e, por isso – longe de reduzir ou restringir o marxismo pelo conceito de lutas de classes – temos de enfatizar que tais discursos carregam as contradições das relações sociais”.

Mas as reflexões e retomadas no projeto da análise do discurso apontaram para uma mudança nos objetos da AD. No mesmo *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2006, p. 48) sinaliza para essa mudança, para a entrada de discursos diferentes dos políticos doutrinários. E não só na AD, como na história, na sociologia e nos estudos literários, “aparece cada vez mais explicitamente a preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso”.

A proposta de Michel Pêcheux é que as práticas da análise de discursos não estivessem apenas no discurso político, mas também no discurso do cotidiano. Maldidier (2003, p. 75) afirma que essa proposta trazia ainda a lembrança da

⁶ O texto foi traduzido para o português, por Eni Orlandi, e publicado no Brasil com o título *O Discurso: estrutura ou acontecimento*.

ferida política ainda muito próxima, a ruptura da união da esquerda e o desaparecimento [sic] de uma certa maneira de fazer política. Longe de levar à renúncia, a reflexão crítica de Michel Pêcheux vai produzir uma “mexida” nos próprios [sic] objetos da análise de discurso. Ele chama para a saída do estudo doutrinário, a voltar-se para o formigamento dos discursos ordinários, o exame das falas anônimas, o conversacional.

Filiamo-nos à perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD) em que os sentidos das palavras é resultado das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos, no processo sócio-histórico, em que a ideologia fornece evidências para o entendimento de que as palavras têm sentidos determinados.

Uma vez que, como afirma Orlandi (2012, p. 27-8), filiada a essa perspectiva teórica, o “discurso é efeito de sentidos entre locutores e isto acarreta toda uma declinação teórica do que é sujeito, do que é sentido, do que é memória, do que é história [sic], do que é sociedade, do que é ideologia, do que é língua, etc.”, para abordarmos a base teórico-metodológica a que se filia esta tese, faz-se necessário apresentar, inicialmente, as concepções que norteiam a pesquisa.

2.2 Transitando entre categorias da AD

A análise do discurso se constitui entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, como aponta Orlandi (2001b), uma vez que compreende a língua em sua própria ordem, relativamente autônoma, e em articulação com sujeito e a situação; pressupõe, ainda, a partir do materialismo histórico que esse sujeito funciona pela ideologia e pelo inconsciente.

Como vimos no percurso teórico-metodológico, a constituição do projeto da AD representou uma ruptura de paradigmas que se deu, não só na linguística, mas, ainda de acordo com Orlandi, nas demais disciplinas que se deparem com questões da linguagem e da interpretação. Para a autora (2012, p. 23), “a análise de discurso, proposta por M. Pêcheux, se faz no entremeio das disciplinas e as afeta em seus métodos de interpretação, na medida mesma em que articula linguagem com ideologia, praticando a análise de suas materialidades”.

Para a autora, cabe à Análise do Discurso desvelar o percurso dos sentidos; a forma como se articulam os textos; porque os textos produzem sentidos e quais os sentidos produzidos por eles, remetendo-os ao discurso e analisando a exterioridade em que eles produzem sentidos. Isso se dá porque a concepção de língua, para a AD não é a concebida

como sistema abstrato, mas a língua como parte do mundo e da existência dos homens, enquanto sujeitos ou membros de uma sociedade.

No confronto entre o simbólico e o político, essa perspectiva relaciona a linguagem à exterioridade, considerando o homem em sua história, as condições de produção da linguagem, as relações entre língua e sujeitos falantes e as situações em que o dizer é produzido.

2.2.1 Formações ideológicas

Na concepção da análise do discurso, a língua não é tratada com sistema fechado em si mesmo. Seu objeto, o discurso, é sócio-histórico e o linguístico atua como pressuposto de funcionamento. Na AD, a sociedade e a história não são tomadas como instâncias independentes daquilo que elas significam. Pois, são as posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas/reproduzidas que determinam o sentido delas. Como resume Pêcheux (1997a, p. 160, grifo do autor),

as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às **formações ideológicas** [...] nas quais elas se inscrevem.

Não há relação de literalidade na constituição de sentidos das palavras. São as posições ideológicas que sustentam esses dizeres e fazem produzir os sentidos das palavras, não na forma de ser dos indivíduos, e sim organizados em **formações** que mantêm relações de “antagonismo, de aliança ou de dominação”. Os autores têm, nesse momento do projeto, direta interlocução com Althusser e afirmam que “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a **posições de classes** em conflito” (1990, p.166, grifo do autor).

As formações ideológicas (FI) são expressões da conjuntura ideológica, das práticas sociais concretas, de uma formação social. Nas palavras de Marx e Engels (1998, p. 48), os valores, expressões e atitudes na sociedade são as da classe dominante. Assim,

os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes

consideradas sob a forma de ideias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante.

Em suma, as formações ideológicas são as posições em que os sentidos se inscrevem e que se materializam no discurso. São sustentadas nela os dizer e as falsas evidências de que há unicidade de sentidos, ausência de conflitos e nenhuma contradição de classe. Na sociedade capitalista, segundo Amaral, “as relações estabelecidas sob essa ordem (capitalista), pois, se efetivam no embate das duas formações ideológicas fundamentais – a do capital e a do trabalho – em função de interesses divergentes” (2005, p.43).

Assim, as formações ideológicas dominantes estão em relação com a classe burguesa – a da classe dominante – e são estabelecidas pela figura do capital e nos valores por ela estabelecidos. As posições ideológicas apontam para sentidos que se configuram como literais, automáticos. Todavia, segundo Pêcheux (1997, p. 160, grifo do autor),

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos **o caráter material do sentido** das palavras e dos enunciados.

O caráter material do sentido se dá pelo mascaramento dessas evidências de transparência para o sujeito e depende constitutivamente do que Pêcheux nomeia de “todo complexo das formações ideológicas”. Os discursos produzidos evidenciam as posições em que os sujeitos se colocam – ou são colocados (FLORÊNCIO *et al.*, 2009). As FI organizam as posições políticas e ideológicas e são suportes para as formações discursivas.

2.2.2 Formações discursivas

Essa dependência entre **formações ideológicas** e **formações discursivas** se constitui nas noções de que o sentido não se encontra “em si mesmo” e que palavras e enunciados adquirem sentido em referência às **formações ideológicas**. Pêcheux (1997a, p. 160) resume essa tese dizendo que

as palavras, as expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às **formações ideológicas** (no sentido definido mais acima) nas

quais essas posições de inscrevem. Chamaremos, então, **formação discursiva** aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina **o que pode e deve ser dito** (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

A reflexão de Pêcheux sobre esses espaços de significação evidenciam a relação entre os dizeres e a realidade em que eles são produzidos – **“numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes”** (grifo nosso). O discurso sobre o sucesso, veremos, se inscreve na , definida por Florêncio et al., “em seu caráter confuso e polêmico de defesa da liberdade”. Mas se manifesta em diferentes formações discursivas.

Cada formação ideológica comportará um ou mais formações discursivas e onde se estabelecerão os sentidos aceitos – ou não – por uma formação dominante. Isto significa dizer que, uma mesma palavra ou expressão poderá ter diferentes sentidos porque uma mesma expressão (ou palavra) mudará de sentido ao passar de uma para outra formação discursiva, uma vez que elas vão buscar os sentidos nas formações ideológicas nas quais se inscrevem.

A noção de formação discursiva é polêmica na análise do discurso e fundamental para a compreensão do processo de produção de sentidos em sua relação com a ideologia. Segundo Orlandi, a FD “também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidade no funcionamento do discurso” (2001, p. 43).

A noção de FD foi, segundo o próprio Pêcheux, “emprestada a Foucault pela análise do discurso”. Segundo o autor, essa noção “derivou muitas vezes para a idéia [sic] de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição” (2006, p. 56).

A noção de FD em Foucault é estabelecida a partir de regularidades, como correlação, funcionamento, ordem e transformação. Para estudá-las, Foucault (2009, p. 43, grifo do autor) propõe examinar as formas de repartição e descrever o que chama de sistemas de dispersão. E assim, explica o que, para ele é a FD:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma **formação discursiva**.

A noção de FD para Foucault, portanto, está atrelada às regularidades e afasta o caráter da ideologia. Mesmo falando em transformação, a posição do filósofo era do primado da regularidade, assim, mesmo a transformação estaria submetida à regra da regularidade.

Em Pêcheux, a noção-conceito de FD passa, assim como a própria AD, por reformulações. Em um primeiro momento, no texto que publica com Catherine Fuchs, a questão da FD está, necessariamente, atrelada à questão da ideologia.

Para os autores (1990, p. 166-167, grifo dos autores),

a *espécie* discursiva pertence ao **gênero** ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...], a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de **condições de produção** específicas.

A articulação da FD, já no projeto inicial da AD, tinha a ideologia como pressuposto. Vimos, em citação anterior da obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, ao refletirmos sobre as formações ideológicas, que a noção de FD corresponde a um domínio de saber que regula o que pode e deve ser dito em enunciados que representam a articulação com a ideologia vigente.

Nessa obra, Pêcheux convoca a noção de sujeito para explicar a noção de FD. Segundo Indursky, “essas duas noções estão fortemente imbricadas nesta fórmula teórica. Mais especificamente: **é por meio da relação do sujeito com a formação discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso**” (2011, p.81, grifo nosso). Isto porque, o sujeito é interpelado em sujeitos de seus discursos pelas FD que materializam na linguagem as FI que lhe são correspondentes.

Ou ainda, como afirma Pêcheux, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a **formação discursiva** que o domina” (1990, p. 163, grifo nosso). Essa identificação, segundo o autor, se dá pela **forma-sujeito** do discurso. Em *Semântica e discurso*, essa noção estava carregada de bastante unicidade, como se pode constatar quando o autor apresenta a questão da **tomada de posição**. Segundo Pêcheux (1990, p. 172, grifo nosso):

Nessas condições, a tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo que ele “toma consciência” e a propósito do que ela toma posição, é fundamentalmente

homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito – como “tomada de consciência” de seus “objetos” – é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ela designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade **no próprio interior do sujeito**.

Esse posicionamento sobre a forma-sujeito carregada de unicidade é decisiva para a compreensão, neste momento da teoria, da noção de formação discursiva. Indursky explica que “pensar a forma-sujeito dotada de unicidade implica, de imediato, entender a formação discursiva fechada e homogênea” (2008, p. 12). Esta concepção toma a possibilidade de reduplicação da identidade e, conseqüentemente, só teríamos os mesmo sentidos. Não há, nessa formulação, espaço nem para a alteridade, nem para a contradição e nem para a diferença.

É curioso observar que, na mesma obra, Pêcheux aponta para diferentes modalidades desta tomada de posição, relativizando a “reduplicação da identificação”. Como afirma Indursky (2011, p. 83),

percebe-se que, por trás deste desejo, pois certamente a unicidade é da ordem do desejo e do imaginário do sujeito, o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão do sujeito se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na formação discursiva em que se inscreve.

Essas modalidades de tomada de posição são nomeadas por Pêcheux como “bom sujeito” e “mau sujeito”. Na primeira tomada de posição, haveria uma “superposição” entre o sujeito do discurso e sua forma-sujeito, ou seja, uma plena identificação do sujeito do discurso com a FD que o afeta.

Como explica Pêcheux, essa primeira modalidade “consiste numa superposição (um recobrimento) **entre sujeito da enunciação e sujeito universal** [...] essa superposição caracteriza o discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito” (1990, p. 215, grifo do autor). Ou seja, uma reduplicação da identificação, conforme a reflexão inicial do autor.

Ao contrário do “bom sujeito”, a segunda modalidade apresentada por Pêcheux (1990, p. 215, grifo do autor) se contrapõe à forma-sujeito e aos saberes organizados por ela no interior da FD. Esta segunda modalidade, nomeada de “mau sujeito” é, pois, caracterizada pelo

discurso no qual o **sujeito da enunciação** “se volta” **contra o sujeito universal** por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma **separação** (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) **com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”**.

O sujeito é conduzido a uma contra-identificação com os saberes constituídos no interior da FD e questiona esses saberes inserido no interior dessa mesma FD. A repercussão dessa possibilidade de contra-identificação está evidenciada na Ao contrário da superposição perfeita que se dá na primeira modalidade, nessa segunda, a superposição se dá de forma incompleta, onde se dará, segundo Indursky (2011, p. 84),

um certo recuo que permite a instauração da diferença da diferença, as quais são responsáveis pela instauração da contradição no âmbito dos saberes da Formação Discursiva e, conseqüentemente, pelo surgimento de posições-sujeito no interior da Formação Discursiva. Ou seja, esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade e isto resulta numa FD heterogênea.

Comungamos da reflexão de Indursky que, embora Pêcheux apresente essas duas modalidades de tomada de posição, o mau sujeito e o bom sujeito, tomando a formação discursiva como um domínio de saber heterogêneo, perceber-se-á que, no interior de uma mesma FD – e isto se dá durante as análises – poderão ser identificadas mais de duas posições-sujeito. Indursky afirma que não crê que “ainda seja possível, nos dias de hoje, trabalhar com uma FD fechada e homogênea [...], nem mesmo é desejável o fechamento de uma máquina discursiva, embora seja muito mais fácil trabalhar desta maneira” (2011, p. 89).

Uma terceira modalidade é apresentada por Pêcheux (1997a, p. 217-218) como um processo de **desidentificação** com a formação discursiva. Segundo ele, essa modalidade seria constituída por um trabalho de **transformação-deslocamento** da forma-sujeito, não significando apenas sua anulação. Assim,

a ideologia – “eterna” enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpretação [sic] dos indivíduos em sujeitos – não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas.

O sujeito se desidentifica⁷ com a formação discursiva a que se encontrava, anteriormente, identificado, no processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos. Assim,

⁷ Ao contrário das modalidades anteriores – bom e mau-sujeito – essa terceira modalidade, não nomeada por Pêcheux, foi apontada por Maurício Beck, em sua tese de doutorado, intitulada “Aurora Mexicana. Processos

para estabelecer as posições-sujeito dos discursos far-se-á necessário debruçarmo-nos sobre as materialidades linguísticas e analisar as condições de produção desses discursos. Como Indursky afirma “é do encontro entre sujeito, história e linguagem que vai ser possível estabelecer as diferentes posições-sujeito e inscrevê-las no interior de uma ou mais FD”.

No texto *Remontemos de Foucault à Spinoza*⁸, Pêcheux revê a noção de ideologia e, conseqüentemente, a de FD. O autor afirma que “toda a prática da luta de classes sobre o terreno da ideologia o confirma: uma ideologia é não-idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários” (2011, p. 187). Pêcheux assim mostra o caráter heterogêneo da ideologia e a contradição que a constitui, pela diferença e a divisão que são características da ideologia.

A contradição inerente à ideologia se manifesta no modo como o sujeito se constitui na sociedade atual. O sujeito da modernidade se apresenta na ambigüidade de que ele determina o que diz, ao mesmo tempo em que é determinado pela exterioridade de seu dizer. Nas palavras de Orlandi, “a forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso” (2001, p. 50). A autora faz referência ao assujeitamento que se dá pelo processo de interpelação do sujeito pela ideologia.

Esse processo se manifesta na forma como o sujeito da modernidade se apresenta, ou seja, em sua forma-sujeito – designada por Althusser como a forma de existência histórica de um indivíduo, agente de práticas sociais em sua **forma de sujeito** (ALTHUSSER, 1985). O sujeito moderno se apresenta, não mais na forma-sujeito religioso, da Idade Média, e sim na forma-sujeito jurídico.

Esse deslocamento de forma-sujeito se dá pelas transformações nas relações sociais e no surgimento de um sujeito-de-direito com responsabilidades e vontades. Haroche explica que “o aparelho religioso não é mais capaz de, por si mesmo, enquadrar o sujeito [...]: o Estado, diante da situação nova que se oferece a ele, deve tentar, no contexto dos nacionalistas burgueses, estabelecer formas de controle do sujeito” (1992, p. 182).

Os sujeitos passam a ser subordinados às leis e ao Estado e não mais a crença em Deus, através do discurso religioso. Essa substituição, segundo Haroche, teria por objetivo

de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: o exemplo do discurso zapatista”, como o **sujeito feio**.

⁸ O trabalho, de 1980, utilizado nesta tese remete ao artigo publicado em *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-sujeito de formação discursiva*, organizado por Roberto Leiser Baronas e publicada em 2011.

manter o controle sobre a possibilidade de reflexão e a distância crítica, dissimulando a contradição no capitalismo e criando a ilusão de autonomia e liberdade individual.

Podemos articular os efeitos das noções de autonomia e de liberdade⁹ às formas de esquecimento no discurso das quais trata Pêcheux. No **esquecimento nº 1**, o sujeito se apresenta como origem de seu dizer, tendo a ilusão de ser fonte daquilo que diz. Esse esquecimento é da ordem do ideológico e também, como afirma Orlandi, “da instância do inconsciente, pois resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (2001, p. 35). A autora explica ainda que, embora os sentidos se realizem nos sujeitos, eles são determinados pela forma como esses sujeitos se inscrevem na língua e na história.

No **esquecimento nº 2**, a ilusão se dá quanto à escolha do que é dito na formação discursiva que o domina. Esse esquecimento é da ordem da enunciação, produzindo um efeito de que há uma relação natural entre a palavra e o objeto. Ou, como afirma Pêcheux, o esquecimento “pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, forma e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase” (1997, p. 173).

Orlandi esclarece que, embora sejam esquecimentos, da ordem do inconsciente, eles não devem ser tomados como “defeitos”. Para a autora, os esquecimentos “são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção dos sentidos” (2001, p. 36).

Nesse processo de produção de sentidos e constituição dos sujeitos, a mídia apresenta materialidades discursivas que apontam para a prática das relações sociais, desvelando processos de significação a serem compreendidos. As análises discursivas da mídia têm fortalecido num casamento que evidencia a necessidade de interpretações que, como afirma Pêcheux, são “uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade” (2006, p. 57).

2.3 Discurso e mídia: enfim bem acompanhados

As questões éticas e políticas estão na concepção da AD, fundada para analisar os textos políticos doutrinários e que, ao longo de sua história, “iniciou relacionamentos” com outros campos do conhecimento. Nessas novas relações, a AD tem sido convocada a dialogar com discursos oriundos do campo da Comunicação Social. Esses trabalhos que se voltam para a mídia como objeto de estudo também refletem sobre a articulação entre mídia e discurso.

⁹ As noções de liberdade e igualdade individuais serão trabalhadas no Capítulo 3.

Particularmente no Brasil, estudos discursivos sobre a mídia, como os de Mariani (1998), Fausto Neto (1999), Lameiras (2008), Ramires (2007), Dela-Silva (2008), Gaia (2011) e em publicações, como as organizadas por Gregolin (2003, 2012), apontam para as disputas ideológicas estabelecidas nas materialidades discursivas e como se dá a produção de sentidos na mídia.

Assim, a imprensa tem sido apresentada, cada vez mais intensamente, como cenário propício para observação do cotidiano da sociedade e, conseqüentemente, de suas manifestações ideológicas. A escolha do discurso midiático é, como lembra Lameiras assegurada pelo entendimento de que “para a AD, todo discurso , do trivial a um *Tratado*, tem o mesmo valor” (2008, p. 26)

Os discursos produzidos na mídia, na atualidade, evidenciam posições ideológicas organizadas na e inserida na formação social do capital. Isto porque, os textos – quer sejam orais, imagéticos, escritos – divulgados pela mídia são produções de uma indústria que obedece aos ditames do mundo capitalista. Como afirma Gaia, “na engrenagem do capital não há indústria jornalística fora da lógica do lucro” (2011, p. 47).

Gaia aponta ainda para uma problemática gerada pelos estudos discursivos sobre a mídia. Para ela (2011, p. 48), “no caso da análise discursiva do texto jornalístico, uma primeira ressalva que fazemos é quanto à sua construção ou ao seu processo produtivo, cujo conhecimento das especificidades costuma ficar restrito aos próprios jornalistas”.

A lógica do jornalismo se constrói a partir de um ideal de neutralidade e imparcialidade que fornece evidências ao público de verdade e isenção naquilo que é divulgado pela mídia. Como afirma Mariani (1998, p. 60, grifo do autor), ao considerar o discurso jornalístico como uma modalidade de **discurso sobre**,

um efeito imediato do **falar sobre** é tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta uma imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão.

Esse distanciamento é evidenciado pelo gesto de análise que aponta sob que condições o discurso é produzido. Os textos produzidos e noticiados são mais que narrativas de fatos, eles mostram sentidos que são produzidos em condições de produção que determinam socialmente as posições ideológicas e os sujeitos dos dizeres divulgados.

Essa concepção é apresentada pro Dela-Silva ao afirmar que

enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que elege como de destaque em um momento dado. (2008, p.16)

A escolha dos fatos a serem noticiados, a abordagem apresentadas os ditos e silenciados são objeto da AD e encontram nos *corpora* midiáticos exemplos das contradições da sociedade, mesmo quando, aparentemente, revelam nomes não conhecidos, informações até então não divulgadas. Conforme Gregolin, “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor [telespectador] produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta” (2003, p.95)

Há que se compreender que o discurso jornalístico não é transparente, nem que os cenários em que os textos midiáticos são produzidos são estanques, repetíveis e previamente configurados. Basta pensarmos na prática jornalística que é, notadamente, marcada por dois cenários distintos na história recente do país: o da censura imposta pela ditadura militar e o da ausência de ditadura formalizada, mas que não configura um cenário em tudo pode ser dito.

Como afirma Gaia (2011, p. 52),

se pensarmos simplesmente que mudou a relação do que não podia ser dito, teremos a ilusão de que realmente tudo é possível ser expresso na conjuntura atual de liberdade democrática, minimizando o problema. No entanto, considerar o jornalismo recorte do cotidiano requer identificar espaços de silêncio.

Esse silêncio, que é constituinte na produção de sentidos, é pensado na AD não apenas como a ausência de som, mas o que Orlandi denomina de **formas do silêncio**, categorização que aponta para duas dessas modalidades: o **silêncio fundante** e a **política do silêncio (o silenciamento)**. De acordo com a autora (2002, p. 55),

a primeira nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; a segunda diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos.

Orlandi aponta para a dimensão política nessa modalidade, uma vez que se diz algo para que outros ditos não sejam enunciados, assim, o silêncio se faz presente no processo de significação, produzindo um recorte necessário no sentido. Para ela, “o silêncio recorta o dizer” (Idem). E aí está sua inscrição no político.

É imprescindível lembrar que no recorte sobre a realidade, a mídia selecionará o que será ou não noticiado. Nesse processo de seleção e divulgação das notícias, a imprensa constrói uma noção de mundo que nem sempre remete à realidade. De acordo com Mariani (1998, p. 61), “a imprensa não é o ‘mundo’, mas deve falar sobre esse mundo, retratá-lo, torná-lo compreensível [...]. É por aí nossa compreensão do discurso jornalístico ter como característica atuar na institucionalização social de sentidos”.

Na dissertação de mestrado desta pesquisadora, refletiu-se sobre a importância da análise dos discursos midiáticos e da necessidade de se compreender as especificidades do fazer jornalístico. “Procurar saber como esse processo se dá e que interesses cercam a produção de notícias é ir para além do texto e entrar nos meandros da discursividade” (RAMIRES, 2007, p. 88).

Assim, nessa abordagem teórica, os estudos que circula nos meios de comunicação têm evocado o papel da mídia na produção e circulação de sentidos, nos fazendo refletir sobre a atuação dos meios de comunicação na sociedade atual.

As análises do discurso midiático têm trazido para o debate as relações da mídia com a sociedade e sua inserção na lógica do capital. Gaia (2011, p. 49) afirma que “o jornalismo possui uma lógica de aparente autonomia, cuja meta de informar o cidadão, está em permanente conflito com a lógica do mercado, já que maior vendagem sinaliza mais anúncios e contratos”. Desse modo, o discurso produzido pela mídia se insere não só na cotidianidade, mas na lógica da busca do lucro, portanto, de assuntos que atraíam público aumentem a audiência.

Para isso, assume um tom didático, como aponta Mariani, que explica ao público como agir, levando-o a acreditar que aquilo que é noticiado é desprovido de subjetividade e remete aos “fatos tais como são”, de forma isenta. Para a autora (1998, p. 61-62, grifo nosso),

o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária. Se no discurso pedagógico autoritário cabe ao professor fazer a mediação entre o saber científico e os aprendizes de tal modo que [...] os alunos se vêem [sic] diante de verdades inquestionáveis – no professor está a verdade –, sentindo-se, portanto, tolhidos a fazer qualquer questionamento, **no discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação** em nome de fatos que falam por si.

O público é estimulado a tomar o que é apresentado como verdade absoluta e incontestável. Assim, com relação ao sucesso, o discurso jornalístico se apresenta como um passo a passo a ser seguido. Uma vez que se apresenta como isento no relato dos fatos e não de interpretações desses acontecimentos, silencia nos telespectadores – ao modo de

professores autoritários atuam junto a seus alunos – e apontam as verdades inquestionáveis. Nas edições dos programas *Globo Repórter*, os telespectadores são interpelados a receber as lições de pessoas bem-sucedidas e seguir seus exemplos, sem que sejam feitos quaisquer questionamentos.

3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA

*A televisão é
um instrumento de comunicação
muito pouco autônomo,
sobre o qual pesa toda uma série de restrições
que se devem às relações sociais
entre os jornalistas,
relações de concorrência encarniçada,
implacável, até o absurdo,
que são também relações de conivência,
de cumplicidade objetiva [...].
Daí decorre que esse
instrumento de comunicação
aparentemente desenfreado,
que é a televisão, tem freio.*

Pierre Bourdieu (1997, p. 50-51)

3.1 Condições de Produção do discurso

A categoria teórica de Condições de Produção (CP) do discurso é essencial para a compreensão de como os discursos são constituídos, como se processam os sentidos e qual a relação dos discursos com a realidade em que se produzem, como produzem sentidos e, assim, fazem história, polemizam e transformam as relações sociais, e que atuam ainda na reprodução e na estabilização da sociedade em que se produzem.

As condições de produção do discurso foram propostas, por Michel Pêcheux, ainda no projeto inicial da Análise do Discurso (AAD-69). Para ele (1990, p. 79, grifo do autor), seria “**impossível analisar um discurso como um texto**, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao **conjunto de discursos possíveis** a partir de um estado definido das condições de produção”. As condições de produção foram aí apontadas como decisivas para a oposição entre discurso e texto.

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação em que os discursos são produzidos. Podem ser estabelecidas em condições de produção em sentido estrito – ou seja, em um contexto imediato – ou podem ainda ser estabelecidas em sentido amplo – neste caso, tratam do contexto histórico, social e ideológico em que são produzidos.

Trabalhar o conceito de condições de produção é se deparar tanto com as determinações históricas dos discursos produzidos, a memória discursiva, o interdiscurso, os sujeitos do discurso além do contexto do discurso. As CP apontam para os efeitos de sentido

que alteram a realidade na qual esses discursos foram produzidos e poderão ser em sentido estrito – ao se remeterem às circunstâncias da enunciação – e ainda em sentido amplo, quando remetem ao contexto sócio-histórico e ideológico.

Assim, no sentido estrito, as condições de produção contemplam as circunstâncias de enunciação, colocando em cena as relações entre os sujeitos do discurso e a situação do dizer, ou seja, onde e quando ocorre o dizer. São parte das circunstâncias imediatas dessa enunciação o espaço geográfico em que são formulados os enunciados – Brasil – o período cronológico, o que é sucesso e a divulgação desses padrões de pessoas ditas bem-sucedidas em suas funções profissionais querem dizer.

O sentido amplo do discurso trata do momento histórico do dizer, das questões sociais que o envolve e quais as posições tomadas pelos sujeitos. Assim, nos interessa compreender como as noções de liberalismo e individualismo são convocadas para sustentar o discurso sobre o sucesso, numa sociedade que vê fortalecerem os princípios neoliberais, com o enfraquecimento dos direitos trabalhistas dos cidadãos brasileiros.

Essa compreensão só é possível ao se tomar os dizeres como efeitos de sentido, para além da compreensão de que os dizeres são mensagens a serem decodificadas. Como afirma Orlandi (2001b, p. 30), os dizeres são

efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

A exterioridade dos discursos ou, como diz Orlandi, “as margens do dizer”, é posta pelos sujeitos e a situação que deixam para o analista os vestígios a serem desvelados. É preciso tratar as condições de produção dos discursos para que se compreendam as relações do sujeito em sua “participação na produção social, pela via dos sentidos no discurso”, de acordo com Florêncio et al. (2009).

Ainda para esses autores, as condições de produção devem ser entendidas como “categoria essencial no entendimento de como os discursos se constituem, sua atuação na realidade – como transformação e/ou estabilização dessa mesma realidade em que é produzido” (FLORÊNCIO et al., 2009, p. 64-65).

Para a compreensão do funcionamento discursivo na produção dos sentidos sobre o **sucesso** no programa televisivo *Globo Repórter*, faz-se necessário observar a lógica em que esses discursos circulam. O programa semanal apresenta reportagens sobre temáticas variadas, baseando-se nas noções do jornalismo informativo ao tempo em que se ampara nas noções de responsável em divulgar assuntos de interesse público, salvaguardado os direitos civis.

Embora se apresente como objetiva, a empresa de comunicação está inserida na lógica do capital e circula sentidos, construindo evidências de aparentes mudanças que, na realidade, não permitem interferências na lógica do capital.

3.2 A imprensa e a noção de quarto poder

O discurso jornalístico tem sido objeto de estudo, como vimos no Capítulo 1, na Análise do Discurso, uma vez que evidenciam posições ideológicas que apontam a mídia como parte uma indústria que obedece às regras da sociedade capitalista. A mídia atua, na atualidade, como uma força que tem o poder de interferir em questões políticas, econômicas e sociais. No Brasil, as Organizações Roberto Marinho têm reconhecidamente uma aproximação com o poder desde o início de suas atividades e a Rede Globo de Televisão materializam essa proximidade.

A ideia da imprensa como representante de um poder vem de uma noção que se aproxima da divisão dos poderes do Estado, desta sociedade. E a sociedade moderna, estabelecida no Estado liberal de direito, se dá na divisão da administração pública em três poderes que controlam, vigiam e ordenam as atividades na sociedade.

Este modelo de organização divide o estado entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário: os três poderes. A cada um deles são atribuídas funções específicas, na prática, ao mesmo tempo, autônoma e interdependente ao exercendo atividades específicas que, entretanto, se entrecruzam.

Se, no Estado liberal de direito, o Legislativo elabora, discute e apresenta as leis que irão reger a sociedade, o poder Judiciário trabalha na aplicação das leis, enquanto que o Executivo administra a máquina do Estado, com o auxílio dos outros dois poderes legalmente constituídos na tentativa de garantir o estabelecimento dos direitos básicos e elementares da sociedade.

Além desses três poderes, a imprensa se configura como o quarto poder. O que poder a quem não cabe legislar, nem deveria julgar e nem administrar, mas que poderia vigiar os três poderes legitimamente constituídos. Ao longo de sua história, a mídia assumiu o papel de mediadora das relações entre estado e sociedade civil, na intersecção entre o público e o privado.

Ao refletir sobre as mudanças na esfera pública, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, define a imprensa como a “instituição por excelência” (1984) da esfera pública. Para o autor, com a ascensão da burguesia, a esfera pública liberal aparece para mediar as relações entre indivíduos privados e as instâncias do Estado. Assim, no século XVIII, a burguesia já se organizava na forma de uma sociedade civil para ocupar o espaço entre o poder público do Estado e o poder privado do mercado, e a sociedade civil passou a constituir a esfera pública burguesa. O novo grupo era composto por funcionários do Estado, profissionais autônomos, proprietários e produtores de mercadorias, e comportava um espaço para discussão política. Conforme Habermas (1984, p. 43), uma vez que são **peessoas privadas**, os burgueses não governam e assim,

as suas reivindicações de poderio contra o poder público não se dirigem contra a concentração de poder que deveria ser “compartilhado”, muito mais eles atacam o próprio princípio de dominação vigente. O princípio de controle que o público burguês contrapõe a esta dominação, ou seja, a esfera pública, quer modificar a dominação enquanto tal.

A burguesia passou a compreender sua formação política e a se estabelecer como ponto de partida para a dominação de mecanismos de regulação do trabalho e do próspero mercado de trocas. Ao Estado, por sua vez, passou-se a função de interferir nas trocas, ao ponto de transferir políticas públicas para a área privada. Novelli (2002) aponta essa privatização do Estado e a estatização da sociedade como o fim da base da esfera pública burguesa. Segundo a autora (2002, p. 183), quando os setores público e privado se confundem, “surge uma esfera social que não está nem no campo do público, nem do privado [...] o público vai ceder lugar a outras instituições, como as associações ou os partidos políticos, nascidos da esfera pública”.

O novo cenário de regras de comercialização surge também para a imprensa. Colocando-se como um canal de troca de informações, a imprensa se apresenta com capaz de informar com rapidez e garantindo um alcance superior a qualquer contato pessoal. Essas características foram decisivas para a institucionalização efetiva, na esfera pública, do canal de debates e de informações.

A evolução da imprensa e a própria evolução da esfera pública são apontadas por Habermas. Para o autor, a partir da separação da imprensa, organizada em “forma de pequenas empresas artesanais” e que se limitavam à circulação de notícias, até a nova fase, a de “comerciante com opinião pública”. Esse processo de evolução foi dividido por Habermas em três fases distintas: a **imprensa de informação**, a **imprensa de opinião** e a **imprensa comercial**.

Na fase da **imprensa de informação**, as notícias circulavam entre um grupo restrito de comerciantes e empregados das cortes e das áreas urbanas. Os fatos noticiados eram voltados à atualidade e os veículos de informação eram criados e mantidos por indivíduos privados. A acessibilidade às notícias não era vista como uma preocupação.

A fase da **imprensa de opinião** caracteriza-se pelo abandono da função redatora de avisos, evoluindo para o “jornalismo literário”. O interesse econômico, nessa fase, era secundário, uma vez que o interesse primeiro era o de ser porta-voz e condutor da opinião pública. Essa fase era classificada como deficitária, uma vez que a intenção de obter lucro não era prioritária. Assim, o financiamento das publicações era impulsionado, num primeiro momento, por uma motivação pedagógica e, em seguida, pelo interesse político que financiava esses investimentos. A imprensa passa a ser o canal de divulgação das ideias de políticos e escritores.

Ainda de acordo com Habermas, a **imprensa de opinião** estava “basicamente preocupada em afirmar a função crítica dele; por isso, só secundariamente é que aí é investido capital, caso isso ocorra, para obter um retorno lucrativo” (1984, p. 216) e os jornais eram ferramentas para o engajamento político, voltados para o público debatedor.

Na terceira e última fase, a **imprensa comercial** foi marcada com a consolidação do Estado burguês de Direito e a legalização de uma esfera pública politicamente ativa. A imprensa crítica se distancia da polêmica e assume o papel de empresa comercial, com vistas ao lucro.

A entrada de espaços para a comercialização de anúncios publicitários, na segunda metade do século XIX, ainda segundo Habermas, muda a história dos jornais, uma vez que “demonstra que a própria imprensa se torna manipulável à medida que ela se comercializa” (HABERMAS, 1984, p. 217). O jornalismo passa a ser um empreendimento capitalista regido pelas regras de mercado que não se resumem aos interesses diretos de seus proprietários e anunciantes, mas também a manutenção dos ideais da sociedade moderna.

O conceito de esfera pública no jornalismo é fundamental para a compreensão do papel da imprensa na sociedade contemporânea e é decisivo para entender a tradição liberal nos fundamentos da imprensa livre. Segundo Novelli (2002, p.185), o conceito de esfera pública estabelecido Habermas não deve ser tomado como utópico, “na medida em que ele procura estabelecer a materialidade intrínseca a qualquer esfera e considera o futuro da política democrática e de sua instituição a partir das práticas de comunicação indispensáveis para tal política”.

Compreender a articulação do jornalismo na noção de esfera pública é decisivo para percebermos como a imprensa que conhecemos se fundamenta na lógica liberal da sociedade civil. A autonomia financeira da imprensa e suas funções foram assim definidas pela chamada teoria libertária da imprensa: a função da imprensa é a de possibilitar o intercâmbio de informações, viabilizar o entretenimento, além de promover, através dos anúncios publicitários, a troca de suporte econômico que assegure a independência financeira da imprensa.

A pluralidade de vozes na imprensa é vista, nessa teoria, como salutar, ao atribui à sociedade a possibilidade de distinção de boas e más práticas do jornalismo, como explica Novelli (2002, p.187), esses teóricos “assumem que a multiplicidade de vozes na imprensa pode provocar distorções e gerar notícias falsas, mas que a sociedade saberá distinguir entre a boa e a má informação”.

A ideia de que o mercado, inclusive o das comunicações, deve estar livre para evoluir e que ao Estado cabe o papel de garantir estabilidade para que essa evolução ocorra resume a tradição liberal. Ainda pela teoria libertária da imprensa, o mercado da informação deveria estar sujeito a mecanismos informais de autocontrole, como a autorregulamentação e a livre competição de mercado. Assim, uma das principais características da função da imprensa nessa teoria o dever – e também o direito - de atuar como fiscalizadora das ações do governo, mantendo o Estado “longe de possíveis abusos e desvios autoritários” (NOVELLI, 2002). E para efetivamente acompanhar a atuação do governo, a imprensa não poderia estar sob interferência do Estado.

A noção da imprensa como o quarto poder teria surgido, ainda no início do século XX, na Inglaterra. No Parlamento Inglês, era costume dizer que a instituição era composta por três poderes: o temporal, o espiritual e o dos comuns. A galeria destinada aos repórteres que acompanhavam as sessões parlamentares passou a ser chamada de **quarto poder** do parlamento britânico, graças a influência junto à opinião pública. Nos Estados Unidos, a

expressão foi adotada em referência à articulação com os outros três poderes da República: executivo, legislativo e judiciário.

Nessa concepção, a imprensa seria uma interventora na sociedade, com a função de *watchdog*, o cão de guarda. Seria então aquela que vigia e cuida para que a democracia permaneça em exercício e que os direitos civis e o interesse público sejam salvaguardados. São esses princípios, de *watchdog* e do quarto poder, que são convocados como paradigmas clássicos para salvaguardar o discurso da imprensa sobre ela mesma. E sob esses paradigmas a imprensa, ainda hoje, se refugia para desqualificar ataques e críticas a sua atuação.

Assim, o papel do jornalismo se configura, amparado nesses paradigmas, no acompanhamento, denúncia e exposição da verdade dos fatos, respeitando o interesse público – que é elegido pela própria imprensa. Essa noção de que o interesse da sociedade está na essência da imprensa pode ser observada na afirmação de Silva (2002, p. 59):

pode-se dizer que o interesse público é o valor fundante do papel da imprensa na vida pública, daí entender-se a imprensa como um Poder Público e uma atividade de fé pública, ainda que não o seja de forma escritural, cartorial, oficial. As referências ao interesse público constituem o cerne dos códigos de ética do campo jornalístico.

Assim, a imprensa zelaria pelo interesse público e deveria ser responsável pela função que exerce perante a sociedade. Uma vez que esta função demanda deveres, foi surgiu a teoria da responsabilidade social, que se assemelha à perspectiva libertária, ao acompanhar a noção de que imprensa deve atuar como cão de guarda na busca dos interesses da sociedade e na busca, através da publicidade, de independência financeira.

Não podemos, entretanto, nos esquecer que, como afirma Gaia (2011, p. 52), a mídia está diretamente ligada à lógica do capital. É preciso lembrar a “premissa de que a mídia é organizada segundo uma lógica específica do consumo, depende da lógica comercial [...] uma das principais orientações da mídia, historicamente, no sistema capitalista, tem sido a captura do público e a garantia de vendas”.

Dentre a teoria libertária e a teoria da responsabilidade social o diferencial existente está na aceitação por parte da teoria da responsabilidade social de que a imprensa nem sempre tem desempenhado com correção a função de esclarecer o público.

Com o surgimento do debate sobre a responsabilidade social da imprensa surgiu também a discussão sobre a objetividade jornalística como atitude responsável perante a sociedade e ideal a ser buscado no trabalho do jornalista. De acordo com Gomes et ali., “a

aparente neutralidade das informações proporciona uma ilusão de imparcialidade e, em consequência, conquista a credibilidade da opinião pública” (1998, p. 1).

Dessa forma, a questão sobre a objetividade no trabalho do profissional nem sempre alcança o fato de que o processo que resulta na divulgação de uma notícia é muito mais amplo e está para além do texto jornalístico e que, no caso do jornalismo de televisão, as condições de produção convocam as situações em que esses discursos são produzidos, sendo necessário analisarmos o funcionamento ideológico da televisão, da Rede Globo e do *Globo Repórter*.

3.3 A Rede Globo de Televisão e seu *Globo Repórter*

A afirmação de Bourdieu (1997) sobre as especificidades da televisão aponta para os saberes que definem a **formação discursiva telejornalística**. São saberes que definem a imprensa como responsável pela divulgação das informações de interesse público, respeitando orientações técnicas, estabelece que o que é noticiado é verdadeiro e que sustenta ainda, pelo discurso pedagógico, a lógica do jornalismo como conselheiro de seus telespectadores.

Nessa lógica, as restrições a que está submetida a produção telejornalística não são explicitadas. Bourdieu (1997) nomeia as relações sociais entre jornalistas como **relações de concorrência** – implacáveis – e **relações de conivência**, que geram uma cumplicidade com o que é divulgado. O autor contesta a autonomia do veículo de comunicação e aponta para restrições que colocam **freio** na atuação do jornalismo de televisão.

As relações da televisão com a sociedade são diretas e refletem a posição de aparelho ideológico (ALTHUSSER, 1985) que a imprensa cumpre na atualidade. Nesta tese, buscamos, amparados pelos dispositivos teórico-metodológicos da AD, desvelar os sentidos produzidos pelo *Globo Repórter*, mostrando como a ilusão de transparência no discurso jornalístico mascara o funcionamento ideológico neoliberal e, portanto, enaltecendo a autodeterminação individual, a concorrência entre os sujeitos, a liberdade e a capacidade de escolher seu futuro.

O *Globo Repórter* foi ao ar, pela primeira vez, às 23h, de 3 de abril de 1973. É o programa jornalístico há mais tempo no ar na televisão brasileira. Diferentemente das sextas-feiras, os primeiros programas exibidos iam ao ar às terças-feiras e consolidavam a parceria entre profissionais de televisão e cineastas. É o programa jornalístico de origem documental com mais tempo de atividade na televisão brasileira. Desde o início das exibições, manteve a periodicidade semanal e o caráter de aprofundamento de temas enfocados nos programas jornalísticos diários, mas sem detalhamentos, nem ampliações.

Segundo o histórico do programa, disponível no *site* do *Globo Repórter* no Portal G1, das Organizações Roberto Marinho, no início das atividades,

o programa se destinava a analisar com mais profundidade os principais acontecimentos jornalísticos nacionais e internacionais do mês, que, por uma questão de tempo, não podiam ser detalhados nos telejornais. O programa de estreia tratava de temas bem diversos: eleições no Argentina, Uruguai e Chile, a revolta dos índios Oglala Sioux, Emerson Fittipaldi e escolas de samba. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011)

O programa deu continuidade ao *Globo Shell*, que começou a ser exibido em 1971, também em formato de documentário e com a participação de profissionais do cinema na TV. Em sua dissertação de mestrado em Artes Visuais, na UFMG, Ana Cláudia de Freitas Resende explica que a origem o nome do programa, que estabeleceu a parceria dos documentaristas com a TV Globo, e que permanece atualmente, é desconhecida e que “nem os precursores do programa sabem explicar e também não há lógica que leve a qualquer conclusão, pois, na primeira década de programa, o que menos havia era a figura do repórter” (2005, p. 104).

Conforme informações do *site* **Memória Globo**, a ideia inicial era desenvolver um programa baseado no norte-americano *60 minutes* da *CBS News*. O programa seria se conteúdo jornalístico e seria baseado em entrevistas, e na participação da figura do repórter centralizando a atenção do telespectador em torno da notícia. O jornalismo da emissora tinha produção sólida, mas ainda não havia estrutura para a produção de um programa constituído basicamente de filmagens externas. Assim,

tomando como exemplo a experiência do **Globo Shell especial**, decidiu-se, então, produzir cinedocumentários com narrativas conduzidas a partir das imagens, dos depoimentos dos entrevistados e da esporádica locução em *off* do apresentador. O repórter não aparecia no vídeo (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011).

Em 1974, o *Globo Repórter* passou a ser exibido, às 21h. A mudança de horário buscava atender um público maior. O esquema rígido da apresentação foi substituído e os temas passaram a ser exibidos alternadamente, até o final de 1981.

No início, os repórteres faziam a pesquisa, redigiam o texto, mas não apareciam nas imagens e, com a presença dos cineastas, os programas foram tendo mais características de documentário que de reportagem. O programa ficou um período de cinco meses fora do ar,

voltando a ser exibido, em março de 1982, às 23h, com um formato mais jornalístico. Ainda segundo o *site Memória Globo*, nesse novo formato

o narrador estático que conduzia o programa foi substituído pelo repórter, centro da narração, assumindo junto com o câmera a condição de testemunha do fato. A credibilidade da matéria advinha do jornalista, que esteve no local, comprometendo-se com o tema e transmitindo ao telespectador a emoção vivida (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011).

A primeira edição que enfocou apenas um tema só foi ao ar em 1993, destacando o assassinato da atriz Daniela Perez e a violência contra a mulher. Até então, três temas eram trabalhados em cada uma das edições.

O programa passou a trabalhar com repórteres e cinegrafistas de outros programas e editorias da emissora. O apresentador do programa passou a introduzir as reportagens e a complementar o texto do repórter com algumas informações. O padrão atual do *Globo Repórter* está no ar desde 2001, enfocando um tema por programa, às sextas-feiras, com duração de 40 minutos.

A entrada do *Globo Repórter* na grade de programação¹⁰ da Rede Globo de Televisão se deu em plena ditadura militar, no governo de Ernesto Garrastazu Médici (1969-1974). O objetivo de aprofundar temas seria “uma ousadia” para com o governo militar e não teria sido possível, segundo Resende, se “não fosse o total comprometimento da televisão brasileira, uma concessão pública, com o poder” (p. 104).

A estreita relação das empresas de Roberto Marinho e o governo do Brasil remonta do início das atividades do grupo de Comunicações e se manteve, ainda, com a ascensão do grupo empresarial. O fundador das Organizações mostra a proximidade entre mídia e poder mostra-se clara em suas palavras. Ao falar do “poder da TV Globo”, o empresário convocou o discurso patriótico para justificar o apoio ao governo. Em entrevista ao *The New York Times*, publicada em 1987, Roberto Marinho, confirmou o uso da influência da emissora de TV.

Sim, eu uso o poder [da TV Globo], mas eu sempre faço isso patrioticamente, tentando corrigir as coisas, buscando os melhores caminhos para o país e seus estados. Nós gostaríamos de ter poder para consertar tudo o que não funciona no Brasil. Nós dedicamos todo nosso poder para isso. Se

¹⁰ A grade de programação é o conjunto de programas das emissoras, numa espécie de calendário com definição de dias e horários de exibição dos programas. As redes de televisão têm programação nacional intensa, com espaços reduzidos à programação local. As empresas afiliadas à Globo têm espaços na grade diários para exibição de noticiários – manhã, tarde e noite – em horários fixados e seguindo o “Padrão Globo de Jornalismo” que determina questões que estão para além dos horários, como cenários, estrutura dos programas e conteúdo a ser divulgado.

o poder é usado para desarticular um país, para destruir seus costumes, então, isso não é bom, mas se é usado para melhorar as coisas nós fazemos, isso é bom (LIMA, 2001, p. 167).

A influência e interferência da TV Globo nos estados se dá em diversas formas de padronização de conteúdo e formas de apresentação. As empresas afiliadas à Globo são submetidas a uma grade de programação com poucas possibilidades de apresentação de programas regionais. A padronização no formato pode ser observada na interferência em questões regionais que se manifestam desde a priorização de temas nacionais, a apresentação de noticiário nacional que prioriza o eixo Rio de Janeiro-São Paulo – além das notícias políticas vindas de Brasília – e faz com que se saiba mais sobre o Sudeste do Brasil do que acontece em cada um dos estados.

Contradizendo Roberto Marinho, os “costumes” de cada um dos estados não é respeitado e valorizado. Como é possível constatar ao ouvirmos matérias e apresentações de grande parte dos profissionais que trabalham nessas empresas. A fala de jornalistas das emissoras de TV em todo país tendem a uma “suavização” dos sotaques regionais, algo entre o carioca e o paulista, apagando assim regionalismos de cada uma das regiões e, até mesmo dos estados. Esse padrão tem influências cultural, política e econômica, como explica Sóstenes (2008, p. 14):

para suavizar o sotaque, os telejornalistas e alunos utilizam marcas do sotaque carioca e/ou do paulista para conseguir este fim. A escolha desses sotaques está intimamente ligada a motivos históricos, econômicos, políticos e culturais. A pronúncia carioca sempre foi a variante de maior prestígio no Brasil, pois o Rio de Janeiro foi a capital do Reino, do Império, da República e é hoje a capital da mídia, além de concentrar parte importante da produção jornalística e artística do país [...]. O meio termo entre o sotaque carioca (centro cultural) e o paulista (economia, política e centro cultural), desde o início do século XIX, para a pronúncia da televisão.

Mas os exemplos mais expressivos de como as empresas de comunicação de massa interferem na realidade estão, certamente, na política. Ao se analisar a história escancara-se o modo como essas empresas foram utilizadas a serviço deste ou daquele governo – notadamente a complacência com a Ditadura Militar – e, posteriormente, já em períodos de eleições democráticas, no apoio a candidatos, no silenciamento de outros que não interessavam ao grupo, além da veiculação de notícias, debates e opiniões que favoreceram candidaturas e grupos políticos.

Como mostra Lima (2006, p. 65), a estreita relação entre as empresas de comunicação e o poder político ganha contornos mais definidos quando se fala de Rede Globo de Televisão. A maior rede de televisão do país expandiu suas afiliadas pelo país¹¹, desde o primeiro ano de funcionamento – 1965 –, e, “sob o comando de Roberto Marinho, ao longo dos anos da ditadura militar, ela se transformaria em uma das maiores, mais lucrativas e mais poderosas redes de televisão do planeta”.

A TV Globo do Rio de Janeiro foi outorgada junto a outras concessões de televisão das Organizações Globo durante o governo de Juscelino Kubitschek e em mais de quatro décadas solidificou a liderança junto aos telespectadores e pela participação efetiva em momento históricos do país, “não só por sua centralidade na construção das representações sociais dominantes, mas pelo grau de interferência direta que passou a exercer” (LIMA, 2006, p. 65).

A interferência da Rede Globo de Televisão tem sido estudada, principalmente, em trabalhos que analisam a articulação entre a TV e a cena política brasileira. Dentre esses casos, são emblemáticos o papel de “legitimadora da ditadura militar” (CARVALHO, 1980), o apoio ao então candidato à presidência da república, Fernando Collor de Mello (LIMA, 2004) – do qual a reedição do debate no 2º turno das eleições de 1989 é exemplo clássico de interferência, nas escolas de Comunicação –, a entrada tardia na divulgação do movimento de *impeachment* de Collor, em 1992 (RUBIM, 1999) e o apoio à campanha de Fernando Henrique Cardoso para a presidência, nos processos eleitorais de 1994 e 1998 (LIMA; GUAZINA, 2004).

Esses são exemplos da interferência da TV Globo em momentos políticos da história do Brasil, mas, diariamente, essa relação de proximidade se dá pelo apoio e legitimação de decisões políticas e econômicas, quer seja pela construção e reforço de padrões de comportamento, seja na moda, em casa ou no mercado de trabalho. Ainda segundo Lima (2006, p. 87), analisando a interferência da televisão na vida dos brasileiros,

o papel mais importante que a televisão desempenha como mídia dominante na contemporaneidade decorre do poder de longo prazo que faz dos diferentes aspectos da vida humana – das etnias (branco/negro), dos gêneros

¹¹ Segundo dados do Projeto Donos da Mídia, as Organizações Globo detêm 69 veículos próprios de comunicação e graças a parcerias com grupos regionais, desde 1965, elevam o número para 340 veículos. Assim, as Organizações Globo reúnem “33 jornais, 52 rádios AM, 76 FM’s, 11 OC’s, 105 emissoras de TV, 27 revistas, 17 canais e 9 operadoras de TV paga”. O projeto foi iniciado na década de 1980, a partir do **trabalho elaborado pelo jornalista Daniel Herz, falecido em 2006**. Os dados publicados mostram concessões e permissões de emissoras de rádio e televisão, além das participações societárias destas entidades, depois que essas informações passaram a ser divulgadas pela Agência Nacional de Telecomunicações e pelo Ministério das Comunicações.

(masculino/feminino), das gerações (novo/velho), da estética (feio/bonito) etc.

Comprometimento que ainda persiste e se mostra hoje nas relações com anunciantes publicitários ligados à iniciativa privada e ao governo federal. Atualmente, o principal anunciante do programa é a Caixa Econômica Federal. Durante a ditadura militar, a televisão foi responsável por fornecer o que Bucci (1997) denominou de “auto-imagem” dos brasileiros.

Embora tente controlar – ou transparecer controle – da forma de agir das empresas das Organizações Globo. Em 6 de agosto de 2011, os acionistas das Organizações Globo – os irmãos Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho – divulgaram em todos os veículos de comunicação os Princípios Editoriais das Organizações Globo (conforme anexo A). O texto seria o resultado de “muita reflexão”, levando em consideração os “nossos acertos, para que sejam reiterados, mas também os nossos erros, para que seja possível evitá-los. O que nele está escrito é um compromisso com o público, que agora assinamos em nosso nome e de nossos filhos e netos” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011).

Esse compromisso assinado pelos acionistas, nos muitos itens em que se aponta como, ao menos na teoria, deverão trabalhar os profissionais das empresas, reafirma um jogo discursivo repleto de contradições no campo da Comunicação Social e representa um *mea culpa* que nos faz recordar o relato de Karl Marx sobre uma publicação semelhante, na Alemanha. Segundo nota de Marx (2010, p. 89), “O *Preussische Staats-Zeitung*, ou simplesmente *Staats-Zeitung*, um jornal de Berlim, era o órgão semi-oficial do governo prussiano a partir de 1840”. O caráter “semi-oficial” do periódico berlinense remete-nos às relações de proximidade das Organizações Globo com o poder estatal, ao longo dos anos. Segundo Marx (2010, p. 12):

numa esplêndida manhã de primavera em Berlim, ante a surpresa de todo o público leitor e escritor, o *Preussische Staats-Zeitung* publicou seu exame de consciência. Obviamente, escolheu uma forma de confissão elegante, diplomática e não exatamente divertida, dando a impressão de querer estender o espelho de confissões aos seus irmãos: referiu-se, misticamente, apenas a outros jornais prussianos, embora na realidade ele se considerasse o jornal prussiano por excelência.

A “forma de confissão elegante” se assemelha ao modo como as Organizações Globo apresentaram seus “Princípios Editoriais”. Exhaustivamente divulgado em telejornais, programas de rádio, impressos em suas páginas na internet, o manual de conduta ética a ser

aplicado a seus produtos e profissionais. O “espelho de confissões” – parafraseando Marx – manteve o tom das Organizações Globo de empresas de comunicação por excelência. Particularmente, no caso da rede de televisão, o “padrão Globo” é tido como sinônimo de padrão de alta qualidade no jornalismo televisivo.

A proximidade com reflexão de Karl Marx sobre o *Preussische Staats-Zeitung* não se encerra aí. Ao refletir sobre a forma como o jornal impresso prussiano fala sobre si mesmo, Marx (2010, p. 11) afirma ironicamente que se “César falava de si mesmo em terceira pessoa. Por que o *Preussische Staats-Zeitung* não poderia fazer a mesma coisa?”. A forma como os herdeiros de Roberto Marinho se referem às Organizações Globo se dá da mesma forma. É como se as empresas falassem delas mesmas em terceira pessoa, produzindo sentidos de distanciamento e autoridade para examinar, julgar e condenar ações, além de definir o modo de execução em cada atitude a ser tomada.

A exortação final do documento conclama o tradicionalismo da empresa familiar que se proclama moderna, mas busca nos valores familiares a legitimidade de um conglomerado empresarial de maioria acionista familiar, sob a égide do sobrenome Marinho. O documento é apresentado como um “compromisso com o público” assumido não apenas pela diretoria das empresas, mas um compromisso assumido em nome dos diretores e de seus “filhos e netos”.

São princípios norteadores das empresas de comunicação da Globo: isenção, correção e agilidade. Os três preceitos se unem naquilo que se convencionou chamar de objetividade jornalística e que, segundo os administradores das empresas, guiam também o fazer jornalístico da Rede Globo.

Se no início do *Globo Repórter*, segundo Resende, o desafio dos cineastas na TV então era “apresentar documentários pautados na realidade sem ferir os interesses do governo” (2005, p. 104). A formatação de padrões de imagem para os brasileiros não deixou de ser estabelecida nas edições do programa. A preocupação não é mais diretamente ligada ao governo, ao menos não no que se confere a represálias, censura e violência. Mas sim a manutenção do *status quo*, a divulgação da “autoimagem” de brasileiros seguindo normas estabelecidas pelo funcionamento do modo de produção capitalista, em modelos que atendam às exigências de um mercado de trabalho neoliberal.

A manutenção do modelo de *Globo Repórter* por quase quatro décadas, mesmo que sob a coordenação da Central Globo de Jornalismo, ainda mantém certa polêmica quanto à definição do gênero que o programa segue, se **documentário** ou **grande reportagem**. Para Aronchi de Souza (2004, p. 146), o formato do programa deveria ser enquadrado como

documentário, por apresentar reportagens especiais a partir de um único tema. Segundo essa classificação, o formato propõe um aprofundamento maior, ampliando o enfoque e buscando “o máximo de informações sobre um tema. Por isso, sua duração é maior do que as reportagens apresentadas pelos telejornais”.

A duração das edições exibidas, de uma hora anteriormente para cerca de 30 minutos, atualmente, comprometeu a classificação como **documentário**, ainda segundo Aronchi de Souza, colocando o *Globo Repórter* mais próximo da definição de uma **grande reportagem**. Ainda para o autor, as edições desses programas exibem um só tema por edição e englobam mais de um formato, ao trabalharem entrevistas, narração em *off*¹², debates, videoclipes, etc.

De La Rue (2006, p. 184) afirma que a grande reportagem não é um documentário, uma vez que esse último, para ele, nasce do cinema e não do jornalismo. Para ele, “a grande reportagem é um híbrido, jornalismo com roteiro, produto um tanto indefinido com características cruzadas, de vários campos do conhecimento”.

A confusão de nomenclatura quanto a sua classificação se dá graças à impossibilidade de transparência nos objetivos dos produtores do *Globo Repórter*. Após questionarem a que gênero jornalístico o *Globo Repórter* pertence e que fronteiras delimitam o documentário e a grande reportagem, Gomes et ali. (2001, p. 2) afirmam que, “mesmo entre aqueles que são considerados especialistas no assunto não é tarefa fácil responder as essas perguntas, ou ao menos as respostas que se dão nem sempre são unívocas”. Os temas são os mais diversos e alternam exibições de temas ligados a inúmeras áreas como ecologia, saúde, atualidades, comportamento humano e economia.

O tema é apresentado através da exibição de dados, quase sempre de institutos de pesquisas, além do relato de histórias a partir do uso de narração em sonoras – quando o repórter aparece no vídeo – ou ainda em *offs* que se apresentam naquilo que Jean-Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos (2003, p.16) chamam da “voz do saber”.

Esta voz de sabedoria, de superioridade, se faz perceber, ainda no *site* do programa, quando é apresentada a necessidade de ampliar os temas abordados pelo *Globo Repórter*. No final de 1996, a Rede Globo teria registrado um “aumento significativo da audiência do público das classes C e D”. É de 1994 o Plano Real e uma maior estabilidade nos preços praticados pelo mercado. As classes de menor renda passaram a consumir mais, a comprar

¹² A narração em *off* é uma estratégia técnica que apresenta as informações na voz do repórter, ou seja, “o entrevistador relata as afirmações do entrevistado, configurando um discurso indireto” (EMERIM, p. 163).

mais aparelhos de TV e a adquirir uma série de produtos anunciados nos intervalos comerciais exibidos nas programações de TV.

A partir daí, ainda segundo as informações sobre o programa, disponíveis no *site* (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, grifo nosso),

o desafio do **Globo Repórter** passou a ser tratar de assuntos com apelo mais abrangente, capazes de interessar aos telespectadores de todas as classes, mantendo o alto nível de qualidade da informação. O programa passa a destacar temas relacionados à natureza e ecologia, mostrando as paisagens e a vida em localidades distantes dos grandes centros urbanos.

Como se pode observar, o entendimento da Central Globo de Jornalismo é que a informação que possa interessar aos telespectadores de “todas as classes” deverá destacar temas voltados à natureza e à preservação do meio ambiente, mostrando paisagens e lugares fora das grandes cidades. Os temas de maior aprofundamento em outras áreas, então, não seriam de interesse mais amplo.

De acordo com Resende (2005, p. 107), a necessidade de abordar temas mais leves e de menor – ou nenhuma – contestação da realidade nasce ainda no período de ditadura militar. Se no período inicial de atividades do *Globo Repórter* o país vivia a fase de interferência direta na produção de conteúdos na mídia, os anos posteriores foram regidos por uma censura auto-imposta, “a herança do regime militar impeliu ao programa uma certa [sic] auto-censura, e seus produtores abriam mão de assuntos”.

Entretanto, se o tema política é evitado diretamente, a pauta de assuntos a serem abordados mantém o entendimento da necessidade de manter o público informado e entretido, o que auxilia a compreensão do tom pedagógico que é usado quando os temas econômicos são abordados.

O programa busca ensinar a população como agir e as questões são apresentadas como exemplos de sucesso, mas também de fracasso – devedores e desempregados – mas não há articulação com a situação econômica mundial, em crise declarada desde 2008, nem ao mercado financeiro brasileiro que cobra juros abusivos. As situações de crises colocadas como pessoais, individuais e, mesmo sendo apresentadas como comum a milhares de pessoas no país, a solução passaria diretamente por uma tomada de posição de cada um ou – no máximo – em cada família.

A TV assume assim a função de ensinar as pessoas a superarem dificuldades que parecem escapar de um cenário globalizado. Em países em desenvolvimento, a força da mídia e sua capacidade de simulação da realidade é ainda mais forte, como afirma Duarte (2006a, p.

9), “a televisão ocupa um lugar inimaginável no cotidiano do cidadão comum, passando a desempenhar funções que ultrapassam em muito aquelas que lhe seriam devidas”.

Pierre Bourdieu (1997, p. 19)¹³, em *Sobre a televisão*, reflete sobre o que o acesso à televisão causa aos telespectadores e como o texto jornalístico de televisão obedece uma lógica de produção específica,

o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita.

O que Bourdieu chama de **censura invisível** é, ao mesmo tempo, o que leva convidados e jornalistas a calar, ou não falar. Essa forma de censura para os profissionais é determinada, segundo o autor, pela escassez de postos de trabalho e do trabalho precarizado nos meios de comunicação. Assim, os profissionais se impõem limites e interdições.

Ou, a partir da linha de reflexão estabelecida por Gaia (2011), pensar que, após a ditadura militar, tudo passou a poder ser dito é uma ilusão de liberdade. Então, essa censura é, antes de tudo, ideológica, e também econômica. Uma vez que são empresas e que atendem a interesses mercadológicos, de seus proprietários, dos anunciantes que pagam a publicidade e do Estado que – quando não é também anunciante – garante subvenção através de incentivos fiscais ou investimentos de bancos públicos.

Não há novidade nas relações políticas e econômicas das empresas de comunicação, especificamente, as televisões. Entretanto, como explica Bourdieu (1997, p. 20), são essas relações que ocultam um jogo ainda mais poderoso de domínio da sociedade, uma vez que

essas são coisas [relações] tão grossas e grosseiras que a crítica mais elementar as percebe, mas ocultam os mecanismos anônimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem que fazem da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica.

Essa capacidade de censurar e mostrar, permitir e proibir são poderosas armas desse instrumento de “manutenção da ordem simbólica” – e que entendemos como manutenção da

¹³ As reflexões de Bourdieu acerca da televisão são pertinentes e, portanto, tomadas nesta tese, embora o autor tenha, a nosso ver, um entendimento equivocadamente das possibilidades de análise que a “tradição marxista” pode fazer e faz. Ao creditar ao materialismo uma proposta de denúncia sem análise dos fenômenos, Bourdieu (1997) se equivoca – numa clara incompreensão da teoria – ao acusar o marxismo de uma superficialidade que não lhe pode ser atribuída, uma vez que, as análises materialistas, ao contrário do que afirma, não são economicistas.

lógica do capital. Ao contrário do discurso inovador, tecnológico, moderno, a televisão tem práticas conservadoras, que reforçam estereótipos, posições sociais e costumes, dizendo o que fazer, como agir e sobre o que pensar.

Essa manipulação se dá na resistência em divulgar as notícias e debater temáticas, mas acontece, e de forma frequente, na escolha dos assuntos a serem noticiados, por exemplo. Ao exibir matérias e reportagens que não tratam de fatos noticiosos, necessariamente, a televisão busca nas notícias de variedades os ingredientes para o aumento da audiência.

A fórmula clássica de garantir o aumento do índice de audiência com o sensacionalismo: drama, crime, sexo e violência; não são as únicas armas para manter telespectadores atentos e pouco contestadores. Afinal, como afirma Bourdieu (1997, p. 22), “as variedades são também notícias que distraem”. O sociólogo faz uma analogia da televisão com o trabalho dos prestidigitadores ao atrair a atenção para uma ação que distrai a plateia e esconde o que, na verdade, estão fazendo.

Silenciam dizeres sobre o fracasso¹⁴ e apresentam pessoas que falam sobre experiências bem-sucedidas, pela apresentação de pessoas desconhecidas. Bauman (2001, p. 80) apresenta uma reflexão sobre como esses exemplos ganham autoridade para os telespectadores.

Qualquer que seja o caso, no par exemplo-autoridade a parte do exemplo é a mais importante e mais solicitada. A autoridade da pessoa que compartilha sua história de vida pode fazer com que os espectadores observem o exemplo com atenção e aumenta os índices de audiência. Mas a falta de autoridade de quem conta sua vida, o fato de ela não ser uma celebridade, sua anonimidade, pode fazer com que o exemplo seja mais fácil de seguir e assim ter um potencial adicional próprio.

Bauman destaca que a questão do **anonimato**, do fato de não serem relatos de uma pessoa famosa, aproxima os exemplos dos telespectadores e criam uma nova forma de autoridade. Essa forma se estabelece pela proximidade entre as histórias – relatada e pessoal – que, em nosso entendimento, fornece, pela ideologia, a ilusão de que se é possível para o outro é possível para si mesmo.

Embora façam referência a programas de auditório, tanto Bauman quanto Morris Berman apresentam reflexões que mostram o funcionamento ideológico da apresentação de exemplos no estímulo da ilusão de liberdade e autodeterminação. De acordo com Berman, a apresentadora Oprah Winfrey, resumia bem essa lógica em seu programa. “Pobreza, bem

¹⁴ A questão do sucesso e do fracasso e a atuação da mídia para a sustentação da lógica neoliberal será aprofundada no Capítulo 4.

como a riqueza, ela declarou repetidamente, vem de uma decisão pessoal, e esta é uma visão de mundo que se articula muito bem com a ideologia do *laissez-faire* [liberalismo] da economia de Reagan¹⁵ [neoliberalismo]” (2012, p. 62, Tradução Livre).

Além dos convidados – desconhecidos elevados a exemplos de vida – a mídia busca ainda especialistas que poderão dar o direcionamento para sair da dificuldade, na forma de conselhos profissionais. É o funcionamento ideológico que dá o tom pedagógico ao discurso jornalístico sobre o **sucesso** e que silencia interesses mercadológicos e novas formas ideológicas para manter as desigualdades sociais.

A lógica de exploração e desigualdade da sociedade atual está amparada em postulados de liberdade e igualdade entre sujeitos na formação ideológica do capital. Os discursos produzidos nesse espaço ideológico, socialmente determinado, têm bases nas relações entre os sujeitos e desvelam a lógica que, como veremos, se baseia em reflexões teóricas e práticas de mercado que legitimam o agir, assim como o pensar dos sujeitos.

É pela ideologia dominante que se produzem as evidências de que a sociedade capitalista acolhe todos da mesma forma, dando as mesmas oportunidades e transferindo para cada um a impossibilidade de crescimento. Essa lógica acirra a concorrência entre os sujeitos e convoca tomadas de posição ideológicas que interpelam o sujeito e o convocam a lutar contra os outros, para conseguir se destacar, chegar lá – pondo na capacidade de consumir bens e serviços a realização pessoal.

¹⁵ *Poverty as well as wealth, she stated repeatedly, came down to a personal decision, and this was a worldview that meshed extremely well with the laissez-faire ideology of Reaganomics.*

4 A SOCIEDADE CAPITALISTA E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA NEOLIBERAL

*A sociedade burguesa,
em sua totalidade,
é a guerra de uns contra os outros,
somente delimitados em si
por sua individualidade,
o movimento geral e desenfreado
das potências elementares da vida,
livres das amarras dos privilégios.*

Karl Marx (1991, p. 98-99)

4.1 Liberdade e igualdade individuais: o *jus naturale* como discurso dominante

Os postulados que sustentam as noções de individualismo, direito à propriedade privada e desejo de conquista de bens materiais e poder estão calcados na noção de “direito natural”, buscam legitimar a sociedade ocidental na atualidade e o modo de produção capitalista. Ao divulgar casos de pessoas bem-sucedidas em seus segmentos profissionais, os discursos convocados para sustentar os exemplos de sucesso apresentados em edições do *Globo Repórter* dialogam com esses postulados que estabeleceram a noção de sociedade que vigora nos dias atuais.

A questão sobre a sociedade civil é uma das que mais sofreu alterações desde sua origem. Os parâmetros que constituem a sociedade civil no pensamento moderno começam a ser cunhados no processo de transição para o capitalismo, a partir da crise do absolutismo, do fortalecimento da burguesia e do início dos primeiros contratos de trabalho e de mercado.

Dos teóricos contratualistas vêm as noções de Estado e sociedade civil que vigoram no pensamento moderno. Tanto a sociedade quanto o Estado seriam originários de contratos sociais estabelecidos entre os homens. O jusnaturalismo ou “direito natural” foi desenvolvido durante a transição para o capitalismo e deu base teórica para seu fortalecimento. Essas noções podem ser observadas nos discursos atuais que tratam dos direitos individuais à propriedade privada, como veremos neste capítulo.

Nos séculos XVII e XVIII, essas teorias foram desenvolvidas com o objetivo principal de transferir para a sociedade e para o Estado a garantia dos interesses individuais e

liberais, com a legitimação e o respeito aos direitos dos indivíduos, atribuindo ao Estado a função de zelar e impedir qualquer violação dos direitos inatos individuais.

A harmonia da sociedade seria garantida por esse contrato que estabeleceria regras para a convivência entre os homens, que renunciariam suas liberdades naturais e individuais em prol da manutenção da ordem na sociedade. Nesse período histórico, as teorias contratualistas de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau estimularam a lógica do respeito aos interesses burgueses, criando a base para a legitimação do poder político do Estado moderno e fortalecendo a lógica do capital.

A lógica contratualista foi sendo definida e reestruturada de Hobbes à Revolução Francesa, partindo da noção do “homem lobo do homem”, as teorias se encaminharam para a oposição entre “estado de natureza” e “estado social”, de modo que o Estado não seria mais o palco dos conflitos sem regras e passaria ao Estado de ordem, a partir dos interesses e necessidades reguladas em um pacto social. Como explica Bobbio (2000, p. 11), o contratualismo ou jusnaturalismo tinha por doutrina dos direitos dos homens, pela qual:

Todos os homens, indiscriminadamente, têm por natureza e, portanto, independentemente de sua própria vontade, e menos ainda da vontade de alguns poucos ou de apenas um, certos direitos fundamentais, como o direito à vida, à liberdade, à segurança, à felicidade – direitos esses que o Estado, ou mais concretamente aqueles que num determinado momento histórico detêm o poder legítimo de exercer a força para obter a obediência a seus comandos devem respeitar, e portanto não invadir, e ao mesmo tempo proteger contra toda possível invasão por parte dos outros.

A ideia de um Estado constituído a partir do direito natural contrariava as noções estabelecidas, até então de base religiosa, que apontavam como divina a origem do homem, do mundo e das coisas e a vontade de Deus como determinante para explicar a divisão social, as leis e o exercício da autoridade na sociedade, verdades absolutas propagadas na Idade Média.

Ao mesmo tempo em que rompia com a tradição judaico-cristã, a nova configuração de Estado também negava a tradição aristotélica do homem como animal social – o *zoon politikon* – que vive em sociedade e, harmonicamente, desenvolve suas potencialidades dentro da comunidade.

O direito do homem passa a fundamentar a noção do Estado moderno, cuja principal característica é a passagem do poder político absolutista – concentrado na mão de uma só figura, o soberano – para a sociedade, que é regulada por um conjunto de indivíduos livres e iguais e cujas vontades tornam-se a fonte de autoridade. Ainda para Bobbio (2000, p. 16),

[...] sem essa verdadeira revolução copernicana, à base da qual o problema do Estado passou a ser visto não mais da parte do poder soberano mas da parte dos súditos, não seria possível a doutrina do Estado liberal que é, *in primis* a doutrina dos limites jurídicos do poder estatal. Sem individualismo não há liberalismo.

Para os contratualistas, o homem é um ser natural, proprietário de sua pessoa e de suas capacidades, sem dever à sociedade nada por elas. A liberdade e autonomia do indivíduo fazem-no capaz de utilizar suas habilidades e virtudes, sua força e inteligência e seus talentos para conquistar bens materiais e convertê-los em propriedade privada. Assim, quem não os têm é porque não se esforçou para conquistá-los. Como explica Hobbes, em o *Leviatã* (1997, p. 78, grifo do autor),

o **direito de natureza**, a que os autores geralmente chamam *jus naturale*, é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e conseqüentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim.

Essa leitura da sociedade baseada na liberdade e nas diferentes habilidades individuais para adquirir as posses, justificava a existência da propriedade privada – fruto do esforço de cada um –, assim como explicava a desigualdade social. Se cada um usava de diferentes formas suas potencialidades, era justo que aquele que fosse mais habilidoso na conquista de bens materiais acumulasse mais propriedades do que um outro indivíduo, menos talentoso e, portanto, com menos posses.

Como poderemos acompanhar, a lógica do jusnaturalismo pode ser observada no programa *Globo Repórter* em suas diversas edições. Em um dos programas, exibido em 23 de setembro de 2011, intitulado por nossa pesquisa como *Diaristas*, cuja temática era sobre profissionais que trabalham como diaristas, nota-se a explícita proposta da liberdade que cada indivíduo tem de fazer aquilo que lhe for conveniente para preservar sua vida, numa aproximação ao postulado de Hobbes.

A liberdade dos indivíduos de agir para “fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem” é estimulada na sociedade atual. Quando o repórter Ismar Madeira apresenta os casos dos diaristas, ele enuncia:

SD 1

Apesar da melhora nos índices de empregabilidade do país, “caçar” um bom emprego não é uma missão simples. Mais difícil ainda é encontrar um

trabalho para o qual se tenha talento e que possibilite alcançar o que tanto queremos em nossas vidas. Pois muitos brasileiros estão conseguindo, em nichos do mercado de trabalho nos quais falta mão de obra. Eles são especialistas nesta caçada e descobriram que “matar um leão por dia”, como diz o ditado popular, é possível, rentável e até divertido. São os chamados “diaristas”, que contaram para nossa equipe de reportagem suas histórias, estratégias profissionais e vitórias. Este programa revela a vocação e a criatividade de trabalhadores incansáveis (Diaristas, 23/09/2011).

Para fazer sucesso e “vencer na vida” o indivíduo é comparado a um animal selvagem em plena luta pela sobrevivência: é matar ou morrer. Será preciso usar todos os conhecimentos necessários para se manter “vivo” no mercado de trabalho. Conseguir um bom emprego se tornará possível em resposta a uma caçada, uma vez que, “caçar” uma vaga no mercado de trabalho é a “missão” desses trabalhadores. Os diaristas da reportagem são apresentados como “especialistas nesta caçada”, e esse modo de viver não é só “possível”, como pode ser “rentável e até divertido”.

O repórter silencia as relações de trabalho que se configuram nas atividades de diaristas, ao não apresentar as dificuldades que são enfrentadas na rotina diária e, principalmente, em longo prazo. Os diaristas não têm direito a 13º salário, férias remuneradas, licença-maternidade, auxílio-doença, além de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) ou multa em caso de rompimento de contrato. A “melhora nos índices de empregabilidade” a que se refere à reportagem, diz respeito aos números oficiais de novos postos de trabalho, com exigências cada vez maiores – de escolaridade, experiência, faixa etária etc. – e não alcançam o grupo, cada vez maior, de trabalhadores informais.

A dificuldade em conseguir o posto de trabalho é minimizada pela reportagem. Para o repórter, “mais difícil ainda é encontrar um trabalho para o qual se tenha talento e que possibilite alcançar o que tanto queremos em nossas vidas”.

Ao talento – implícito – é atribuída a capacidade de desempenhar uma função profissional que, quase sempre para os diaristas, não exige formação específica e depende de conhecimentos diversificados, adquiridos e acumulados ao longo de anos, décadas e até mesmo gerações.

SD 2

O que dizer de um homem que transforma tudo o que aprendeu ao longo da vida em dinheiro? Seu João Donizete faz serviço de eletricista, encanador, costureiro e até de artista performático, em São José do Rio Preto, no noroeste paulista. Do pai, ele herdou o talento para consertos domésticos. Da mãe costureira, “puxou” a habilidade para fazer roupas. Mas não ficou nisso, acrescentou a seu currículo o que aprendeu com amigos ou nos empregos que teve. Hoje, aposentado de uma empresa de ônibus, engorda o orçamento,

atuando como faz-tudo. Além dos serviços em lojas e residências, ele anima festas de aniversário ou de confraternização em empresas. O resultado? Comprou uma caminhonete zero quilômetro, a moto dos sonhos e garantiu conforto à família em casa. Seu João nos conta o segredo de seu sucesso e nos mostra como é possível ganhar dinheiro com bom humor.

A capacidade para desenvolver uma atividade é o que o trabalhador necessita para conseguir o “que se quer da vida”. Esse implícito faz sentido ao convocar outros discursos – sobre o próprio individualismo, a capacidade de superação, os modelos de sucesso e os ideais de felicidade – para produzir sentido.

Ao afirmar que o aposentado “engorda o orçamento”, a reportagem não apresenta números que quantifiquem essa informação. A construção do modelo de sucesso, se dá na compra de “uma caminhonete zero quilômetro, a moto dos sonhos e garantir conforto à família em casa”. Mas o que é uma moto dos sonhos? E o que garante conforto a uma família? A generalização é constante e evoca a conquista de bens materiais como garantia de concretização de objetivos – que aponta para o sonho como meta de vida.

Ser um “faz-tudo”, atendendo em lojas e residências, não é o suficiente para a conquista de seus objetivos. O “sucesso” de Seu João é garantido pela soma de esforços de toda uma vida profissional em uma empresa de ônibus, a soma de habilidades herdadas e aprendidas com colegas, a aposentadoria e a atividade extra de animador de “festas de aniversário ou de confraternização em empresas”.

É a partir da base teórica do contratualismo, desenvolvida por Hobbes, Locke (no séc. XVII) e Rousseau (no séc. XVIII), ressaltando, cada uma a seu modo, aspectos específicos da noção de Estado, que entenderemos os efeitos de sentidos do discurso desse programa televisivo. Com diferenças e, até mesmo, em alguns aspectos, oposições, os teóricos contratualistas fundamentaram a base para o surgimento do Estado, como afirma Tonet (1997, p. 24): “com seu aparato jurídico, político e administrativo, oriundo do consenso dos indivíduos e com finalidade bem definida de assegurar o livre exercício dos direitos naturais desses mesmos indivíduos”.

O caráter de proteção ao livre exercício da individualidade e à propriedade privada era fortalecido pelo “direito natural” burguês que, mesmo defendendo o ideal de igualdade entre os indivíduos, não se opunha às ideias burguesas de propriedade, ao admitir diferentes posições socioeconômicas.

As reflexões apresentadas pelos autores ecoam, em determinados aspectos, nas falas que são ouvidas, divulgadas e repetidas na sociedade atual. A necessidade de manutenção da

ordem e a defesa à propriedade privada e à própria vida estão explícitas na longa reflexão que Hobbes (1997, p. 76) fez dos homens e de seu modo de agir, no século XVII, e figura, ainda, no modo como a sociedade as apresenta como modelo de bom-senso aos cidadãos.

[...] Poderá parecer estranho a alguém que não tenha considerado bem estas coisas que a natureza tenha assim dissociado os homens, tornando-os capazes de atacar-se e destruir-se uns aos outros. E poderá portanto talvez desejar, não confiando nesta inferência, feita a partir das paixões, que a mesma seja confirmada pela experiência. Que seja portanto ele a considerar-se a si mesmo, que quando empreende uma viagem se arma e procura ir bem acompanhado; que quando vai dormir fecha suas portas; que mesmo quando está em casa tranca seus cofres; e isto mesmo sabendo que existem leis e funcionários públicos armados, prontos a vingar qualquer injúria que lhe possa ser feita. Que opinião tem ele de seus compatriotas, ao viajar armado; de seus concidadãos, ao fechar suas portas; e de seus filhos e servidores, quando tranca seus cofres? Não significa isso acusar tanto a humanidade com seus atos como eu o faço com minhas palavras? Mas nenhum de nós acusa com isso a natureza humana. Os desejos e outras paixões do homem não são em si mesmos um pecado. Nem tampouco [sic] o são as ações que derivam dessas paixões, até ao momento em que se tome conhecimento de uma lei que as proíba; o que será impossível até ao momento em que sejam feitas as leis; e nenhuma lei pode ser feita antes de se ter determinado qual a pessoa que deverá fazê-la.

Ao fortalecer as bases da ideologia da classe burguesa, defendendo a propriedade privada, as teorias contratualistas postularam a noção de igualdade entre os indivíduos que sustentou a classe burguesa, sem questionar a propriedade privada como responsável pela desigualdade econômica e social. Como se poderá acompanhar num esboço dos principais pensadores do contratualismo.

4.1.1 Hobbes – o Estado protegendo o homem do próprio homem

Para o inglês Thomas Hobbes (1588-1679), os homens seriam iguais e possuidores de um permanente desejo pelo poder, ou seja, ter a capacidade de adquirir riquezas, reputação e domínio sobre outros homens. Ao terem necessidades semelhantes e o mesmo sentido de preservação, lutariam entre si em disputas para tomarem aquilo que é de outro ou com o objetivo de evitar ataques, perdendo posses e até mesmo a vida.

Esse desejo de poder se reflete nos dias atuais. Ter mais é natural e depende da vontade individual. A máxima “querer é poder” é convocada para legitimar o desejo do empresário Sylvio Coelho que, aos 91 anos, é apresentado como exemplo de disposição e modelo de idoso bem-sucedido, no *Globo Repórter* exibido em 29 de janeiro de 2010.

Uma vez que os homens seriam iguais e que de cada um dependeria “a capacidade de adquirir riquezas, reputação e domínio sobre outros homens”, Sylvio Coelho é o exemplo do homem destemido que, vindo de uma família pobre, de pais moradores de uma favela, retira dessa condição precária de vida um “estímulo” e não um obstáculo. O empresário superou “dificuldades e dores” – comuns a tantos outros – e, nem por isso, considerou-os como motivo para desanimar.

SD 3

Filho de imigrantes portugueses analfabetos, Sylvio é carioca: nasceu em uma favela. Mais um estímulo para uma vida de vitórias. “Não tenho medo de nada”, diz ele.

Foi assim que ele superou as dificuldades e as dores. Até a de perder um filho subitamente. Experiências que ele mesmo registrou nas páginas de um livro.

Sylvio explica o significado da frase ‘Querer é poder’, que está em seu livro: “O poder é nosso. É a nossa própria vontade de conseguir vencer” (Os novos aposentados do Brasil: **Empresário de 90 anos continua a frente de empresa que criou**, 29/01/10).

As noções postuladas por Hobbes estão evidenciadas na fala de Sylvio: “O poder é nosso. É a nossa própria vontade de conseguir vencer”. Assim, o empresário, proprietário de um moinho, no Rio de Janeiro – onde trabalha todos os dias –, serve como modelo a ser seguido pelos demais, uma vez que, se não consegue alcançar o que almeja, não deve ter desejado suficientemente, nem lutado por seu objetivo.

O autor de *Leviatã* (publicado pela primeira vez em 1651, e escrito durante o exílio na França) afirmava que a vulnerabilidade geral dos homens e a insuficiência de bens para atender a todos, satisfazendo às necessidades de cada um, colocavam a sociedade em estado permanente de guerra, esclarecido por Hobbes na afirmação de que “o estado de natureza é o estado de **guerra de todos contra todos** e o homem é um lobo para o homem” (1997, p. 108-109, grifo nosso). Seriam os homens as maiores ameaças aos próprios homens, gerando insegurança, temor e, assim, a necessidade de ordem na sociedade. É o que pode ser visto na sequência discursiva que segue, sobre trabalho temporário, da edição de 14 de novembro de 2011.

SD 4

“É difícil alguém, dentro da faculdade, planejar trabalhar em uma loja. Não é o emprego mais procurado. O sonho era outro”, conta André, que, mesmo

assim, arriscou. O primeiro desafio foi escrever o currículo. Sem experiência para oferecer, ele tentou conquistar pelas próprias qualidades.

“Com as minhas características: ter atitude, vontade de vencer, trabalhar em equipe, correr atrás dos objetivos propostos”, explica André (**Emprego temporário**: de temporário a permanente, 14/11/08).

André Moreira César viu seu objetivo mudar, uma vez que “o sonho era outro” e não passava pela realidade de sair da faculdade para trabalhar, como temporário, em uma loja de artigos de surfe. Mesmo não querendo sair da faculdade e ser vendedor na loja, André trancou a matrícula por não ter dinheiro para permanecer na instituição e assumiu a nova função.

Uma vez que não tinha experiência como vendedor, André apresentou suas qualidades pessoais para conquistar a vaga de temporário e impressionar os contratantes. A “vulnerabilidade geral dos homens e a insuficiência de bens para atender a todos, satisfazendo às necessidades de cada um”, como afirmava Hobbes, reforça a necessidade de André de apresentar suas características: “ter atitude, vontade de vencer, trabalhar em equipe, correr atrás dos objetivos propostos”.

Em suas reflexões, Hobbes não afirmava que a humanidade era um aglomerado de selvagens e sim, que o “estado de natureza” seria a fonte de toda a discórdia entre os seres humanos. Para ele, se não houvesse no Estado o papel de reprimir e controlar os atos de cada um, todos estariam sujeitos a perder seu trabalho e até a própria vida, num estado de conflito. Como podemos destacar no trecho da obra *Leviatã* (1997, p.108):

E contra esta desconfiança de uns com relação aos outros, nenhuma maneira de se garantir é tão razoável como a antecipação; isto é, pela força ou pela astúcia, subjugar as pessoas de todos os homens que puder, durante o tempo necessário para chegar o momento em que não veja qualquer outro poder suficientemente grande para ameaçá-lo.

Os homens sairiam do “estado de natureza”, em busca da preservação da segurança e da própria vida, abandonando as situações de conflito. Essa mudança seria possível com a determinação de regras que orientassem a sociedade e que fossem observadas e respeitadas por todos. Na nova configuração social proposta por Hobbes, um contrato estabeleceria as normas que garantiriam o convívio social, baseadas na subordinação política ao poder soberano do Estado.

Ao se constituir a sociedade civil, ou sociedade política, deixa-se para trás o estado de natureza e transfere-se para uma autoridade soberana – quer seja na figura de um homem ou de um grupo – o direito individual e natural de cada um. A partir do momento em que se

estabelece a transferência do poder para o Estado, os indivíduos passam a seguir as ordens do soberano e se submetem às decisões e ordens do poder constituído.

O que fica determinado pelo poder soberano passa a ser tido como bom e justo; e o que fere ao que foi determinado pelas ordens do soberano, passa a ser tido como mau e injusto. Não deverá haver, em hipótese alguma, contestação ao que foi estabelecido pelo poder soberano. Como afirma Ribeiro (1999, p. 154), ao explicar a lógica do pensamento de Hobbes, “sem contrato não há poder político, apenas força presente e imediata – que, faltando, deixa de gerar efeito. Só o assentimento do dominado pode dar duração ao poder, constituir uma relação de direito”.

O contrato estabelecido com a sociedade deverá garantir que o poder do governante seja ilimitado, irrevogável – uma vez que apenas a vontade de todos poderia tornar nulo o pacto estabelecido pela sociedade. Nas palavras de Hobbes (1997, p. 107, grifo do autor):

Diz-se que um *Estado* foi **instituído** quando uma **multidão** de homens concordam e **pactuam, cada um com cada um dos outros**, que a qualquer **homem** ou **assembleia de homens** a quem seja atribuído pela maioria o **direito de representar** a pessoa de todos eles (ou seja, de ser seu **representante**), todos sem exceção, tanto os que **votaram a favor dele** como os que **votaram contra ele**, deverão **autorizar** todos os atos e decisões desse homem ou assembleia de homens, tal como se fossem seus próprios atos e decisões, a fim de viverem em paz uns com os outros e serem protegidos dos restantes homens.

É desta instituição do Estado que derivam todos os **direitos e faculdades** daquele ou daqueles a quem o poder soberano é conferido mediante o consentimento do povo reunido.

A forma de governo apresentada por Hobbes como ideal era a monarquia. Mas, em caso de ineficácia do sistema na proteção dos indivíduos, garantindo a segurança e a paz de todos, o contrato poderia – só assim – ser quebrado. A obediência ao soberano só duraria enquanto durasse a capacidade de proteger os súditos. Caso o pacto fosse quebrado por esta razão, o poder do soberano cessaria e os indivíduos passariam a se defender como desejassem, sem nenhuma interferência superior.

Mesmo com posicionamento em defesa da soberania do estado absolutista, no tempo de Hobbes, a burguesia já lutava para se afirmar. As reflexões do filósofo inglês ajudaram a dar sustentação a uma quebra de paradigma da época, referente à propriedade privada, antes um direito limitado. Como explica Ribeiro (2006, p. 72-73),

Hobbes reconhece o fim das velhas limitações feudais à propriedade – e nisso ele está de acordo com as classes burguesas, empenhadas em acabar

com os direitos das classes populares à terra comunal ou privada – mas, ao mesmo tempo, estabelece um limite muito forte à pretensão burguesa de autonomia: todas as terras e bens estão controlados pelo soberano.

Ao expor sua teoria, Hobbes fundamentou o contratualismo absolutista, privilegiando o poder indivisível e negando a distribuição do poder em outras esferas, em um governo misto. O Estado para Hobbes seria regido pelas leis do soberano, através de suas ordens e na concentração das demais esferas, como os poderes Executivo e Legislativo, em suas mãos.

O pensamento de Hobbes sobre o direito à propriedade em dependência das vontades do soberano não prosperou, pois se opunha às necessidades de legitimação do direito aos bens e do interesse da classe burguesa em controlar o poder do Estado. Mas, subsidiou regras para as classes que permaneceriam sob o controle do Estado. Para Ribeiro (1999, p. 348),

[Hobbes] não escreveu um espelho para o príncipe, como os pensadores medievais; escreveu *de cive*, “do cidadão”, mas, sobretudo, *ad civem*, “para o cidadão”. Não quis ensinar a bem governar, como os medievais, mas a obedecer.

Muito embora, o contrato social proposto por Hobbes fortaleceu noções importantes para a manutenção da classe burguesa, como o apagamento das desigualdades entre os indivíduos e a determinação do homem como responsável por seu destino, seus sucessos e infortúnios.

4.1.2 Locke – liberalismo e *jus naturale*

A base do pensamento liberal ganhou ainda mais força, com as reflexões de John Locke (1632-1704)¹⁶, nascido em uma família burguesa, na Inglaterra, lutou na guerra civil e foi médico e conselheiro de Lorde Shaftesbury, político liberal, opositor do rei Carlos II e o mentor liberal de Locke.

Defensor da liberdade e da tolerância religiosa, Locke é tido como o fundador do **empirismo** – pensamento que afirma que todo conhecimento é reflexo de experiências, numa crítica direta às **ideias inatas** apresentadas por Platão e defendidas por René Descartes.

¹⁶ Publicou suas principais obras: *Cartas sobre a Tolerância*, *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, o *Primeiro e o Segundo Tratados sobre o Governo Civil*, nos anos de 1689 a 1690.

O jusnaturalismo em Locke é próximo ao modelo apresentado por Hobbes, uma vez que também aponta para o contrato social como mediador da passagem do estado de natureza para a sociedade civil.

Locke, entretanto, afirma que o indivíduo é anterior à sociedade e ao Estado e que os humanos viviam em harmonia, com liberdade e igualdade, numa etapa anterior ao social e ao político, mas já dotados de razão. Nessa etapa da sociedade, Locke afirma que os indivíduos desfrutavam do direito à propriedade, que de forma mais ampla, correspondia não só aos bens, mas também à liberdade e à vida, direitos naturais de cada indivíduo. Para ele, não havia o estado de guerra, como em Hobbes, com sensação permanente de insegurança, e sim, passível de violência, uma vez que não houvessem leis que coibissem as ameaças ao estado natural de paz.

Para Bobbio (2000, p. 13), “essa descrição é fruto da reconstrução fantástica de um presumível estado originário do homem, cujo único objetivo é o de aduzir uma boa razão para justificar os limites do poder do Estado”.

As ideias dos direitos naturais dos homens são a base para o princípio fundamental do Estado Liberal como estado limitado, que pressupunha que toda associação política deveria ter como objetivo a preservação dos direitos naturais do homem.

Para Locke (1987, p. 47), a posse de bens e a propriedade privada se justificavam pelo trabalho, e não, como afirmava Hobbes, pela força e violência. Segundo sua concepção, “Deus deu a terra para que os homens a cultivassem. Quem nela trabalha, dela será posseiro”. Assim, aos homens era dado direito à posse daquilo que, pela força de seu trabalho, transformava o estado natural das coisas para atender às suas necessidades.

Ao produzir mais do que necessitavam para viver, os indivíduos, segundo Locke, passaram a ter em suas mãos o excedente da produção e a produzir valor de troca, o que explicaria a diferença entre ricos e pobres, de acordo com a capacidade de cada um, de produzir mais ou menos, a partir de sua capacidade de trabalho. Quanto maior a capacidade, maior o acúmulo e maior a riqueza. Aqueles que não acumulavam, não o faziam por não ter simplesmente trabalhado o suficiente para produzir excedente, acumular e enriquecer. Como explica Mello (2006, p. 85), para Locke,

Com o dinheiro surgiu o comércio e também uma nova forma de aquisição da propriedade, que, além do trabalho, poderia ser adquirida pela compra. O uso da moeda levou, finalmente, à concentração da riqueza e à distribuição desigual dos bens entre os homens.

Assim, o poder político serviria para manter a ordem e garantir que homens possam conservar aquilo que acumularam, sem ameaças à liberdade ou à propriedade. A concepção de Locke sobre o contrato social se diferenciava de Hobbes, uma vez que este acreditava que o pacto deveria ser estabelecido pela submissão ao Estado e, no pensamento daquele, o contrato social deveria ser estabelecido pelo consentimento, através do qual os indivíduos formam a sociedade livremente e o Estado preserva e reforça, através da força política, os direitos estabelecidos ainda no estado de natureza, como a vida, a liberdade e a manutenção dos bens acumulados. Ainda para Locke, a proteção do governo aos direitos de propriedade era fundamental na manutenção do estado civil.

Opositor do absolutismo, Locke afirmava que nem a força nem a tradição poderiam fundamentar a relação de governo. Apenas o consentimento da maioria da sociedade poderia garantir a legitimidade do poder. Como explicado no *Segundo Tratado sobre o Governo Civil* (1987, p. 33): “o poder não advém de uma divindade nem por herança. Não se pode dizer que o poder é apenas produto da força e da violência”. A oposição de Locke ao Absolutismo se baseava no entendimento de que nenhum homem livre desejaria ser governado por um poder absoluto, prevendo o direito à resistência e à possibilidade de revogação da autoridade constituída.

Distanciando-se de concepções hobbesianas sobre a propriedade, Locke afirmava que essa era inerente ao estado natural e, por isso, a propriedade seria um direito natural do homem, garantido por seu trabalho.

Como veremos na sequência discursiva abaixo, atualmente, a questão da propriedade se relaciona com o direito natural, garantido pelo trabalho, e com a capacidade de conseguir o bem – além da “ousadia, disciplina e coragem” para administrar o que se ganha e aquilo que se toma por empréstimo junto a bancos. A economia de salário ao longo dos anos, a construção lenta da casa, a compra de material e a economia para contratação de pessoal para o acabamento, a reunião de parentes, amigos e vizinhos para erguer a casa própria são, gradativamente, substituídas pelo endividamento em longo prazo.

SD 5

Com criatividade, disciplina e coragem, muitos conseguem, por exemplo, comprar a casa própria.

A casa dos pais da técnica em contabilidade Daiane do Nascimento, no Nordeste, era construída com o barro do chão e o suor do rosto. A nova é erguida na base do crédito, do trabalho e da coragem de agir no momento certo.

"Eu também tenho um dedinho nessa história de luta, de determinação", diz Daiane (O valor do dinheiro, 23/10/09).

Há, como podemos observar, uma apresentação de modelo de conquista por parte da família de Daiane Nascimento. Se no Nordeste, a família da técnica em contabilidade utilizou-se da estratégia convencional de economizar – o chamado, na reportagem, “suor do rosto” – e o barro para erguer a casa. No Sudeste, a estratégia foi alterada, modernizada, mas preservando o “direito natural à propriedade garantido pelo trabalho”. Mas, desta vez, a família “ergueu” a casa a partir do financiamento, na reportagem, chamado de “crédito”. A essa conquista, foi atribuída, além do trabalho, a característica da “coragem de agir no momento certo”.

Mesmo que não evidenciada na reportagem, o “agir no momento certo” é definido pelo exercício do direito de posicionar-se, frente à realidade, seguindo o que o telespectador poderá pensar ser uma decisão do indivíduo – neste caso, partilhada pela família, como aponta a declaração de Daiane Nascimento: “Eu também tenho um dedinho nessa história de luta, de determinação” – e não uma alteração nas condições de compra de imóveis, com intervenção do governo.

A atuação do Estado se dá agora na regulação de contratos de financiamentos e na liberação de crédito para contratação de financiamentos. Em bancos privados, mas principalmente na Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil – cujo principal acionista é o Governo Federal – o prazo de financiamento da casa própria é de até 35 anos. A política de financiamento com redução de juros e ampliação de prazos é também voltada para a contratação de crédito para compra de material de construção, estimulando a reforma de casas próprias e, conseqüentemente, o endividamento.

Como afirmam Duriguetto e Montañó (2011, p. 27), “as formulações de Locke constituíram as diretrizes fundamentais do Estado Liberal, inaugurando aquele que se firmaria como um dos princípios e fundamentos centrais do liberalismo”. Ou seja, as concepções do Estado como protetor dos direitos dos indivíduos, inalienáveis, de liberdade, igualdade e propriedade.

Segundo Mello (2006, p. 86), a concepção de Locke de que é o trabalho que provoca a diferença de valor em todas as coisas, “pode ser considerada, em certa medida, como precursora da teoria do valor-trabalho, desenvolvida por Smith e Ricardo, economistas do liberalismo clássico”.

A influência histórica do pensamento de Locke é apontada na emancipação política da burguesia durante as revoluções liberais, na Europa e na América. O pensamento de Locke estava presente na revolução norte-americana e na redação da *Declaração da Independência*

dos Estados Unidos (1776). As ideias influenciaram ainda filósofos iluministas franceses, como Voltaire e Montesquieu na Revolução Francesa e na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789), proclamando a liberdade, a igualdade, a fraternidade e a propriedade como direitos naturais.

4.1.3 Rousseau – o povo soberano

O pensamento do suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) é oposto às concepções das relações entre Estado e sociedade civil apresentadas por Hobbes e Locke. Entende-se a presença de Rousseau entre os contratualistas pela opção teórica de iniciar a análise das características humanas no estado de natureza. Na obra *Discurso sobre a desigualdade* (1755), o estado da natureza é construído por Rousseau como um momento histórico hipotético em que o homem se encontrava feliz e em paz, ao contrário do estado de guerra permanente.

Para Rousseau, a instituição da propriedade privada foi a responsável pela alteração desse estado de paz e pela origem das desigualdades na sociedade. A rivalidade dos interesses, a busca pela riqueza e a concorrência seriam os responsáveis pelo egoísmo como motivação norteadora da vida social moderna.

Em sua obra *Do contrato social* (1762), apresenta os pressupostos de uma ordem política que se opusesse às condições de desigualdade e opressão. Rousseau propõe que riquezas e propriedades sejam distribuídas de forma equitativa, mas, no entanto, é criticado por não ter proposto uma forma de promover, eficientemente, esta distribuição. Ao apontar a concentração de riquezas nas mãos de poucos, Rousseau se deteve na denúncia, mas nada apresentou como solução.

Assim, garantir a ordem na sociedade, aos moldes estabelecidos por Hobbes e Locke, seria, para Rousseau garantir a segurança e o interesse de poucos proprietários, reforçando as diferenças, estimulando as desigualdades e legitimando a dominação de um pequeno grupo – mais forte e poderoso – sobre uma maioria – fraca e sem poder.

A propriedade privada seria a fonte da desigualdade social e da miséria, e o impedimento para a igualdade entre os homens, possibilitando a divisão da sociedade e legitimando a exploração de indivíduos por seus semelhantes. Como explica Rousseau (1983, p. 259), “o verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um

terreno, lembrou-se de dizer: isto é meu, e encontrou pessoas suficientemente simplórias para acreditá-lo”.

A partir desse momento, segundo o filósofo, a sociedade passou a vivenciar a desigualdade e as disputas violentas pela posse, num estado de desordem, perseguindo uma forma de poder que protegesse os indivíduos, suas vidas e suas posses. O contrato social estabelecido na sociedade seria, para Rousseau, ilegítimo por reforçar a desigualdade, estimular as diferenças sociais e proteger, através de leis, a propriedade privada, desta forma, aniquilando a liberdade do indivíduo e instaurando permanentemente a desigualdade entre os homens.

A proposta de Rousseau era a de elaboração de um novo contrato social, em que os homens tivessem garantidas suas condições de liberdade e igualdade. Esse novo contrato garantiria a legitimidade ao se apoiar na vontade geral, condição indispensável para que o projeto de Estado democrático-liberal de Rousseau fosse viabilizado. Para ele (1983, p. 32), “importa encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual um, unindo-se a todos, só obedeça contudo a si mesmo, e permaneça tão livre quanto antes”.

A vontade geral seria a renúncia de interesses particulares em detrimento dos interesses coletivos. Não seria nem a vontade individual, nem mesmo a vontade de todos, e sim, a soma de todas as vontades, superior a união de interesses particulares. Podendo ser, como afirmam Duriguetto e Montañó (2011, p. 29, grifo dos autores),

[...] a vontade geral é entendida como o que traduz o que há de comum nas vontades individuais e não a simples soma de vontades particulares ou da maioria. O que dá suporte à vontade geral é, pois, o **interesse comum**, que é entendido como o interesse de todos e de cada um enquanto componentes do corpo coletivo. É com base no interesse comum que a sociedade deve ser governada.

Para Rousseau, uma vez que os indivíduos se tornam iguais, cada integrante da sociedade passa a ser parte de uma mesma associação e estando em condições iguais a de todos não haveria o interesse de ser menos que os demais. Para ele, a soberania advém do povo. O povo seria o soberano, ditando a vontade geral e estabelecendo, a partir dela, as leis que regeriam a sociedade. Para Nascimento (2006, p. 196), em Rousseau,

[...] um povo, portanto, só será livre quando tiver todas as condições de elaborar suas leis num clima de igualdade, de tal modo que obediência a essas mesmas leis signifique, na verdade, uma submissão à deliberação de si mesmo e de cada cidadão, como partes do poder soberano.

Para Rousseau, ao contrário de Hobbes e Locke, o soberano não teria por obrigação defender o indivíduo, suas aspirações pelo poder e suas propriedades. O objetivo político, fundamentado pelo novo contrato social, seria o de transformar o homem em alguém diferente, com desejo de justiça.

A contribuição de Rousseau ao pensamento democrático é reconhecida, embora as críticas a ele estejam no fato de suas teorias não promoverem a elevação do interesse individual em interesse coletivo. Em sua obra, Rousseau, não apresenta proposta de ruptura com os limites impostos pelo capitalismo.

Assim, embora apresentem diferenças em suas propostas, as teorias contratualistas se dedicaram a formulações de organização do Estado com o propósito de atender aos interesses dos indivíduos, postuladas por Hobbes e Locke, e, aos da sociedade, por Rousseau.

As formulações teóricas contratualistas basearam os ideais de proteção à vida e à propriedade privada, concedendo ao Estado o poder de defender interesses particulares e garantir os interesses universais, afastando-se da concepção de Estado legitimado pela determinação de Deus ou da natureza, e estabelecendo parâmetros decisivos para o fortalecimento do capitalismo.

A mídia hoje, como vemos nas edições do programa *Globo Repórter* que exibem a temática sobre o sucesso, veicula que dialogam com pressupostos cunhados pelos postulados do *jus naturale*. Como vimos, estão presentes na formulação dos discursos que circulam pela sociedade, sendo fortalecidos, recuperados, reformulados e repetidos, legitimando as ideias da classe dominante, como afirmam Marx e Engels (1998, p. 48, grifo dos autores):

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder **material** dominante numa determinada sociedade é também o poder **espiritual** dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante.

Com base na defesa dos interesses individuais, garantia dos direitos universais e da propriedade privada, o discurso sobre o sucesso convoca outros dizeres, como o de resistência, resiliência, superação e de conquista de sonhos que a mídia veicula e ressignifica.

Dos postulados apresentados, certamente o pensamento de Tomas Hobbes é o que melhor expressa o atual estágio da sociedade, com homens e mulheres sendo estimulados a

lutar por seus objetivos e a encarar o outro como um inimigo – o homem é um lobo para o homem. Magalhães (2011, p. 8) afirma que

o novo mal-estar civilização no século XXI (a depressão e as drogas a ele acopladas) [...] não têm nada a ver com as necessidade de um indivíduo egoísta e mau por natureza, e sim com a necessidade que a lógica do capital que a lógica do capital possui de produzir cada vez mais e, por isso, viver crises sistêmicas cada vez mais frequentes.

Assim, a lógica do capital agudiza conflitos e gera evidências ideológicas de que na guerra de “todos contra todos” sempre haverá vencedores e aqueles que não conseguirem – os perdedores –, simplesmente, não aproveitaram as oportunidades oferecidas a todos.

4.2 Do Liberalismo ao Neoliberalismo – o Estado e a responsabilidade individual

A tradição liberal se constitui de dois pontos centrais que mantém unidade interna. O primeiro deles é a garantia de uma corrente de pensamento para a manutenção dos interesses de classe burguesa, e a segunda, se constitui da defesa do conceito de liberdade. O liberalismo compreende que a intervenção do Estado leva a própria limitação.

A intervenção estatal mostra-se, numa sociedade desigual como a capitalista, como um instrumento de reprodução da ordem que, de acordo com Montañó e Duriguetto, passa a ser também um instrumento de “‘diminuição’ ou ‘compensação’ da desigualdade estrutural, [e] torna-se fundamental” (2011, p. 50).

Os direitos à igualdade e à liberdade, em seus significados mais amplos, se estendidos a questão econômica, poderiam ser considerados antiéticos, uma vez que, para se realizar amplamente um direito será necessário restringir o outro. Como afirma Bobbio (2000, p. 16),

uma sociedade liberal-liberista é inevitavelmente não-igualitária. [...] Para o liberal, o fim principal é a expansão da personalidade individual, mesmo se o desenvolvimento da personalidade mais rica e dotada puder se afirmar em detrimento do desenvolvimento da personalidade mais pobre e menos dotada.

Entretanto, a questão da intervenção no Estado é compreendida pelos liberais como limitadora. O que torna a relação entre liberdade, igualdade e justiça social um desafio para os liberais, como algo a ser considerado – conforme os postulados de Keynes – e, ainda, uma

situação incompatível, no caso do neoliberalismo. O pensamento liberal será desenvolvido neste capítulo tomando como base teórica os postulados de três pensadores representativos nessa concepção: Alexis de Tocqueville (liberal clássico), John Keynes (considerado um liberal neoclássico) e Friedrich Hayek (fundador do neoliberalismo).

4.2.1 Alexis de Tocqueville – a livre associação contendo interesses classistas

O liberalismo clássico tem no francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) o legítimo representante de seu pensamento. De família aristocrática, Tocqueville declarava ser um legalista e respeitador dos direitos, mas “não amar a democracia”. Como viveu um período histórico de processos revolucionários, via-nos com temor e como uma estratégia de povos que não conseguiam exercer a democracia. Assim, a democracia seria a condição para que as revoluções fossem evitadas. Em sua concepção teórica, apenas a democracia poderia gerar uma convivência pacífica entre liberdade e igualdade.

De acordo com ele, “querer deter a democracia parecia então lutar contra Deus” (TOCQUEVILLE, 2005). Para ele, as nações deveriam acomodar-se a esse estado social democrático. Sua preocupação central de vida e pesquisa foi como desenvolver a democracia sem que essa refreasse o direito à liberdade. Como explica Quirino (2006, p. 152), Tocqueville enfrenta “o desafio lançado pelos contratualistas clássicos, ao tratarem a questão da liberdade e da igualdade como categorias não contraditórias de um mesmo todo”.

Tocqueville se preocupava com duas possibilidades que o desenvolvimento da igualdade poderiam gerar na sociedade: a tirania da maioria e um Estado autoritário. Para ele, o risco de uma tirania da maioria seria a supremacia do desejo desses grupos, em detrimento dos interesses da minoria. Na segunda possibilidade, os interesses individuais levariam a concentração do poder pelo Estado, restringindo, paulatinamente, as liberdades fundamentais.

Para o autor, o povo não estaria apto para governar e seria, naturalmente, despreparado para tal. A participação no governo seria restrita a poucos. De acordo com Montañó e Duriguetto (2011, p. 53), “o povo, deixando o governo aos ‘outros’ que teriam menores dificuldades e maiores condições para fazê-lo, deve e pode então participar nas associações livres”.

Tocqueville defendia ainda a livre associação como forma de conter desvios quanto à igualdade e à democracia. Mais que uma forma de garantir a participação do povo no poder,

essa forma seria para o controle das insatisfações e reduzindo o caráter de classe a interesses de pequenos grupos específicos.

O pensamento liberal clássico é resumido pela expressão *laissez-faire*. Segundo Huberman (2011), em meados do século XVIII, comerciantes franceses, insatisfeitos com a regulamentação excessiva na indústria, propuseram então a ausência total de controle. O autor aponta, como um dos pioneiros da resistência ao modelo econômico, um comerciante francês chamado Gournay. Ainda de acordo com Huberman (2011, p. 109),

Gournay estava mais do que surpreendido com essa regulamentação excessiva. Queria que a França se livrasse dela. Imaginou a frase que se tornaria o grito de batalha de todos os que se opunham às restrições de toda sorte: “*Laissez-faire!*” Uma tradução livre dessa frase famosa seria: “Deixem-nos em paz!”.

O *laissez-faire* passou a ser o lema dos fisiocratas franceses contemporâneos a Gournay. A importância do grupo e do pensamento de liberdade nas relações econômicas foi a de estimular, a partir de 1757, reuniões periódicas sob a presidência de François Quesnay. Nessas reuniões, o grupo analisava problemas econômicos e seus membros escreviam artigos e livros que pediam a eliminação de restrições nas transações, defendendo o comércio livre e o *laissez-faire*.

4.2.2 John Keynes – a intervenção do Governo e o Estado de Bem-Estar

John Maynard Keynes (1883-1946) é considerado como um dos fundadores do *Welfare State* (Estado de Bem-Estar), um modelo de estado intervencionista cujo objetivo está na correção dos problemas do mercado. O britânico viveu a expansão do capitalismo, crises político-econômicas e as duas grandes guerras mundiais; e dedicou-se a enfrentar e superar a crise do capitalismo.

A partir de uma reflexão não ortodoxa (como chamava o liberalismo clássico), Keynes se deteve em estudar possibilidades de superação para o cenário de subconsumo, a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com ênfase a crise gerada pela depressão de 1929. O pragmatismo da proposta de Keynes apontou para a necessidade de o Estado intervir em períodos de crise, aumentando o investimento público (gerando assim déficit fiscal), gerando aumento do consumo, das taxas de lucro e a instituição do pleno emprego.

Keynes se posicionou fortemente contrário à poupança e todas as formas de investimento que não estivessem diretamente aplicados no consumo ou na produção, isto é, **investimento improdutivo**.

Em seu entendimento, o Estado deveria intervir na economia, reduzindo juros, estimulando o consumo, aumentando o capital em circulação e, conseqüentemente, reduzir incertezas e estimular as expectativas de lucro. Para Keynes, esse tipo de intervenção seria favorável à economia uma vez que, além de estimular o consumo, incentivaria o capitalista a transferir recursos para as atividades produtivas e multiplicar as rendas.

Para o economista britânico, um país não deveria enriquecer apenas quando os indivíduos não poupassem e gastassem seus rendimentos em consumo – o que ele nomeava de **ato negativo**, e sim, no **ato positivo** de usar os valores poupados no aumento das reservas de capital do país.

De acordo com ele, “não é o avaro que se torna rico, mas o que aplica seu dinheiro em investimento frutífero. O objetivo de concitar o povo a poupar destina-se a criar a capacidade de criar casas, estradas e assim por diante” (1985, p. 311). O chamado **entesouramento** – dinheiro guardado e não investido em produção – seria o responsável pelo desemprego e pela redução da produção, o que justificaria a intervenção estatal.

Keynes foi estimulado pela depressão no capitalismo para defender essa intervenção do Estado. Suas propostas substituiriam a **mão invisível do mercado**, de Adam Smith¹⁷ – que, segundo Mészáros (2011, p. 150) “atribuía aos capitalistas individuais o controle operacional satisfatório de sua parte no sistema [capitalista]” – e o *laissez-faire*, do pensamento liberal clássico. As propostas de Keynes, uma vez que não constituem uma teoria sobre o Estado, estimulavam a lógica de incentivo ao investimento na atividade produtiva e, dessa forma, buscava estimular a geração de empregos, aumentar a renda e impulsionar o consumo.

Suas propostas de intervenção econômica só se constituíram como políticas de governo, após a Primeira Guerra Mundial, numa articulação entre o Partido Liberal – do qual era membro – e do governista Partido Laborista. Essa articulação com o laborismo e a intervenção na economia pelo Estado fizeram com que, erroneamente, Keynes fosse apontado

¹⁷ Adam Smith desenvolveu uma teoria econômica que, posteriormente, sofreu ajustes de outros economistas liberais clássicos, especialmente David Ricardo, além de Nassau Senior e J.B. Say. Essa doutrina pregava uma economia composta por inúmeras pequenas empresas, como forma de impedir que um grande empresa tivesse influência sobre os preços nem a quantidade de mercadorias comercializadas. “Cada empresa norteava suas decisões pelas preferências manifestadas pelos consumidores no mercado, e pela concorrência movida por inúmeras outras pequenas empresas”, segundo Hunt e Sherman (2010, p. 126).

como socialista e antiliberal. De acordo com Montaño e Duriguetto (2011, p. 58-59, grifo do autor), “nada disso tem fundamento. Keynes é um típico pensador e político **liberal**, comprometido com os **interesses da burguesia**: é um lorde inglês [...], membro do Partido Liberal e que declarou explícita e firmemente sua filiação à alta burguesia [...] e aos interesses do capital”.

Ainda de acordo com esses autores, o pensamento e a ação política de Keynes influenciaram toda uma época. Seus postulados serviram de referência para o *Relatório Beveridge* (1942) – de autoria do Sir William Beveridge, organizava a Seguridade Social, e redefinia o Estado com o papel de provedor.

O Plano Keynes (1943) foi apresentado como solução para o reestabelecimento da autoridade monetária internacional. Rejeitado nesse momento, foi adotado no ano seguinte, na Conferência Internacional Monetária de Bretton Woods, na cidade norte-americana de New Hampshire, quando Keynes presidia a delegação britânica. O evento foi marcado ainda pela celebração de acordos e a criação de instituições internacionais, como o BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento), posteriormente dividido em Banco Mundial e Banco para Investimentos Internacionais e o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Em 1946, ano de sua morte, o governo Truman, nos Estados Unidos, transformou em lei a intervenção do Estado na garantia do **pleno emprego**, assegurado por empréstimos e investimentos em obras públicas. A influência dos postulados keynesianos foram fundantes do **Estado de Bem-Estar Social** (*Welfare State*), com o planejamento estatal e o Estado interferindo nos problemas do mercado.

Embora a política proposta por Keynes tenha auxiliado o capitalismo na crise do pós-Segunda Guerra Mundial, com o aumento da demanda, dos postos de trabalho e com o estímulo ao investimento produtivo, em longo prazo, essa política levou ao aumento da inflação e ao déficit fiscal.

De acordo com Mészáros (2011, p. 175-176, grifo do autor):

os apologistas do capital gostam [ainda hoje] de citar o dito keynesiano: ‘a longo prazo, estaremos todos mortos’ – como se esse tipo de frívola despreocupação como o futuro resolvesse a questão. No entanto, a verdade é que, devido à sua **necessária negação do futuro**, o sistema do capital está encerrado no círculo vicioso do curto prazo.

A inflação alta e o déficit fiscal do Estado são toleráveis em um curto prazo, mas insustentáveis em longo prazo. Embora os postulados de Keynes tenham promovido um período de crescimento econômico, o capitalismo mergulhou em uma nova crise,

experimentando um novo período de recessão, no círculo vicioso ao qual Mészáros faz referência.

4.2.3 Friedrich von Hayek – Neoliberalismo, escolhas e consequências

Embora não tenha cunhado o termo **neoliberalismo**, o austríaco Friedrich August Von Hayek (1899-1992) é considerado o fundador dessa vertente do pensamento econômico liberal. Foi o idealizador da Sociedade de Mont Pèlerin¹⁸, criada em 1947, na Suíça. O grupo se reunia a cada dois anos e tinha como objetivo combater o keynesianismo e formas de solidarialismo, preparando outra forma de capitalismo: mais rígida e livre de regras. Nessa época, o capitalismo avançava em uma longa fase de auge – a chamada Idade de Ouro – com os maiores índices de crescimento da história. Daí prevalecerem os estudos do grupo na teoria por duas décadas. Os avisos de perigo que os neoliberais lançavam sobre o sistema de intervenção estatal no mercado não eram considerados, mas a preocupação dos neoliberais era ainda maior na regulação social. Anderson (2008, p. 10) afirma que,

Hayek e seus companheiros argumentavam que o novo igualitarismo (muito relativo, bem entendido) deste período, promovido pelo Estado de bem-estar, destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, da qual dependia a prosperidade de todos. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo – na realidade imprescindível em si –, pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Esta mensagem permaneceu na teoria por mais ou menos 20 anos.

A crise econômica que se instalou a partir de 1973, em todo o mundo capitalista, mudou a recepção aos postulados neoliberais¹⁹. A concepção do novo modelo econômico, não

¹⁸ O grupo convocado por Hayek compartilhava sua orientação ideológica. Eram opositores do Estado de Bem-Estar e do New Deal norte-americano. “Na seleta assistência encontravam-se Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros. Aí se fundou a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada” (ANDERSON, 2008, p. 9-10).

¹⁹ Na Europa e nos Estados Unidos, nos anos 1980, implantaram, em diferentes níveis de adesão, políticas neoliberais. Na Inglaterra, além de pioneiro, o modelo implantado é considerado como o mais puro. As decisões de intervenção do Estado no mercado, o corte nos gastos sociais, a implantação de uma legislação anti-sindical, além de um amplo programa de privatização de setores que foi iniciado na habitação e foi para a indústria básica, passando pela eletricidade, petróleo, gás e água (ANDERSON, 2008). O pacote mais ambicioso de todas as experiências neoliberais em países capitalistas garantiu à primeira-dama inglesa, Margareth Thatcher, que governou entre 1979 e 1990, o apelido de Dama de Ferro. Nos EUA, particularmente o governo de Ronald Reagan (1980-1989), a política neoliberal foi distinta, uma vez que o Governo não mantinha um estado de bem-estar e a corrida armamentista, em tempos de Guerra Fria, envolveu enormes gastos armamentistas. O projeto chegou à América Latina e, no Brasil, foi implantado fortemente do Governo Collor (1990-1992) e retomado, com pacotes econômicos e uma série de privatizações no Governo de Fernando Henrique Cardoso, em dois mandatos de 1995 a 2002. Os ajustes econômicos, as privatizações e as

só rejeitava os mecanismos de redução de desigualdades como aceitavam e até mesmo estimulavam a necessidade da desigualdade social no desenvolvimento econômico e social. Segundo Montañó e Duriguetto (2011, p. 62), “a concorrência no mercado seria motor de desenvolvimento, e não poderia ser responsável pela desigualdade”. A concorrência de mercado impulsionaria o desenvolvimento da economia e as diferenças de capacidades, expectativas e, até mesmo, de sorte agiriam como reguladoras sociais.

A responsabilidade do Estado seria reduzida – uma vez que estaria fora da intervenção estatal diminuir a desigualdade social –, mas não seria eliminada, restando como funções legítimas do governo, promover estrutura para o mercado e garantir os serviços que o mercado não possa promover. As ações sociais deverão estar sob a responsabilidade de organizações não-governamentais (ONGs), igrejas, instituições sociais, entre outras.

Nesse ponto, o discurso neoliberal mostra com clareza como afeta os discursos sobre os profissionais – e no caso desta tese, o discurso sobre o fracasso e o sucesso individuais. Uma vez que não é do Estado a responsabilidade pela eliminação das diferenças, caberá a cada um lutar com suas próprias forças e capacidades – além da sorte – para se destacar na sociedade. Os postulados contratualistas são convocados também ao se refletir que há liberdade para os sujeitos escolherem dentre as diferentes oportunidades disponibilizadas – quando essas existem – e que basta a esses lutarem por elas.

De acordo com Hayek (1985, p. 93, grifo do autor),

é importante que, na ordem de mercado (enganosamente chamada de “capitalismo”) os indivíduos acreditem que **seu bem-estar depende, em essência, de seus próprios esforços e decisões**. De fato, poucas coisas infundirão mais vigor e eficiência em uma pessoa que a crença de que a consecução das metas por ela mesma fixadas depende sobretudo dela própria.

Ao contrário do que Hayek afirma, a sociedade em que esses postulados se fortaleceram é a sociedade capitalista. A necessidade de se criar mecanismos de garantia da hegemonia burguesa, do lucro e da transferência das responsabilidades com o bem-estar aos indivíduos, é o cerne da lógica do capitalismo atual.

Em meio à crise de 1973, a solução apresentada pelo neoliberalismo buscava reduzir os altos índices inflacionários e proporcionar a retomada dos lucros das empresas. Como Anderson (2008, p. 11, grifo nosso) afirma,

políticas de enfraquecimento das relações trabalhistas – causando surpresa, por ser o Partido dos Trabalhadores – permaneceu nos dois mandatos do Governo Lula (2003-2010) e, também no Governo Dilma Rousseff (desde 2011) permanece, com retomada de privatizações, agora de estradas e aeroportos.

o remédio, então, era claro: manter o Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um **exército de reserva de trabalhadores** para quebrar os sindicatos.

Esse exército de trabalhadores – dentre empregados, desempregados e subempregados – tem uma guerra diária a ser travada: a da sobrevivência no mercado de trabalho. O entendimento de que o bem-estar depende de esforços pessoais e das decisões tomadas – e, com efeito, das consequências dessas decisões.

A eficiência estará na **crença** de que o sujeito é livre para escolher e que a consequência dessa escolha – seja o sucesso ou fracasso – é, **sobretudo, dela própria**. Assim, a mídia telejornalística, na atualidade, tem se mostrado como aparelho ideológico que fornece evidências de escolhas e responsabilidades individuais, como foi discutido no Capítulo 2.

5 ANÁLISE DISCURSIVA DO SUCESSO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

*A liberdade das pessoas
em busca de identidade
é parecida com a de um ciclista;
a penalidade por parar de pedalar é cair;
deve-se continuar pedalando
apenas para se manter de pé.
A necessidade de continuar na labuta
é um destino sem escolha,
já que a alternativa
é apavorante demais para ser considerada.*

Zygmunt Bauman (2009, p. 47)

5.1 A cigarra e a formiga: quem não trabalha não come

Os sentidos sobre o **sucesso** na sociedade moderna, como vimos, são reconfigurados e reciclados, apresentando como novas as mesmas relações sociais de dominação e exploração. Como vimos no Capítulo 1, os dizeres não são propriedades dos sujeitos e significam pela língua e pela história. Ao abordarmos os dois esquecimentos de que trata Pêcheux que o sujeito pensa ser fonte e ter controle daquilo que é dito e como aquele dito produzirá sentidos.

Assim, os sujeitos e as situações de enunciação são fundamentais na produção de sentidos e é a memória que aciona as condições de produção que permitem que os dizeres signifiquem. A memória discursiva é, segundo Orlandi (2001b, p. 31), “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

Ainda segundo a autora (2001b, p. 31), na perspectiva discursiva a memória é tratada como **interdiscurso**, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”. É pelo

interdiscurso que é ressignificado o já-dito – antes e em outro lugar –, afetando os discursos que são produzidos em uma situação discursiva dada, ou seja, em determinadas condições de produção.

Assim, como afirma Courtine (2006, p. 69), “todo discurso concreto produzido por um sujeito no interior de uma formação discursiva está, portanto, dependente do interdiscurso que lhe é fornecido por elementos pré-construídos”.

O discurso sobre o **sucesso** nas edições do programa *Globo Repórter*, como vimos, convoca sentidos de liberdade individual, de autossuficiência, da autodeterminação, apagando as diferenças e transferindo para o indivíduo o resultado de escolhas que não foram as corretas, na proposta neoliberal.

O discurso sobre a transferência da responsabilidade para as escolhas individuais e a obrigação de lidar com as consequências circula pela sociedade e está resumido na máxima popular **quem não trabalha não come**. Esses dizeres são reiteradas vezes apresentados e se mostram como uma relação inequívoca de responsabilidade e produtividade que resulta em sucesso. A fábula **A Cigarra e a Formiga**, atribuída a Esopo (620-560 a. C.), é encontrada, comumente, em livros infantis e já passou por reinterpretações que, no entanto, mantêm a lógica do inverno de fome em consequência do verão sem trabalho árduo e sem a preocupação com o futuro. Segundo Magalhães (2011, p. 13), essa fábula “é a expressão máxima desse efeito ideológico, que é transmitido para as crianças desde a mais tenra idade”.

Em *Fábulas*, a história é assim apresentada:

A Cigarra e a Formiga

Era inverno e as formigas botaram para secar os grãos que a chuva molhara. Uma cigarra faminta lhes pediu o que comer. Mas as formigas lhe disseram:

– Por que tu também não armazenaste tua provisão durante o verão?

– Não tive tempo – respondeu a cigarra –, no verão eu cantava.

As formigas completaram:

– Então agora dance.

E caíram na risada.

Embora a fábula remonte à sua produção artística no período da Grécia Antiga, os sentidos produzidos sobre a liberdade para vender sua força de trabalho e ser livre para escolher entre trabalhar e cantar se atualizam na lógica do capital. Nela, cantar é uma diversão, é lazer, parte dos momentos de ócio e, por conseguinte, uma atividade não remunerada. O cantar se opõe ao trabalho sincronizado das formigas, insetos de notória força e organização que, metaforicamente, se aproximam dos exércitos.

Na sociedade atual, a fábula da **Cigarra e da Formiga** se insere na **formação discursiva do mercado**, ao convocar saberes como a liberdade individual, a autossuficiência e a responsabilidade por seu destino. De acordo com Amaral (2005, p. 138), “os elementos de saber da Formação Discursiva do Mercado estão ancorados em fundamentos da formação ideológica do capital que consideram que para a felicidade e a liberdade do homem só existe um caminho: seguir as determinações do mercado”.

Na fábula, não há referência aos hábitos de cada espécie, suas condições de trabalho e de vida – discursivamente, às condições de produção – que fazem de cigarras e formigas integrantes de diferentes classes. As duas espécies são tomadas como mais que semelhantes, como seres iguais. E assim, as exigências são as mesmas para cada uma e os resultados obtidos pela formiga – e pelo grupo que ri da situação de fome da cigarra – são tomados como o que a cigarra deveria ter alcançado e não conseguiu.

Em meio à crise econômica que se agudizou em 2012, o ministro da Administração Interna de Portugal, Miguel Macedo, declarou que o país já não poderia mais continuar a ser “um país de muitas cigarras e poucas formigas” (conforme anexo B). A direta referência à fábula de Esopo só permitiu que a frase enunciada tivesse sentido ao convocar o pré-construído de cigarras preguiçosas e formigas eficientes.

Embora tenha tentado justificar a declaração como uma homenagem aos que produzem riquezas no país, “aos trabalhadores por conta de outrem e aos pequenos e médios empresários, comerciantes e agricultores, que, pelo trabalho de formiga que todos os dias fazem, criam riqueza, mantêm empregos e criam postos de trabalho em Portugal”, Macedo silencia as condições de produção em que – com altos índices de desemprego – o discurso sobre as **cigarras portuguesas** é enunciado. Essas cigarras fazem parte de um exército de trabalhadores que tiveram direitos trabalhistas suspensos, postos de trabalho extintos numa política econômica que privilegia o equilíbrio da moeda corrente – o euro – em detrimento da qualidade de vida da população.

Como afirma Huberman (2011, p. 208), são conhecidas as

características das crises e depressões – desemprego, tanto do trabalho quanto do capital, queda dos lucros, um retardamento geral da atividade industrial, tanto na produção como no comércio. O paradoxo da pobreza em meio à abundância é visto por toda parte.

Assim como na sociedade capitalista, na fábula são apagadas as diferenças sociais e, conseqüentemente, a luta de classes na sociedade. São relações de causalidade naturalizadas:

não trabalhou, não tem o que comer; não guardou para o futuro, não terá com o que contar. E não há a quem reclamar.

À cigarra não resta nenhuma opção – a não ser dançar. A ela caberá responder por suas escolhas erradas, por sua falta de determinação, por sua inoperância e improdutividade. É o discurso sobre o **fracasso**, silenciado, como afirma Orlandi (2005), uma vez que, ao apresentar o modelo de sucesso das formigas não diz “outros” sentidos, aponta para uma só direção. A cigarra não tem o mesmo *status* da formiga porque não quis, não se esforçou para tanto.

Esse discurso convoca o discurso religioso que apresenta a formiga como exemplo a ser seguido pelos cristãos a fim de evitarem a preguiça – um dos sete pecados capitais. Em Provérbios (6:6-8), lê-se “vai ter com a formiga, ó preguiçoso, observa seu proceder e torna-te sábio: ela não tem chefe, nem inspetor, nem mestre; prepara no verão sua provisão, apanha no tempo da ceifa sua comida”. Também no discurso religioso se encontra o discurso da autodeterminação e a responsabilidade individual, sem necessidade de **chefe, inspetor** ou **mestre**. A formiga é exemplo de sabedoria a ser seguido por trabalhar no verão e saber economizar para o inverno.

Na sociedade capitalista, metaforicamente, a cigarra é um exemplo de desajuste, por consequência, de fracasso. Não soube observar e aprender, não seguiu o exemplo da formiga, não se adaptou. A cigarra é a metáfora para os fracassados, de acordo com Cavalcante (2007, p. 130), “aqueles que não lograram sucesso, são os desajustados, os desadaptados, desqualificados, que não buscaram os conhecimentos adequados ou que não perseveraram”.

Mais que a identidade dos bem-sucedidos, a oposição às características atribuídas aos fracassados circulam pela sociedade como naturais, intrínsecas aos indivíduos. Se nos Estados Unidos o prolapado *american way of life* faz do termo fracassado – *looser* – quase um impropério, a persistência tem sido atribuída como característica do povo brasileiro.

5.2 *The brazilian way of life* – brasileiro não desiste nunca

A campanha de propaganda do governo federal *O melhor do Brasil é o brasileiro* tinha entre suas peças o vídeo veiculado em rede nacional de televisão trabalhando o *slogan*²⁰: **Eu sou brasileiro e não desisto nunca**. De autoria da ABA – Associação Brasileira de

²⁰ Na definição de Silva (2000, p. 383) o *slogan* é uma “frase curta, marcante e de fácil memorização que apregoa qualidades de um produto, serviço ou ideia”.

Anúncios, a campanha foi lançada em 19 de julho de 2004 e, em sua primeira fase, veiculou dois filmes com exemplos de superação.

O primeiro vídeo exibe a história de Herbert Vianna, líder do grupo *Paralamas do Sucesso*, em atividade na banda e no processo de recuperação de um acidente de ultraleve, quando perdeu a esposa e ficou em coma. O vídeo mostra ainda o retorno aos palcos e a retomada das apresentações, agora em cadeira de rodas.

A campanha veicula ainda um segundo vídeo, destacando a capacidade de superação do jogador de futebol, Ronaldo Nazário. Nesse vídeo, o jogador aparece em situações que vão desde a infância, passando por gols marcados pelo atacante e até o lance em que sofre uma grave lesão no joelho. O atleta ficou afastado do futebol e apontado como fora dos gramados. Ronaldo voltou a jogar e foi pentacampeonato mundial, em 2002.

Os vídeos tinham como fundo musical a música *Tente outra vez*, de Marcelo Mota, Raul Seixas e Paulo Coelho. A letra da música encoraja a persistir, acreditar, ter fé – em Deus e na vida – e a enfrentar as batalhas da vida. Os sentidos convocados pela música e as histórias de superação, perseverança e força de vontade de Herbert Viana e Ronaldo apontam para a característica principal atribuída, na campanha, ao brasileiro: **não desistir nunca**. A construção da identidade nacional rechaça assim outros saberes sobre o brasileiro: o da malícia e do pouco esforço. Afinal, o **jeitinho brasileiro** nada tem a ver com os exemplos de superação daqueles brasileiros.

Nesse ponto, podemos observar exemplos de profissionais de sucesso em suas áreas. Herbert Viana e Ronaldo vinham de carreiras bem-sucedidas, enfrentaram revezes e superaram as dificuldades, tendo acompanhamento dos melhores profissionais – como cirurgiões, fisioterapeutas, enfermeiros – que, ao lado da luta individual, tornaram as vitórias possíveis. Mas essas condições materiais são silenciadas, como se as recuperações se dessem apenas a perseverança que eles tiveram e que todo brasileiro também tem que ter.

Além da superação e da persistência, a **resiliência** é convocada como característica desses sujeitos prontos para o sucesso. O termo faz referência à capacidade de materiais de acumularem energia ao serem submetidos a estresse sem que se rompam, como aço, por exemplo. Oriundo da física, o termo é usado ainda no campo da ecologia e faz referência à capacidade de um determinado ambiente se recuperar.

No entanto, o sentido atribuído ao termo tem se deslocado para os campos da psicologia e do mundo empresarial. Ser resiliente é suportar o estresse sem perder sua forma, aguentar a pressão e manter suas propriedades. Em artigo publicado em 2009, *O fenômeno*

Ronaldo, Gilberto Dimenstein estabeleceu essa característica a duas personalidades bem-sucedidas. O jogador Ronaldo Nazário, após três conduções e sobrepeso, passa por uma fase de superação no Corinthians. O atleta desacreditado ainda por escândalos sexuais mostra a característica apontada como inerente a todo brasileiro: não desistir. E faz mais ao mostrar que todo o estresse não foi suficiente para que ele perdesse a capacidade de persistir.

Dimenstein (2009) mostra também o exemplo do maestro João Carlos Martins que, vítima de lesões nas mãos, tocou apenas com os dedos da mão esquerda. O músico havia passado por tratamento e também saía de um processo de denúncias, em seu caso, de envolvimento com fraudes em campanhas de Paulo Maluf.

O jornalista mostra, a partir desses dois exemplos – e ainda o compositor alemão Beethoven que, com a audição severamente comprometida, nunca abandonou a música – a resiliência como característica necessária para jovens superarem as dificuldades e serem bem-sucedidos. Como discurso jornalístico, o tom didático empregado dá lições a serem aprendidas e aplicadas. Convoca o discurso científico, a partir de psicólogos, para legitimar a necessidade de ser resiliente e superar as frustrações na escola, na universidade e, por fim, no trabalho.

A lógica apresentada por Dimenstein coloca a necessidade de ser resistente, perseverante na lógica do capital, inserindo o discurso da resiliência na **formação discursiva do mercado**, uma vez que as necessidades são voltadas para as determinações do mercado de trabalho. Em nossa reflexão, as formações discursivas do mercado e do sucesso têm fronteiras fluidas, possibilitando que saberes e dizeres de uma e de outra se relacionem.

Para responderem às exigências do mercado, respondendo assim ao capitalismo neoliberal, os sujeitos têm que ser perseverantes, se superarem, ser resilientes e estarem inseridos na lógica do mercado, como **empreendedores**.

5.3 Empreendedores de sucesso: diferentes posições-sujeito numa mesma FD

Ao serem estimulados a progredir, lutarem com suas armas, os sujeitos da sociedade capitalista são interpelados pela ideologia dominante que constrói evidências do que é ter sucesso, ser empreendedor. Na mídia, o termo tem uso corrente e variado e é apresentado em casos de comerciantes, empresários, mas também de estudantes, professores e profissionais liberais.

De acordo com Biagio (2012, p. 3),

definindo da forma mais simples, empreendedorismo significa executar, pôr em prática ou levar adiante uma idéia, com a intenção de atingir objetivos e resultados. Definindo tecnicamente, empreendedorismo é a área do conhecimento dedicada a estudar os processos de idealização de empreendimentos, destacando tanto o valor de uma ideia como a sua capacidade de agregar valor ao que já existe (produto e processo).

Nos manuais sobre o empreendedorismo, o termo é desde a execução de uma boa ideia à área de estudo dos empreendimentos. Entretanto, ser empreendedor é apontado como característica dos que alcançam o sucesso.

Na televisão brasileira, dois programas semanais divulgam ideias e exemplos de pessoas que conseguiram se diferenciar das demais no mercado. São *Pequenas Empresas Grandes Negócios* (PEGN), exibido pela Rede Globo, e *A Grande Ideia*, veiculado pelo SBT. Os programas são produções que apresentam iniciativas apoiadas pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e estimulam telespectadores a empreenderem, ou seja, desistirem das relações formais de trabalho – como empregados – e passarem a patrões, seus próprios patrões.

Essa lógica estimulada pelo Sebrae pode ser observada na reflexão de Drucker (2008, p. 349) ao afirmar que

o que precisamos é de uma sociedade empreendedora, na qual a inovação e o empreendimento sejam normais, estáveis e contínuos. Exatamente como a administração se tornou o órgão específico de todas as instituições contemporâneas, assim também a inovação e o empreendimento tornar-se-ão uma atividade vital, permanente e integral em nossas organizações, nossa economia, nossa sociedade.

Os ideais neoliberais encontram aí, nos postulados sobre o empreendedorismo, apoio para a lógica de naturalização dessa forma de pensar e agir e assim de transferir para cada indivíduo, tomado como livre para escolher, a responsabilidade pelos seus infortúnios e sucessos. Através do discurso de empreendedorismo, a sociedade capitalista promove a dissimulação de sua divisão em classes sociais. Essa dissimulação é necessária para a reprodução da desigualdade na sociedade e, por conseguinte, o estímulo à competitividade e ao desenvolvimento individual.

Os sujeitos são então levados a pensar que ter espírito empreendedor é a chave para o sucesso e o caminho a ser seguido para conseguir o que se quer: trabalho, independência financeira e sucesso. O Sebrae atua de forma a circular sentidos de prosperidade e orientar os interessados a abrir seu próprio negócio. Se apresenta como conselheiro para aqueles que

querem alcançar o sucesso, e se utiliza do discurso midiático – que se assemelha ao pedagógico, como vimos no Capítulo 1 – ora nos programas televisivos, ora nas propagandas veiculadas nas redes de televisão.

Em nossa tese, interessa-nos, particularmente, a campanha de propaganda *Sucesso Sebrae*. Em 2011, o Sebrae fez circular vídeos que contavam histórias de empreendedores orientados pela instituição a abrir o próprio negócio. Eram histórias musicadas por compositores de destaque na música brasileira, como Arlindo Cruz, Gabriel, o Pensador e Nando Reis.

Analisaremos como o vídeo *História da Clarissa*, de 2011, aciona os saberes da formação discursiva do mercado para fazer funcionar o discurso sobre o sucesso. A composição é de Arlindo Cruz – que também canta a música – e convoca, pelo estilo musical (samba) e pela voz (a do compositor) uma outra peça de propaganda, desta vez um institucional da Rede Globo de Televisão: *o Isto é Globalização*.

A letra de *História da Clarissa* elenca, de forma lúdica e, ao mesmo tempo didática, os saberes da FD do mercado, ao tempo em que mostra que, para se destacar no mercado será preciso tomar a posição-sujeito do sucesso. O refrão, comum às três histórias de sucesso, tem o elementos de *jingle*²¹ que fixam a música e naturalizam os dizeres. É como se Arlindo Cruz desse o passo a passo para, todo aquele que queira **chegar lá**, faça sucesso.

História da Clarissa

Sucesso Sebrae
Transformando histórias como a da Clarissa num sucesso

Tinha saúde para dar,
Mas precisava era vender
Eu tinha dança para oferecer,
Mas não sabia que passo ia dar
Se é dança ou finança é bom ter alguém para ensinar
Tenho um negócio a zelar pro meu aluno ter lazer
Mas além de dar aula e dançar, foi preciso eu ser aprendiz
Do Sebrae
Hoje a casa tá cheia como eu sempre quis

A minha vida hoje virou verso
O meu negócio é fazer sucesso

²¹ São peças publicitárias musicadas. De acordo com Sampaio (2003, p. 79), “as pessoas ouvem e não esquecem. É aquilo que a sabedoria popular denomina de ‘chiclete de orelha’. [...] Devido ao poder de memorização que a música tem, o jingle é uma alternativa de comunicação muito poderosa. Sua única limitação é que, por ser música e ter que seguir uma métrica, às vezes não se consegue colocar na peça todas as informações desejadas pela campanha publicitária”.

Quer fazer sucesso? O Sebrae é pra você.

A letra da música de Arlindo Cruz é repleta de exemplos do funcionamento do interdiscurso – o já-dito. Para produzir os sentidos de sucesso, a música aciona a memória discursiva, pelo pré-construído, convocando outros dizeres que sustentam o discurso apresentado.

A abertura já afirma que o sucesso da bailarina e professora de dança, Clarissa, se deve à adesão aos métodos do Sebrae. Ao convocar a máxima popular **ter saúde para dar e vender**, o discurso se insere na formação ideológica do capital e o sujeito é interpelado pela ideologia do mercado na constituição da **forma-sujeito**, sendo estabelecido sob saberes, valores e paradigmas da FD do mercado. A ideia é vender, o sucesso é consequência. O pré-construído dos passos de dança, sustenta a afirmação de que a bailarina não sabia como agir – **que passo dar** – e que o Sebrae poderia auxiliá-la (e a tantos outros) em diversos segmentos, **ensinando** como agir.

Então, nessa perspectiva o **ter saúde para dar** não é o suficiente, uma vez que lógica do capital a leva a **vender** sua força de trabalho. No caso de Clarissa, a dança é a mercadoria – dessa vez, ao contrário da cigarra, a dança não é apontada como ócio, desperdício de tempo.

O trabalho de Clarissa é o **lazer de seu aluno**, mas não a permite descansar. A bailarina precisa seguir as lições do Sebrae, ao tempo em que produz – **dá aulas e dança**. O sujeito é convocado para tornar-se **aprendiz** do Sebrae e passa a ter uma identidade, como vimos neste capítulo, que o insere nas relações sociais determinadas pela lógica do capital.

A sequência da música aponta que Clarissa conseguiu vencer, ao tempo em que silencia os índices de fracasso das pequenas e microempresas, no Brasil. De acordo com dados do Sebrae, mais de 70% das empresas nesse segmento fecham antes dos primeiros cinco anos de existência. Assim, diz-se do sucesso ao mesmo tempo em que se silencia o fracasso.

A leveza da música está no refrão, comum às demais histórias musicadas pelo Sebrae. A **vida vira verso** e o **negócio é fazer sucesso**, numa alusão às variações discursivas que circulam pela sociedade, como **o negócio é trabalhar**, **o negócio é ser feliz**, entre outros. No caso de quem adere ao plano do Sebrae, o negócio é fazer sucesso. Como se houvesse, seguindo as lições da instituição, a garantia de negócio bem-sucedido. A interpelação ideológica convoca cada um na sociedade a seguir o exemplo da Clarissa. O questionamento ao telespectador: **quer fazer sucesso?** Estende-se a cada um que assistiu ao vídeo e assim os conclama a melhorar sua condição de vida. Aponta a solução ao responder que **o Sebrae é**

pra você e estimula o sujeito a viver em melhores condições, conquistadas por si próprio, convocando o discurso da autodeterminação do indivíduo, sustentado pela lógica liberal, que transfere para características pessoais sua oportunidade de sucesso.

Como afirma Amaral, são condições postas “como necessárias para se atingir o patamar do **melhor** no **jogo** da concorrência e ser identificado como um **sujeito bem-sucedido**, um efeito de ilusão de que o **sucesso** é a realização da individualidade” (2005, p. 268-269, grifos da autora).

Em nossa tese, essa interpelação ideológica constitui uma nova posição-sujeito, **a do sucesso**, ao silenciar as possibilidades de fracasso, próprias da lógica do capital, e a instaurar a contradição nos saberes da FD do mercado, tornando a FD heterogênea (INDURSKY, 2011). Esse processo é possível uma vez que a não há uma completa superposição entre os saberes nessa formação discursiva.

A ilusão de que o sucesso é uma determinação inequivocamente individual é constituída, como vimos, na lógica do mercado, respondendo aos ditames da formação ideológica do capital, que manifesta na formação social neoliberal onde o consenso é enaltecido como garantia de convívio entre os indivíduos e regra básica de sociabilidade.

De acordo com Tonet, viver em sociedade, ser membro de uma comunidade política, “supõe aceitar as **regras do jogo**, quer dizer, pensar e agir de acordo com o ordenamento social estabelecido” (2005, p. 122). No modo de produção capitalista a desigualdade funciona como motor do desenvolvimento dos indivíduos e atua amparada à lógica que apaga as contradições no seio da sociedade, as diferentes classes, exaltando o consenso.

Segundo Magalhães (2011, p. 3), não há estímulo ao debate que aponta para a radicalização da luta de classes nem ao confronto entre diferentes posições sociais ideológicas. A luta de classes e as contradições da sociedade são tomadas como simples oposições que “podem ser sanadas com ações que não ameacem o lugar do dominante, mas que **aparecem** como mudança para o dominado que permanece no mesmo lugar”.

O sujeito autodeterminado, livre e decidido é exaltado como sendo capaz de “realizar o que quiser”. Ainda de acordo com Magalhães (2011, p. 3), “oferece-se ao sujeito a possibilidade de conquistar tudo e, em contrapartida, aqueles que não conseguem (a maioria) são culpabilizados, sob a alegação de que são incapazes de ser empreendedores”.

A autora aponta para o discurso do **você pode** feito acontecimento discursivo num momento histórico em que mais uma crise econômica de acumulação capitalista promove

ações que diminuem a absorção de mão de obra e necessitam do aparato ideológico na manutenção da desigualdade social. Ainda para a pesquisadora (2011, p. 13),

a incompletude do sujeito e a incompletude da língua sofrem tentativas de apagamento, e as afirmações do tipo **você pode** funcionam como mecanismo ideológico do sistema capitalista, para, mais uma vez, imputar à subjetividade contemporânea uma busca incessante de prazer absoluto, o que se associa à frustração por não encontrá-la nunca.

A ilusão que o discurso do **sucesso**, semelhante ao **você pode**, produz evidências de possibilidade de crescimento individual, empreendendo e inovando, de forma que aqueles que não conseguem são tomados pela sensação de impotência, incompetência e inabilidade.

Como mão de obra explorada, o sujeito é interpelado a buscar o sonho de se tornar patrão e, assim, colocar-se como capitalista e repetir a lógica de exploração, afinal, como afirma Huberman (2011, p. 216), ele

sabe que quanto mais pagar a seus trabalhadores, tanto menor o lucro – o que significa a redução da acumulação, essencial à continuação do lucro – e não a sua intensificação. De seu ponto de vista, tal não deve ocorrer – porque, cessa a acumulação, cessam os lucros.

A lógica do capital acirra as diferenças, promove as desigualdades, eleva a luta pela sobrevivência aos patamares de uma jornada sem descanso. Impõe aos sujeitos uma realidade antropofágica de disputa entre desiguais. As relações formais de trabalho são enfraquecidas, a carga horária ampliada, diferentes funções a serem executadas pelo mesmo salário. A lógica do capital acirra ainda a desigualdade e amplia o nível de insatisfação, levando os sujeitos a encararem o empreendedorismo como sonho, o sucesso como meta e a informalidade como possibilidade de liberdade.

Como afirma Rangel (2009, p. 66),

os mecanismos de uma sociedade capitalista envolvem os seres humanos em seu cotidiano, desde os detalhes mais elementares em torno das necessidades, preocupações, ansiedades, desejos, procuras. Isso também passa pelos empreendimentos de ascensão socioeconômica ou pela busca de diversão, entretenimento, lazer, além de levar as pessoas a realizarem seus projetos de vida, tanto em nível particular como profissional, até as últimas consequências, e, em meio a isso tudo, são estabelecidos/determinados por alguns modelos de notoriedade social.

Nessa lógica, os sujeitos buscam informações, financiamentos, exemplos e acreditam que o **sucesso** do empreendimento só dependerá da capacidade de lutar, resistir, continuar e

não desistir. Bauman aponta para essa lógica cruel que transfere toda a responsabilidade do insucesso para os sujeitos. Assim, segundo ele,

se ficam doentes, supõe-se que foi porque **não foram suficientemente decididos** e industriais para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque **não aprenderam** a passar por uma entrevista, ou porque **não se esforçaram** o suficiente para encontrar trabalho ou porque **são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho**; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque **não são suficientemente bons** em fazer amigos e influenciar pessoas e deixaram de aprender e dominar, como deveriam, as artes da auto-expressão e da impressão que causam. Isto é, em todo caso, **o que lhes é dito hoje, e aquilo que passaram a acreditar**, de modo que agora se comportam como se essa fosse a verdade (2001, p. 43, grifo nosso).

O esforço, a disposição para o trabalho, a aptidão para o serviço são transferidas para os sujeitos, entretanto, a sociedade capitalista vê, através da mídia, exemplo e ensinamentos de como conseguir se destacar, fazer sucesso. São sujeitos que, determinados pelo funcionamento ideológico neoliberal, são apontados como livres, autônomos, donos de sua vida, mas que, ao mesmo tempo, obedecem as regras do sistema capitalista.

A mídia estimula o **fetichismo do sucesso** (AMARAL, 2005), a lógica de que ser feliz é poder consumir, cada vez mais, de ditar suas próprias regras e seguir o caminho para o sucesso se adaptando à realidade – sendo resiliente e não desistindo, sob pena de passar um inverno de fome desejando ser formiga no próximo verão.

5.4 Sentidos de sucesso no *Globo Repórter*: lições para formigas se tornarem cigarras

O *Globo Repórter* tem exibido programas que abordam temas ligados ao que denominam sucesso, conquistas no campo profissional e vitórias no mercado de trabalho. Os sentidos produzidos nesses programas apontam para o funcionamento ideológico que, conforme vimos no neste capítulo, convoca noções de perseverança, superação, resiliência e autodeterminação dos sujeitos.

O **fetichismo do sucesso** é estimulado pelo programa jornalístico que, adota o tom pedagógico para passar lições de conduta, conceitos e valores aos telespectadores que compõe o que Charaudeau denomina como **efeito de verdade**. Como o autor (2009, p. 49) afirma, esse efeito “está mais para o de **ser** verdadeiro. [...] O que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas a busca de credibilidade”.

Assim, amparados na credibilidade que se confere ao discurso jornalístico, os exemplos convocados pelo programa *Globo Repórter* reforçado por termos – perseverança, superação, resiliência, persistência e empreendedorismo – incorporados à formação discursiva do mercado.

A ideia de ser um indivíduo bem-sucedido, nos dias atuais, pode ser observada em discursos dos mais aos menos previsíveis – desde orientações sobre o mercado de trabalho de alimentação a dicas sobre alimentação. Entendemos que a mídia atualmente é um importante modo de subjetivação da sociedade moderna, promovendo na imprensa espaços de materialização e circulação de sentidos.

O *corpus* do trabalho é constituído por 10 edições selecionadas do programa, no período de 14 de novembro de 2008 a 23 de setembro de 2011. São programas que estimulavam o **fetiche do sucesso** e apresentavam o enunciado: **eles conseguiram** – e suas variações sobre conquistas que, no entanto, silenciavam as contradições na sociedade capitalista. A fim de desvelar os sentidos atribuídos a **sucesso** no programa, foram analisados discursos outros – na forma de fábula, citação bíblica, discursos políticos, artigo em jornal e peças de propaganda – como visto neste capítulo –, que constituíram um *corpus* heterogêneo que tem por base as reflexões teórico-metodológicas da AD sobre a sociedade e a constituição dos sentidos de autodeterminação do indivíduo.

Por terem conseguido alcançar objetivos, os sujeitos são apresentados como exemplos e estimulam nos demais desejos de consumo sem que, muitas vezes, não haja condições materiais para tanto. Como afirma Bauman (2009, p. 105), “a sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação [...] o método de satisfazer toda necessidade/desejo/vontade de uma forma que não pode deixar de provocar novas necessidades/desejos/vontades”.

Os sujeitos apresentados são, assim como na fábula, interpelados pela ideologia dominante, apresentados como exemplos de formigas trabalhadoras e que retomam, através do **já-dito** que estão na memória discursiva sentidos de adesão ao modo de produção capitalista. Esses sujeitos não desistem de seus objetivos, se mostram persistentes, resilientes e capazes de superar as dificuldades que a realidade apresenta, como veremos na sequências discursivas que se seguem.

5.4.1 Emprego temporário: “vai ter com a formiga, ó preguiçoso”

A edição do *Globo Repórter* que foi ao ar em 14 de novembro de 2008 teve duas reportagens selecionadas para nossa análise. A primeira delas tratava do emprego temporário no campo. Embora o agronegócio seja constituído por grandes extensões de terra – os latifúndios – e inúmeras pequenas áreas de produção voltadas para a agricultura familiar, também comercial. O agronegócio do latifúndio aciona, pela memória discursiva, um já-dito, o de que o negócio da agropecuária é o de grandes latifúndios, espaços de oportunidades sazonais em que o diferencial está na capacidade do trabalhador de se adaptar constantemente.

De acordo com Graziano da Silva (1998, p. 171-172),

a agropecuária vem ensaiando nas últimas décadas um novo padrão de crescimento baseado em atividades intensivas (com aumento dos rendimentos físicos) e na diversificação da sua pauta de exportações. Muito tem se falado e escrito sobre o “notável” desempenho, do ponto de vista produtivo, da nossa agropecuária nessas décadas passadas, especialmente na crise dos anos 80. No entanto, pouco se fala sobre o resultado do ponto de vista social desse modelo de crescimento agroindustrial excludente que aumentou ainda mais a concentração da renda e a proporção de pobres no campo. E quase nada se tem escrito sobre o que fazer com os excluídos, os “barrados no baile”, os descamisados, ou os pobres do campo ou qualquer outro nome que se dê a essa população, marginal do ponto de vista das necessidades internas de acumulação do sistema.

Para fugir ao destino de ser **barrado no baile**, o trabalhador de **sucesso** do agronegócio é resiliente e vende sua força de trabalho de acordo com a sazonalidade. Desloca-se para longe de sua casa e suporta a distância, a saudade, o cansaço, em nome da sobrevivência no mercado de trabalho. As recompensas são materiais e exaltam a lógica do capital, no estímulo ao consumo.

SD6

Com o que receberam no ano passado, **os irmãos nordestinos conseguiram** até comprar uma casinha em Pernambuco. É graças a esse trabalho temporário que eles ajudam no sustento da família e ainda garantem belas férias (Emprego Temporário: Em alguns meses, dinheiro para o ano todo, 14/11/08, grifo nosso).

O relato do sucesso dos irmãos nordestinos, trabalhadores temporários no corte de cana no Centro-Oeste brasileiro, enfatiza a compra da casa em Pernambuco e a garantia de “belas” férias. O texto é iniciado com a seguinte pergunta: “Você trocaria o Nordeste, região de belas praias, para trabalhar em um canavial no Centro-Oeste brasileiro e suportar temperaturas de quase 40°C?”. A explicação para troca é dada pelo operador de máquina

Edivaldo Gama da Silva: “Venho há dois anos e já me acostumei. É uma beleza. Vale a pena porque nós ganhamos bem”.

O discurso de conquista no mercado de trabalho é o de busca por ideais do modo de vida capitalista, como o estímulo ao consumismo e o incentivo à competitividade entre empresas e pessoas. É próprio do capitalismo ditar modelos de comportamento voltados aos interesses do mercado. Como diz Amaral (2005, p. 107), “no desempenho da sua função, o mercado põe exigências que afetam o mundo do trabalho. Os trabalhadores devem mudar seus hábitos, sua forma de organização, seu comportamento político para se adequar à nova realidade”.

Assim, o discurso do sucesso se mostra como transparente, uno, mas se ampara em outros discursos para produzir outros efeitos de sentidos, onde a felicidade está em adquirir bens – notadamente, a casa própria. O texto apresentado no programa *Globo Repórter*, de 14 de novembro de 2008, segue com a dúvida de Edivaldo Gama da Silva, apresentada de forma rápida:

SD 7

‘Acho que este ano vou ficar uns meses parado para descansar um pouco’, planeja Edivaldo (Emprego Temporário: Em alguns meses, dinheiro para o ano todo, 14/11/08).

O repórter argumenta: “Afinal, a jornada não é fácil. São dez, doze horas por dia”, mas reforça o discurso de que todo esse esforço valerá a pena, uma vê que em sete, oito meses eles recebem pelo ano inteiro. É o discurso da fábula da **Cigarra e da Formiga**, mostrando que poupar é a garantia de ter uma reserva para os meses – que ao contrário de férias – são os de entressafra e, portanto, de desemprego. Como se pode desvelar na SD seguinte.

SD 8

Genivaldo deixou mulher e dois filhos para ir para lá. “É muita saudade dos meninos”, desabafa. Mas o contrato tem hora para acabar: até a próxima safra (Emprego Temporário: Em alguns meses, dinheiro para o ano todo, 14/11/08).

A lógica do capital interfere na sazonalidade da produção e, conseqüentemente, do emprego, ao tempo em que interfere no uso de termos. Kageyama (2008, p. 25) explica que “termos como comunidade, camponês, rural e modernização caíram em desuso nos estudos rurais, substituídos por outros como localidade, agricultor familiar, ruralidade e multifuncionalidade”. Traz novos termos ao tempo em que mantém as relações de exploração.

O programa silencia assim as condições de transporte, estada, salários e alimentação disponíveis a esses trabalhadores que cada vez mais migram para áreas urbanas. Segundo Wanderley (2009, p. 263-264),

a crise do modelo de sociedade (desemprego, violência urbana, etc.), a redução dos fluxos migratórios para as cidades, as novas demandas no que se refere à modernização da agricultura (no sentido da chamada “sustentabilidade” social), a referência explícita a uma identidade que se pretende rural e as novas exigências a respeito da cidadania rural, trazem à ordem do dia a preocupação com o desenvolvimento rural e impõem a reflexão sobre o que vem a ser o “rural” na atualidade brasileira e quem é (ou se identifica como) rural no Brasil de hoje”.

Na formação discursiva do mercado, a lógica é adequar-se às necessidades do capital e buscar alternativas para os problemas apresentados, neste caso, a falta de postos de trabalho na região em que vivem e que fazem com que se desloquem entre estados e regiões. As exigências nesse segmento são semelhantes aos demais trabalhadores. De acordo com Amorim (2011, p. 33),

o indivíduo que trabalha no agronegócio precisa conhecer o ambiente em que ele está inserido, para saber discernir entre proceder e atuar. Precisa saber analisar as situações que o envolvem de forma metódica e sistemática, para poder associar procedimentos e normas às suas atividades.

O pré-construído convoca a memória discursiva da vida nômade como forma de adequação ao ambiente, nos primórdios, e ao modo de produção capitalista na atualidade, ao tempo em que sustenta saberes da formação discursiva do mercado.

Ao afirmar que está pensando em descansar, entretanto, Edivaldo mostra dúvida contra o **sujeito universal** e se contraidentifica com FD do mercado. Precisa descansar e sabe que, na lógica do capital, o descanso é visto como ócio e este como atitude que contraria o caminho para o sucesso.

O discurso do trabalho nômade e da impossibilidade de fixação é reforçado no caso dos agrônomos recém-formados, Igor Henrique da Silva e Rodrigo Suzuki, de São Paulo, contratados temporariamente em fazendas do Centro-Oeste.

SD 9

"O Sudeste já está muito cheio. Isso faz com que a gente tenha que vir para cá", justifica Igor. "Caso não dê certo aqui, eu pretendo percorrer novas regiões que estão crescendo, como Bahia, norte do Tocantins, Roraima,

Rondônia. A agricultura está crescendo nessas áreas agora", revela Rodrigo (Emprego Temporário: Em alguns meses, dinheiro para o ano todo, 14/11/08).

As dificuldades apontadas no programa para trabalhadores que fazem esse caminho são silenciadas. O discurso convoca trabalhadores resilientes, que se adaptem a novos cenários, novas propriedades, novos endereços. A figura do camponês é substituída pelo trabalhador moderno – embora mantenha as mesmas relações precarizadas de trabalho. Sua presença atende a uma exigência pontual, ele é um trabalhador temporário naquele latifúndio e sua permanência é uma passagem, como afirma Wanderley (2009, p. 121),

é neste contexto da evolução recente da grande propriedade que se pode perceber as transformações da exploração familiar que se reproduzem em seu interior. A proletarianização da força de trabalho efetua-se no bojo de uma luta, na qual os camponeses perderam uma batalha.

As dificuldades apresentadas são a distância de casa e as saudades da mãe. Um discurso que se apoia no discurso machista e enfraquece o resiliente trabalhador. Edivaldo enuncia que conta os dias e horas para voltar para casa, está com **saudades da mãe**. O deslize de sentidos na FD do mercado é percebido pela tomada de posição em que o trabalhador é humanizado e mostra limitações para sua corrida pela sobrevivência.

SD 10

O agronegócio leva muitos trabalhadores temporários para o coração do Brasil. Mas é preciso saber que nem sempre é fácil ficar longe de casa. "Está um pouco apertado. Fico contando os dias e as horas para ir embora para casa. Estou com bastante saudade da minha mãe", conta Edivaldo (Emprego Temporário: Em alguns meses, dinheiro para o ano todo, 14/11/08).

Se o emprego é temporário, a distância também é transitória e a saudade passageira. Edivaldo não se opõe a situação, identifica-se com a posição-sujeito de trabalhador persistente, de brasileiro que não desiste. Afinal, os dias e horas passarão e ele poderá voltar para casa, até a próxima safra.

5.4.2 O pão da salvação: “observa seu proceder e torna-te sábio”

Os exemplos de perseverança seguem nas edições do programa, inclusive nas que, inicialmente, não teriam ligação com o mercado de trabalho. A linhaça foi tema de uma

edição em 20 de março de 2003. As propriedades nutricionais e até medicinais do grão eram apresentadas aos telespectadores. O tom pedagógico do discurso jornalístico advertia os telespectadores a adotarem melhores hábitos à mesa, consumindo a linhaça como forma de prevenir doenças e melhorar a qualidade de vida.

O discurso sobre a linhaça de salvadora da saúde dos brasileiros e o funcionamento do interdiscurso convoca outros sentidos de salvação para o grão. A história de superação do comerciante Ricardo Gonzalez é apresentada em meio às orientações sobre o consumo da linhaça. O comerciante foi salvo da miséria pelo grão.

SD 11

Em Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, vive Ricardo Gonzalez, um homem que tinha tudo para nunca descobrir o significado da palavra crise, pelo menos até janeiro de 2003, quando uma enchente atingiu a cidade. "Foi um temporal, como eu nunca tinha visto. A janela vibrava. Era uma coisa muito ensurdecadora. Foi uma coisa que nunca aconteceu", lembra. Bem na calçada em frente, havia uma loja de ração para animais, que era o ganha-pão de Ricardo. A água que fez os dois rios transbordarem deixou a loja inundada. "Foi uma destruição total. Foram 23 anos da minha vida destruídos. Não tinha mesmo o que fazer", conta (Linhaça: Comerciante revela receita para sustentar a família, 20/03/2009).

Embora comerciante, Ricardo é apontado com alguém que nunca conheceria a crise, não fosse uma enchente na cidade de Petrópolis que destruiu sua loja. Assim como no discurso do Sebrae, ao apresentar histórias de sucesso como a de Clarissa, o programa diz sobre o sucesso do comerciante para não dizer sobre os altos índices de falência nos pequenos e micronegócios – assim, silencia sentidos de fracasso e colocam na natureza a culpa pelo insucesso do comerciante.

É silenciada ainda a responsabilidade do Estado em reparar os danos causados pela chuva e pela ausência de sistemas de contenção das águas ou de indenização dos danos causados. Ao enunciar que a **destruição** havia sido **total** e que **23 anos de vida haviam sido destruídos**, Ricardo sentencia: **não tinha mesmo o que fazer**, numa superposição aos ideias neoliberais de mínima intervenção do aparato estatal e responsabilidade individual. No decorrer do relato sobre o comerciante.

SD 12

A vida é mesmo assim: tudo pode mudar de uma hora para outra. Acontece com tanta gente e por tantos motivos, como a perda de um emprego ou

alguém da família que fica doente. No caso de Ricardo, foi o rio que mudou o rumo da vida dele. Naquela noite, a água só não levou a vontade de vencer as dificuldades e a coragem para recomeçar (Linhaça: Comerciante revela receita para sustentar a família, 20/03/2009).

O discurso aponta para o conformismo em relação à ausência de reparação financeira frente à inundação, ao tempo em que, pelo funcionamento ideológico transfere para o indivíduo a responsabilidade de contornar as dificuldades. Uma vez que, como enuncia o repórter, **a água só não levou a vontade de vencer as dificuldades e a coragem para recomeçar**, assim o discurso se insere, mais uma vez na FD do mercado e pela **posição-sujeito do sucesso** convoca os ideais de superação, resiliência, perseverança, necessárias para superar as dificuldades que se apresentaram.

Ricardo viu a família crescer com o nascimento de um filho e lembra as dificuldades financeiras que o impediam de comprar pão diariamente e que o fizeram buscar uma alternativa para a situação. Mas ele não desistiu, como podemos acompanhar na sequência que se segue.

SD 13

Imagine a angústia que ele sentiu! Mas dizem que a dificuldade é boa conselheira. E foi aí que Ricardo teve a ideia: se não dá para comprar pão, que tal fazer pão? Foram noites e noites em claro pesquisando receitas na internet, até que ele achou uma bem simples e barata. Só era preciso água, sal, fermento, farinha de trigo e boa vontade para tentar.

"Quando eu tirei do forno, foi uma sensação de retorno e satisfação pessoal, principalmente por ser pão, que é uma coisa divina e sagrada. O pão é uma coisa que tem uma simbologia", diz Ricardo (Linhaça: Comerciante revela receita para sustentar a família, 20/03/2009).

A angústia do trabalhador que se vê sem condições de garantir a subsistência da família foi superada pela força de vontade de Ricardo. Se **a dificuldade é boa conselheira**, só restava fazer sua parte. O discurso do **empreendedorismo** é convocado e mostra como agir: **esforço de noites em claro, pesquisa** e uma **boa ideia**. Assim, Ricardo se destaca por fazer o que os outros não fazem. Como afirma Bagio (2012, p. 4), "inovação não está ligada exclusivamente à alta tecnologia ou tecnologia de ponta, como pensam algumas pessoas. Inovação está intimamente ligada às coisas que nunca haviam sido feitas anteriormente".

A satisfação de Ricardo com a receita que deu certo aciona o mecanismo de interpelação ideológica e lança para os telespectadores a convocação para seguir o exemplo. O discurso de perseverança das formigas se articula, mais uma vez, com o discurso religioso. Desta vez, ao convocar os sentidos da simbologia presente no pão, que, segundo Ricardo é

uma coisa divina e sagrada. O pão da vida, da salvação – que é o Filho de Deus, para os cristãos – é o pão de linhaça que trouxe a salvação da família de Ricardo.

O discurso pedagógico do jornalismo orienta, através da experiência de Ricardo e sua esposa Patrícia, o que precisa ser feito é continuar e sonhar mais alto. O discurso da autodeterminação, que se dá pela ideologia neoliberal, sustenta a necessidade de aprimoramento e novos conhecimentos para terem sucesso e realizarem o **sonho maior** de terem uma padaria. A variação do enunciado **eles conseguiram** aqui se processa pelo **eles estão conseguindo**, entretanto, filiando-se à FD jornalística que se ampara no distanciamento e na objetividade para não garantir o sucesso, afirmando que **só o tempo dirá se eles vão conseguir**.

SD 14

"Com certeza, a gente vai dar continuidade. Vamos estudar bastante para nos aperfeiçoarmos. O sonho maior", revela Patrícia, mulher de Ricardo.

O projeto é ter uma padaria de pães artesanais. Se eles vão conseguir, só o tempo dirá. Mas Ricardo quer um futuro para Renzo. Ele confia no espírito de luta herdado dos avós, que vieram da Espanha, para construir uma nova vida no Brasil, e está decidido a ter de volta o que rio levou.

"Meu sonho é seguir o exemplo que foi deixado pela minha família e pelos meus antepassados e honrar a história deles – a história de garra, de desejo de crescer, de desenvolver e de chegar a um futuro muito bonito", finaliza Ricardo.

"Para nós, vencer a crise significa trabalhar muito", acrescenta Patrícia.

Embora, como vimos, a característica da perseverança tenha sido atribuída ao brasileiro – aquele que não desiste nunca – os planos de desenvolvimento empresarial de Ricardo e de sua esposa Patrícia são atribuídos aos antepassados espanhóis. O sonho é **seguir o exemplo** de garra dos antepassados. O discurso sobre a perseverança da família estrangeira, no entanto, não se distancia dos saberes da FD do mercado e fazem a superposição dessa tomada de posição com discurso, na modalidade do **bom-sujeito**, dessa FD.

Patrícia, esposa de Ricardo, enuncia a o resumo da lógica do capital que transfere para os sujeitos a responsabilidade para lidar com as dificuldades que se apresentam: **vencer a crise significa trabalhar muito**. Uma metáfora possível uma vez que o sentido primeiro é o de impossibilidade, de fracasso. Ao ressignificar o termo **crise**, o discurso convocado é o do empreendedorismo e como ele deve ser, segundo Biagio (2012, p. 30): "ser realizador; ser um planejador; ser realista; ser comprometido; ser disciplinado; ser determinado; ter disposição e energia; gostar de lidar com gente; querer aprender sempre".

5.4.3 Vai ter com a formiga: ela não tem chefe, nem inspetor, nem mestre

O discurso se insere no sonho de ser **seu próprio patrão** e está presente em uma outra edição do programa *Globo Repórter*, exibida em 11 de setembro de 2009. Mais uma vez, a temática do programa não tinha relação direta com o discurso de exaltação do individualismo e da autodeterminação.

A edição do programa apresentou os *Caminhos da Comida*, e durante a exibição da reportagem *Peixe é comercializado vivo na Ceagesp*, o repórter narrou o dia a dia e o movimento na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp). São apresentados dados que dimensionam a grandeza comercial do local, com funcionamento 24 horas por dia. Os relatos foram de pessoas que trabalham no local e de outras que compram mercadorias lá. A Ceagesp funciona, sem interrupções, como exemplo exacerbado do funcionamento da sociedade de consumo.

Os empresários José Carlos Mota e Paulo Campos de Oliveira, proprietários de dois restaurantes de comida japonesa, são clientes que fazem compras à noite, pelo menos duas vezes por semana. O produto mais procurado por eles é o atum. A entrevista, que se assemelha a uma despreziosa conversa, apresenta a história dos empresários. O repórter resume a origem dos dois – que para ele está distante:

SD 15

Longe ficou a origem desses dois. Eram lavradores: Paulo, no Pará; e José Carlos, na Bahia. Dez anos atrás, se conheceram em São Paulo, lavando pratos em um restaurante. Enquanto progrediam na cozinha, fizeram amizade – e planos: sonhavam ser patrão. Agora, José Carlos trabalha até mais do que antes na bancada de sushi e sashimi. Paulo também, preparando os pratos quentes. Mas ninguém tem do que reclamar.

Paulo revela que o próximo plano é montar mais um restaurante. "O atum entra como sócio", diverte-se ("Caminhos da Comida", em 11/09/09).

Os agora empresários eram lavradores, mas tinham um sonho comum a milhares de outros trabalhadores: ser patrão. E eles conseguiram. Hoje trabalham mais do que quando estavam na bancada como empregados, "mas ninguém tem do que reclamar". São convocados os sentidos de sucesso fora das relações formais de trabalho. Afinal, o que configura o bem-estar, o sucesso, a satisfação de não ser empregado de ninguém, e sim, ser o patrão.

Biagio (2012, p. 5, grifo nosso) enuncia o comprometimento necessário para empreendedores de sucesso. De acordo com ele,

o empreendedor **se sacrifica pessoalmente** ou despende esforços extraordinários para executar uma tarefa, colaborando com os subordinados e, em certos casos, assumindo o lugar deles para completar uma tarefa. No momento de cumprir um prazo, o empreendedor não dá lugar ao cansaço, ao lazer ou aos amigos; **torna-se um verdadeiro obstinado** até atingir seus objetivos. [...] Para estar comprometido, não basta vestir a camisa da empresa; isto é envolvimento. **É necessário ter a marca da empresa tatuada na própria pele.**

O sacrifício pessoal, a obstinação e o comprometimento são saberes que são incorporados pela FD do mercado e que, no caso da **posição-sujeito do sucesso**, estabelecem novos sentidos para o empreendedor bem-sucedido. Se é necessário **ter a empresa tatuada na pele**, será ainda maior o comprometimento com o próprio negócio.

Essa satisfação é apresentada e serve como estratégia discursiva na apresentação de exemplos de sucesso dos mais diversos. Apresenta como uma nova relação de trabalho, invocando a determinação a ser diferente, mas constrói as mesmas relações de trabalho. Não há nada novo, são relações entre patrões. O sujeito é interpelado e chamado a participar, agindo, ao invés de reclamar. O discurso religioso na citação em ‘ é convocado, uma vez que para garantir com sabedoria sua comida, o sábio deve agir como a formiga. Ela também **não tem chefe, nem inspetor, nem mestre.**

Na edição *O valor do dinheiro*, exibida em 23 de outubro de 2009, a reportagem *Brasileiros mostram que é possível transformar sonhos em realidade*, destacava os passos que os sujeitos deveriam seguir para conseguir realizar o sonho. O tom pedagógico é constante e o discurso convocado é o da educação financeira. Segundo a reportagem, **com criatividade, disciplina e coragem, muitos conseguem, por exemplo, comprar a casa própria.**

O enunciado **eles conseguiram** é convocado para explicar como **muitos conseguem**, mas esclarecendo que, apenas aqueles que somam características como **criatividade, coragem e disciplina.**

O repórter relata casos em que brasileiros economizaram e se endividaram para conseguir alcançar o sonho. A coragem é traduzida pela disposição – e condições – de conseguir crédito para a compra ou a construção do imóvel. A disciplina, imprescindível para quem tem um financiamento. E a criatividade está em acreditar, ver mais além do que comumente se enxergaria. Mais uma receita de sucesso.

Nessa edição, a identificação com a FD do mercado é de completa superposição. A ideologia neoliberal constrói a evidência de que os sujeitos são livres e responsáveis por suas vidas. Ou, de acordo com Cavalcante, “o sucesso ou insucesso do indivíduo depende da

adequação de suas escolhas, da sua autoconfiança e do seu modo de agir – com **perseverança**”. (2007, p. 130, grifo da autora).

A modalidade discursiva do **bom-sujeito** pode ser observada na SD que se segue:

SD 16

Sucesso nenhum vem de graça. Para chegar lá é preciso trabalhar muito. Desanimar, jamais! E enxergar além daquilo que os nossos olhos costumam ver (O valor do dinheiro, em 23/12/09).

Nessa reportagem a questão da responsabilidade individual pela conquista é apresentada como fundamental. São silenciadas questões como possibilidade de contratação de crédito, limite de financiamento no valor necessário. E **criatividade, disciplina e coragem** passam a ser, como vimos na **SD 5** características para quem quer conseguir o sonho da casa própria.

Numa sociedade desigual em oportunidades, com milhões de pessoas desempregadas e outros milhões em empregos com baixa remuneração, acreditar e querer não poderiam ser condições determinantes para uma família ter casa própria.

Assim como Velho (2012) analisa, o **chegar lá** aponta para a mudança de *status* e se insere, em nosso entendimento, na **FD do mercado**, aderindo aos saberes dessa formação discursiva, naturalizando, pela ideologia, as desigualdades sociais e culpabilizando os sujeitos por seus infortúnios. A fala do metalúrgico que conseguiu a casa própria reforça essa ideia.

SD 17

"Se você não acreditar em você, ninguém mais vai acreditar. É preciso acreditar e traçar uma meta. Você tem que ter uma meta de vida", aconselha o metalúrgico Luciano Rocha (O valor do dinheiro, em 23/12/09).

Nessa lógica, quem não consegue a casa própria são aqueles que não têm “meta na vida”, não têm ambição, não acreditam que podem. Estes se somam aos que não acreditam na capacidade do outro em conseguir, conquistar. Seria uma questão de autoestima, de se estimular para fazer algo que contrarie a expectativa da sociedade e não na impossibilidade material, concreta e real de tantos trabalhadores.

A edição de 18 de dezembro de 2009 apresentou o *Catador de lixo na infância vira respeitado engenheiro no Paraná*. O interlocutor é chamado a acompanhar a história de

superação do bem-sucedido engenheiro elétrico Sérgio Fagundes e a se identificar com o relato. A lógica do capital não distingue a força produtiva, seja mulher ou homem; idoso, adulto ou criança. O discurso sobre Sérgio é, também, inicialmente inserido da modalidade do **bom-sujeito** da FD de mercado. Embora criança, o menino de 11 anos **reforçava o orçamento da casa** catando papel. A família fugia da pobreza no interior do Paraná e imigrou para a capital. Mas **a vida na cidade continuou difícil** e o mais velho dos sete filhos do casal **vendia papel** para ajudar os pais a sustentar a família.

SD 18

Em uma empresa de materiais recicláveis, um garoto vendia papel para ajudar a família. "Juntei uns 600 quilos", revelou certa vez. O menino que juntava papelão e o engenheiro são a mesma pessoa. Dois mundos separados por quase 30 anos de história.

“Acredito que sem aquela dificuldade talvez não tivesse tanta força para chegar aonde eu cheguei”, explica o engenheiro.

No fim da década de 70, a família Fagundes – Sérgio, o pai, a mãe, seis irmãos mais novos – trocou a roça por Londrina, fugindo da pobreza. Mas a vida na cidade continuou difícil. O dinheiro era curto. Para reforçar o orçamento em casa, o filho mais velho foi para as ruas e virou catador de papel (Catador de lixo na infância vira respeitado engenheiro no Paraná, 18/12/2009).

O efeito metafórico de **ajudar** e de **reforçar o orçamento** silencia a exploração da mão de obra infantil. Comum na década de 1970, mas longe de ser extinta nos dias atuais. É a lógica cruel do capitalismo que leva uma criança às ruas para lutar pela sobrevivência.

A ruptura com a situação de exploração do trabalho infantil veio da decisão da mãe de **tirar o filho daquela vida** e colocá-lo na escola. O discurso de Sérgio sobre a prioridade do ensino, entretanto, não se sobrepõe ao saberes da FD do mercado. Ao afirmar que o **importante era ir para a escola**, mesmo que não ganhasse nada, evidencia o rompimento em que o trabalho nas ruas é abandonado.

SD 19

Quase 30 anos depois, Sérgio lembrou dessa história e entrou em contato com a emissora, pedindo cópia da reportagem. O material foi localizado nos arquivos e, em uma sessão especial, foi apresentado para a família. Na emoção de Sérgio, o conforto do filho. E a aflição revivida da mãe, a única que assistiu à reportagem naquela época.

“Meu coração caiu pelo chão. Aquele dia foi muito triste para mim. Chorei o dia inteiro. Eu tinha que tirar meu filho daquela vida, ele não podia ficar nessa vida de jeito nenhum”, conta a mãe Helena Aparecida Fagundes.

Foi o primeiro passo para a mudança. “Se eu não ganhasse nada naquele dia, não importava. O importante era eu ir para a escola. A prioridade era a educação, ter conhecimento”, explica Sérgio.

E observando um vizinho de vida bem mais confortável veio a decisão. “Procurei saber o que ele fazia e fiquei sabendo que ele era eletricitista e falei: ‘É isso que vou ser’”, conta (Catador de lixo na infância vira respeitado engenheiro no Paraná, 18/12/2009).

Ao tempo em que é apresentado como exemplo a ser seguido pelos telespectadores, Sérgio Fagundes aponta, assumindo um discurso pedagógico, para a importância de seguir bons exemplos – no caso dele, um vizinho eletricitista de **vida bem mais confortável**, numa modalização sobre sua própria situação econômica. O aprendiz virou mestre.

Ao nomear o hoje engenheiro como profissional de sucesso, o discurso convoca o crescimento econômico dos sujeitos que funciona, como afirma Magalhães (2011, p. 11), “o jogo ideológico liberal, desde o início da modernidade, baseia-se na possibilidade de se conseguir mudar de situação social e individual apenas a partir da ação do sujeito”. O exemplo de Sérgio deve ser seguido tanto pelos colegas de trabalho, mas para os telespectadores também, interlocutores no processo discursivo.

SD 20

“É um exemplo de vida muito importante para todo mundo usar como espelho e como referência. Mostra que uma pessoa de uma formação muito simples pode ter sucesso na vida”, afirma o diretor Hamilton Iranaga.

Por muitos anos, Sérgio preferiu não recordar os momentos difíceis da infância. Hoje, com orgulho, ele leva o filho até o centro de Londrina para recontar a sua história.

“Era um trabalho digno, porém de muito sacrifício, muito esforço. Eu tinha que ter força no braço”, lembra Sérgio. “Tive a oportunidade de ter isso registrado e isso fez a diferença, para mostrar que não é o dinheiro que faz a diferença e, sim, o sonho que a pessoa tem. O que deseja e tem no coração, ela conquista. Basta não desistir”.

Os sentidos escapam quando Sérgio apresenta-se como orgulhoso de sua história de sacrifício quando criança. O engenheiro diz que o trabalho infantil era **digno** e que exigia **força no braço**. Uma exigência cruel para uma criança de 11 anos. Crescido, formado o orgulho de Sérgio é **ter sido registrado** – ou seja, o registro formal de trabalho é tido como uma exceção, um diferencial em meio aos contratos temporários e as relações de informalidade.

A noção de ser um profissional diferenciado no mercado não está, como podemos analisar, no emprego formal, nem no salário que decorre desta relação de trabalho: **não é o**

dinheiro que faz a diferença. Está na conquista do sonho, uma vez que para **conquistar**, basta sonhar. O discurso de Sérgio convoca um outro discurso, o da campanha do governo federal que apresenta o brasileiro como alguém que **não desiste nunca.**

Assim como uma criança é inserida no mercado de trabalho informal, as relações trabalhistas se transformam também para os idosos. O não desistir, persistir, perseverar é, nessa faixa etária, negar a aposentadoria, o repouso remunerado. Como afirma Silva Sobrinho (2007, p. 214-215),

a subsunção do homem ao capital o torna uma mercadoria que tem valor enquanto produzir riqueza. Isso tudo nos leva a dizer que enquanto serve ao capital o trabalhador produz valor e tem valor; quando envelhece e é afastado do trabalho, perde a importância por não produzir mais e, assim, perde o seu valor.

O discurso convocado é o de poder individual, autodeterminação, saberes que se instauram na FD do mercado, presente em todas as edições selecionadas do *Globo Repórter*. Mostram como, apesar de reiteradas crises o modo de produção capitalista permanece. É o que mostra Harvey (2011, p. 46),

o capitalismo tem sobrevivido até agora apesar de muitas previsões sobre sua morte iminente. Esse êxito sugere uma fluidez e flexibilidade suficientes para superar todos os limites, ainda que não, como a história das crises periódicas também demonstra, sem violentas correções.

E o discurso se insere na lógica liberal e convoca o **querer é poder**, como vimos no Capítulo 3, aos 91 anos não há porque parar. Parar de trabalhar é parar de produzir e Sylvio Coelho não pára. O exemplo desse **novo aposentado** mostra a flexibilização do capitalismo de que fala Harvey. O novo aposentado apresentado dissimula a manutenção da antiga relação de trabalho.

SD 21

Que privilégio é desfrutar da beira de mar, com o ir e vir em busca do vigor físico. Esta é a receita infalível para um bom começo de dia, fonte de disposição. Com 91 anos, Sylvio Coelho conhece bem o significado dessa palavra. É um empresário que não perde tempo. Nas primeiras horas da manhã lá está ele: na luta.

E ele afirma: “Não há vitória sem luta” (Os novos aposentados do Brasil: Empresário de 90 anos continua a frente de empresa que criou, 29/01/10).

Novamente, o tom pedagógico é usado ao enunciar a **receita infalível** a ser copiada e experimentada: um bom começo de dia tem que ter exercício físico e luta. Já nas primeiras horas do dia Sylvio está de volta ao trabalho. O discurso da saúde é convocado para assegurar mão de obra saudável e produtiva para a luta e a consequente vitória.

5.4.4 *Motoboys*: um exército de formigas

Ser positivo, criativo, inovador, corajoso seriam ingredientes importantes na receita de sucesso, como vimos. Mas é preciso persistir, não desistir e, em alguns casos, rezar para que tudo dê certo. Na edição, de 16 de julho de 2010, que abordou a vida dos *motoboys*, questões como a baixa remuneração, a precarização do trabalho e a alta periculosidade da atividade profissional foram evidenciadas.

Entretanto, a edição do programa priorizou o **sucesso** de *motoboys* que venceram na vida com a profissão. Vemos como, na sociedade capitalista, as posições na sociedade são tomadas. O trabalhador que se profissionaliza assume uma posição na lógica do capital que não o faz patrão, e sim, empregado. Nos relatos do chamado **sucesso** dos *motoboys*, selecionamos duas histórias de vida na reportagem, conforme sequência discursiva abaixo:

SD 22

Veja histórias de sucesso de *motoboys* que venceram na vida com a profissão.

Rosa criou dois filhos com o trabalho. É uma chefe de família que venceu em um mundo de homens.

Daniel também se orgulha da profissão. Como *motoboy*, comprou um carro, sua casa e sustenta a mulher e as filhas (Motoboys, em 16/07/2010).

As histórias de **sucesso** enunciadas são de trabalhadores que conseguem viver com o que ganham em seus empregos. No caso da *motogirl* Rosa, o destaque é para o fato dela ter conseguido criar dois filhos, vencendo num mundo de homens. Uma entre milhões de histórias de outras mulheres que são chefes de família e responsáveis pelo sustento de seus filhos. Magalhães (2011, p. 9) afirma que a mulher pode se destacar no mercado de trabalho, desde que não deixe de assumir suas tarefas no lar. De acordo com ela,

essa realidade que vigora no cotidiano e que vem diretamente ao encontro da lógica do capital de exploração do trabalho, pois, mantendo ideologicamente o lugar prioritário da mulher em casa, acaba por relegar a elas os empregos mais precários, as condições de trabalho aviltantes, a

reprodução da força de trabalho sem custo adicional pelo apagamento das horas de trabalho doméstico não-remunerado.

O enunciado Rosa **criou dois filhos com o trabalho** permite que se questione se há alguma surpresa em uma trabalhadora conseguir – mais uma vez a questão da conquista aparece – aquilo que é o mínimo para alguém que vende sua força produtiva. O **sucesso** é aí, então, mais um efeito metafórico sustentado pela ideologia neoliberal.

Ao nomear um indivíduo, um sujeito, como uma pessoa de sucesso cria-se uma imagem de um estereótipo construído a partir dos efeitos metafóricos que sofreu a palavra **sucesso** ao longo da história no mundo da linguagem e dos sentidos.

E é a partir desses sentidos que os estereótipos existentes **orientam** comportamentos dos indivíduos, criando expectativas, promovendo uma conceituação do que é ser alguém de sucesso, a partir de valores pré-estabelecidos pela lógica do capital.

No caso de Daniel, ele é apresentado como alguém se “orgulha da profissão”, afinal, “como *motoboy*, comprou um carro, sua casa e sustenta a mulher e as filhas”. Mais uma vez a questão do sustento se apresenta como evidência de sucesso e de conquista. Neste caso, a posição da mulher – a esposa de Daniel – é deslocada para o comum na sociedade, a de sustentada pelo esposo. Mesmo contrária a todas as evidências de participação das mulheres nas despesas dos lares brasileiros, Rosa ainda pode ser tomada como exemplo de superação.

A superação estaria então em conseguir sustentar suas famílias com a profissão de *motoboy/motogirl*. As evidências que se apresentam sustentando esse discurso tratam de perigo e de precarização do trabalho, conforme as sequências abaixo:

SD 23

Daniel Bastos se orgulha: nunca entrou no carro de resgate. Ele tem 31 anos e pilota desde os 18. Hoje, vê do alto, pela primeira vez, a cidade imensa onde trabalha.

“Daqui parece muito mais fácil. O duro é a selva lá embaixo, porque é bem uma selva, todo mundo com pressa, todo mundo correndo, ninguém tem tempo para nada, tudo para ontem. Uma cidade como São Paulo já não consegue mais funcionar sem *motoboy*. Então, se os *motoboys* pararem, a cidade para”, aponta o rapaz (*Motoboys*, em 16/07/2010).

É o discurso do sujeito que, interpelado pela ideologia, se insere na lógica do capital. A posição-sujeito desse discurso não se aproxima a **do sucesso**, embora esteja na mesma FD do mercado. O sujeito se identifica com os saberes que constituem essa FD ao sentir orgulho por sobreviver, permanecer produzindo.

O orgulho de Daniel Bastos é nunca ter entrado num carro de resgate, ou seja, nunca ter sido vítima de um acidente grave. O sucesso de Daniel é sobreviver no que ele chama de **selva**. Sua função é a de não permitir que a cidade de São Paulo pare, o que, segundo ele, aconteceria se os *motoboys* não estivessem.

Os deslizos de sentidos de orgulho, entretanto, são desvelados na análise da afirmação de Daniel de que gostaria de parar, o que mostra a contradição no discurso apresentado pela reportagem. O que é apresentado como história de sucesso, tenta silenciar o medo da morte e o desejo de não mais continuar a se arriscar.

SD 24

Daniel já quis parar. Foi quando perdeu o melhor amigo, *motoboy* também. "Até hoje, quando eu passo na Rebouças, que foi onde ele morreu, eu sempre lembro. Eu passo lá quase todos os dias, quase todos os dias eu lembro. É coisa de emocionar. Toda vez, eu lembro dele", revela (*Motoboys*, em 16/07/2010).

O discurso de Daniel se apoia novamente na resistência à forma-sujeito da FD do mercado. O trabalhador tem medo de morrer como o melhor amigo. Esse seria o motivo para Daniel parar. O discurso sobre o amigo saudoso dissimula o silenciamento do receio que o Daniel tem de que o mesmo acontece a ele.

A morte do amigo, também *motoboy*, aconteceu em um trecho em que ele passa quase todos os dias. A morte o cerca diariamente e a lembrança do amigo reforça que aquele mesmo fim é o que o apavora. Mas não há possibilidade de escolha, segundo o *motoboy*. Neste caso, a conquista – outra profissão – não depende só dele, o que contraria o discurso individualista de superação, de coragem não é convocado neste momento. Não há como escolher, é preciso resignar-se.

SD 25

Sem outra opção de emprego, Daniel seguiu na moto. Em casa, tem mulher, duas filhas, mãe e sogra esperando por ele. São mulheres que só podem rezar enquanto esperam o chefe da família chegar ao fim do dia (*Motoboys*, em 16/07/2010).

Nessa sequência, o discurso sobre as possibilidades de Daniel reencontram os saberes da FD de mercado. Sem opção, Daniel segue na moto. O trabalhador se adapta e resiste, resignado.

A resignação fica evidente na impossibilidade de Daniel mudar de emprego, reforçando a dependência da família do provedor do lar. Às esposa, duas filhas, mãe e sogra, todas dependentes dele, resta rezar. A figura da mulher não é a de trabalhadora, mas a dependente do homem e resignada ao destino que, só Deus poderá mudar.

O discurso religioso é convocado para apagar o perigo da profissão. Da falta de segurança e da incerteza quanto à sobrevivência de provedores de família. Não há sossego na família.

Sendo exemplo de sucesso, o *motoboy* na verdade não pode reclamar. Aquela e a situação de todos os seus colegas e ele, um exemplo de superação, tem algo que tantos outros não têm: emprego fixo.

SD 26

Daniel é funcionário há seis anos em uma grande empresa, com registro em carteira, condição que milhares de *motoboy*s não têm. Tudo o que possui, construiu com o trabalho.

"Hoje, eu já tenho meu carrinho popular, tenho minha casa, minha moto. Então, deu certo. Desse jeito vai indo", revela Daniel (*Motoboy*s, em 16/07/2010).

O sucesso de Daniel está na relação de trabalho formal que tem com uma mesma empresa, há seis dos 18 anos em que segue a profissão. Como afirma Mészáros (2011a, p. 102, grifo do autor),

Ao contrário da escravidão e da servidão, esta noção [de trabalho livre contratual] aparentemente absolve o capital do peso da dominação forçada, já que a **escravidão assalariada é internalizada** pelos sujeitos trabalhadores e não tem de ser imposta e constantemente reimposta **externamente** a eles sob a formação de dominação política, a não ser em situações de grave crise.

O **registro na carteira** é motivo para se orgulhar e, mais uma vez, se resignar. É uma condição que milhares de *motoboy*s não têm. Daniel tem sorte por estar vivo, ter emprego e conquistas que são fruto apenas de seu trabalho. Suas conquistas são materiais, simples, ligadas à subsistência que, diferente de milhares de trabalhadores como ele, o faz um exemplo de **sucesso**.

5.4.5 Ensinando formiguinhas

Os novos consumidores já estão sendo preparados para agir na sociedade de consumo. Embora o estímulo ao consumismo integre a ideologia neoliberal, a inadimplência tem se mostrado um entrave no fortalecimento da economia. O aumento dos juros, no Brasil, é defendido como forma de diminuir os prejuízos – ou aumentar os lucros – de bancos e financeiras. Assim, uma multidão de inadimplentes tem causado preocupação ao mercado, afinal, se não pagam não tem crédito e não podem consumir mais.

Nessa lógica, a imprensa tem sido convocada a divulgar o discurso pedagógico da educação financeira. De acordo com Ramires e Parnaíba (2012, p. 7), “quando o nível de endividados aumenta estimulam-se matérias sobre educação financeira. Quando o nível de endividados cai estimulam-se matérias de liberdade ao consumo e vice-versa”.

Assim, na edição de 23 de julho de 2010, o programa *Globo Repórter* apresentou a reportagem *Alunos de 10 anos vendem cachorro-quente para viajarem nas férias*. A experiência na escola se insere na lógica de que, segundo especialistas, a educação financeira deve começar nos primeiros anos da vida. Na FD jornalística, convocar saberes de especialistas corroboram para a credibilidade do que se enuncia. Entretanto, percebe-se que o discurso do programa está, mais uma vez, respondendo à ideologia capitalista.

A escola implantou a venda de cachorro-quente para custear o passeio dos alunos em um acampamento. Ou seja, os próprios alunos pagarão, com o trabalho nas vendas, suas idas. Já na infância, a lógica liberal é convocada para produzir sentidos de responsabilidade individual e autodeterminação.

As crianças são interpeladas a se tornarem pequenas formigas e produzirem para garantirem, no futuro, condições de viajar – um verão de vendas para um inverno de passeio e não de fome. A necessidade de educação financeira na infância é justificada pelo fato dos sujeitos começarem a desejar já nos primeiros meses de vida – uma interpretação equivocada do desejo de consumo. Na afirmação da professora da Unicamp, Maria Belintane Fermiano, responsável pelo projeto: **Eles já são clientes. Eles já têm um mercado voltado para eles. Eles precisam aprender.**

Assim, o telespectador é interpelado a, como interlocutor, se juntar à repórter: **a gente deve começar a trabalhar a educação econômica deles.** O discurso científico é convocado para produzir efeitos de sentido para esse dever de ensinamentos de educação financeira para as crianças. Afinal, esta é uma recomendação de especialistas.

SD 27

Os nossos filhos começam a desejar já nos primeiros meses de vida. É /justamente neste momento que, segundo os especialistas, a gente deve começar a trabalhar a educação econômica deles. Mas, independentemente da idade, os conceitos e os valores devem ser transmitidos e reforçados no dia a dia, para que eles sejam mesmo incorporados. Não é uma tarefa fácil. Exige disciplina e muita determinação. É um processo de aprendizado que precisa envolver as crianças.

Na infância, para compreender o significado de lucro e prejuízo e entender a importância de economia, só experimentando. Os alunos do quinto ano de uma escola de Americana, no interior de São Paulo, receberam um desafio: economizar dinheiro o ano inteiro.

"No final do ano, a gente vai ter um acampamento e é muito caro. Alguns pais não conseguem pagar", diz Henrique Sai, de 10 anos.

O desejo de todos é único: o acampamento em um parque ecológico. "É bem legal, porque a gente está vendendo uma coisa para conseguir o que a gente quer, que é ir ao acampamento", comenta Júlia Rodrigues, de 10 anos.

Os alunos precisam de R\$ 4,2 mil e já têm R\$ 2,2 mil. Na aula, eles fazem reajustes no preço, definem a margem de lucro (Alunos de 10 anos vendem cachorro-quente para viajarem nas férias, 23/07/10).

O discurso se inscreve na formação social neoliberal, uma vez que convoca a necessidade de se criarem valores que precisam ser aprendidos, transmitidos e reforçados por toda a vida. E a solução é experimentar. Assim, a criança aprende, ainda na infância, **o significado do lucro e prejuízo.**

A fala dos alunos evidencia a **ideologia do poupar para gastar** (RAMIRES; PARNAÍBA, 2012). O implícito está no fato de que a não adesão certamente excluirá do acampamento quem não participar do processo. Sabemos que, no discurso pedagógico de inclusão, os alunos são convocados e estimulados a participar dos **projetos escolares**, tornando a turma homogênea na adesão a essas práticas. Por conseguinte, as crianças já se inserem na lógica individualista – uma vez que, mesmo em equipe, são esforços e conquistas individuais que são estimulados.

Mészáros (2011b, p. 118) afirma que,

a concepção econômico-política do mundo, assim, **tem de** idealizar a conflitualidade/adversidade dos interesses investidos **de forma egoística** em suas manifestações **individualistas** na **sociedade civil** para ser capaz de (mais ou menos conscientemente) desviar a atenção, e assim, legitimar e eternizar **por procuração** os interesses investidos **estruturalmente entrincheirados** do capital.

A dificuldade de alguns pais de não conseguirem pagar o acampamento para seus filhos é **solucionada** pela transferência da responsabilidade de **conseguir** pagar para as

crianças que, em sala de aula, definem e reajustam a margem de lucro. O enunciado de Júlia, de 10 anos, mostra o discurso da educação financeira se insere na FD do mercado e se apoia em ideais liberais: **É bem legal, porque a gente está vendendo uma coisa para conseguir o que a gente quer, que é ir ao acampamento.**

5.4.6 Quem descansa é cigarra

A edição do *Globo Repórter* que foi ao ar em 27 de agosto de 2010 tinha uma abordagem, inicialmente, diferenciada da noção de **sucesso**. Embora bem-sucedidos, dois profissionais repensaram a rotina e reformularam a vida profissional. A reportagem *Brasil é o segundo país mais estressado do mundo* apresentou dados sobre o nível de estresse dos brasileiros, apontando 69% da população como vítimas do estresse profissional.

Dentre os fatores estimuladores do mal-estar, a desmotivação e a insatisfação com o trabalho, além da carga horária excessiva. Para os profissionais elencados, a repetição, a tensão, o medo da violência foram apontados com agravantes do estresse. E aí, se até entre os religiosos há estresse, a solução apontada pela reportagem foi a **fé**. O discurso religioso convoca a aceitação da realidade, a paciência e a compreensão para justificar as exigências da vida. A aceitação da realidade²² é própria de muitas denominações religiosas e os sentidos de seguir em frente, com perseverança e fé circulam pela sociedade.

Mas como fé não é comum a todos, o segredo está em **mudar a situação**. O tom conciliatório é trocado pelo discurso do poder individual, da autodeterminação do sujeito. São apresentados dados de pessoas que mudaram de emprego ou de profissão para fugir do estresse.

SD 28

“Cada vez mais a mulher está tendo posições executivas, sendo mais cobrada, ao mesmo tempo tem aquela vontade de ter filhos, ter uma família e ela fica naquela angústia, naquele dilema entre dar um tempo na sua profissão e talvez perder algumas oportunidades e poder ser mãe. E muitas vezes fazem as escolhas com muita culpa”, explica Ana Maria.

A comerciante Ilsi Gassen Boll não teve dúvidas. Deixou para trás uma carreira de sucesso na área de informática que lhe proporcionava um alto salário e trocou tudo por uma vida mais simples, mas bem mais tranquila.

Ela conta que valeu a pena: “eu estava muito bem profissionalmente, mas minha vida particular não estava tão boa. Eu comecei a perceber que estava ficando doente, muito cansada, estressada. O sucesso profissional te absorve

²² Embora, particularmente entre os pentecostais, a Teoria da Prosperidade venha crescendo, o entendimento da “vontade de Deus” como legitimadora da realidade é um discurso forte nas religiões.

muito. Te deixa esquecer o que, na verdade para mim hoje, é o mais importante que é minha saúde, minha vida, minha felicidade, minha alegria” (Brasil é o segundo país mais estressado do mundo, 27/08/10).

O dilema entre carreira e família é apresentado na abertura para depois ser abandonado. Embora a vontade de mudar seja de homens e mulheres, o relato de experiência inicial é de uma ex-executiva de **sucesso** na área de informática que trocou a carreira por uma **vida mais simples**. E assim, o discurso sobre desejo de ter família produz o sentido de necessidade feminina.

Outro discurso é convocado, o de ser seu próprio patrão, e justifica a possibilidade de controle da vida profissional e pessoal e é apresentado como garantia de **saúde, felicidade e alegria**. A identificação com a FD de mercado não se dá plenamente, mas o discurso não rompe com os saberes da FD, uma vez que, a vida mais simples responde às regras do mercado. Ilsi agora é comerciante.

SD 29

O novo negócio funciona na casinha charmosa do ano de 1923, onde a promessa para o cliente é de uma vida saudável, igual a da dona da casa. As mãos que antes digitavam sem parar, hoje, na cozinha, cortam verduras e legumes. Quem diria que alguém no auge de uma carreira resolveria largar tudo começar do zero em uma virada radical?

“Resolvi mudar, parei com tudo que eu estava fazendo. Parei algum tempo e foram surgindo novas propostas, novas possibilidades e então surgiu a idéia de trabalhar com alimentação natural”, conta a comerciante (Brasil é o segundo país mais estressado do mundo, 27/08/10).

Apresentada como **mudança radical**, a troca de área e posto de trabalho de Ilsi é sustentada pelo discurso empreendedor que evoca a **ideia** e aponta para **novas possibilidades**. Assim, a loja de produtos naturais veio primeiro, depois o restaurante e, por último, o sítio que produz os alimentos comercializados.

SD 30

Ilsi montou uma loja de produtos naturais. Aí veio o restaurante, depois comprou um sítio para produzir os alimentos que serve. “A gente aprendeu que temos que ficar dentro do nosso limite. O objetivo principal é o nosso bem estar”, diz Ilsi. Ela é destinada a ter sucesso no que faz. A diferença é que hoje em dia sabe quando deve parar (Brasil é o segundo país mais estressado do mundo, 27/08/10).

O destino de **sucesso** está na forma de resposta que dá positivamente ao chamado da lógica do capital. O discurso de mudança de vida filia-se a lógica do capital e reitera as relações do mercado de trabalho. Não há quebra de paradigmas nessa distinção entre pessoas ou postos de trabalho.

Não há ruptura, portanto, com a FD dominante, a do mercado. O apresentado como novo legitima a mesma prática na sociedade, mas não impede os deslizes, sinais de resistência e abertura de espaços de questionamento das relações aparentemente naturalizadas, pela língua, na vida, manifestas no discurso.

6 CONCLUSÃO

Analizamos nesta tese como os sentidos de sucesso são produzidos no *Globo Repórter*. A temática, recorrente nas edições semanais do programa, interpelam os sujeitos da sociedade capitalista a se integrarem à lógica do mercado e nomeiam os exemplos apresentados como modelos bem-sucedidos desse processo.

O percurso teórico-metodológico adotado nesta tese auxiliou na compreensão do funcionamento ideológico dos discursos que circulam na sociedade. Ao desvelar os sentidos sobre sucesso no *Globo Repórter*, a análise abordou – de forma recorrente – o fracasso.

A antítese do enunciado **Eles conseguiram** convoca uma parcela significativa da população brasileira que, sem acesso a condições dignas de vida, é chamada pela mídia a mudar sua existência.

Como se a solução estivesse em suas mãos, esses sujeitos são levados a pensar que não conseguem porque não querem, não se esforçam o suficiente, não aproveitam as oportunidades. São excluídos pelas condições materiais e pelo discurso que reitera a igualdade entre os desiguais, as oportunidades em uma sociedade excludente.

O discurso sobre o sucesso é sustentado pela ancoragem dos saberes que consideram as regras do mercado como o caminho para a felicidade e a liberdade do homem. Embora trate de sucesso, esse discurso funciona pelo efeito metafórico que estabelece novos sentidos para o termo a partir da fábula da **Cigarra e da Formiga**.

Na Grécia Antiga ou na Bíblia, a noção de que todos têm as mesmas oportunidades e não aproveitam da mesma forma remonta à fábula da **Cigarra e da Formiga**. O inverno de fome para a Cigarra é a consequência de um verão cantando enquanto a Formiga trabalhava. As folhas que alimentarão o formigueiro são inacessíveis às cigarras agora.

A metáfora da Cigarra e da Formiga convoca os elementos de saber que sustentam o discurso sobre o sucesso ao tempo em que fortalece as noções de transferência da responsabilidade individual e da obrigação de lidar com as consequências de suas escolhas. Os sujeitos, assim, escolheriam como preferiam passar o inverno: como sábias formigas alimentadas ou como preguiçosas cigarras famintas.

A lógica apresentada pela metáfora da fábula circula pela sociedade sob a forma do dito popular **quem não trabalha não come** e contribui para a circulação de sentidos do discurso de autodeterminação dos sujeitos, no modo de produção capitalista.

Apontada por Magalhães (2011) como a expressão máxima do efeito ideológico de que o sujeito faz escolhas, decide e é livre para traçar metas e executá-las sem nenhuma determinação que o limite, a não ser sua própria força de vontade, a fábula aponta para uma relação inequívoca de responsabilidade e produtividade, que resulta em sucesso.

O efeito ideológico é de valorização das características que tornam o sujeito empreendedor dono de seu destino, ao tempo em que silencia as impossibilidades dessas conquistas em meio às relações de oposição entre classes antagônicas. A ideologia fornece as evidências (PÊCHEUX, 1997) de unicidade e consenso e permite que o termo “sucesso” seja tomado como efeito metafórico de sentidos de superação, resiliência e perseverança. Os sujeitos de sucesso nomeados pelo *Globo Repórter* são aqueles que respondem e reproduzem à lógica do capital.

Para além da simples nomeação, as características de conquista e sucesso atribuídas às pessoas carregam, como afirma Plantin (1996), implicações. De acordo com ele (p. 60, Tradução Livre),

se o emprego de certas palavras deve ser justificado é porque o uso delas implica consequências. O nome que designa assume engajamentos discursivos. E fazem mais do que simplesmente designar seres: elas os designam sempre a partir de certos pontos de vista. Ao mesmo tempo em que as palavras designam, elas supõem predicativos que vão ser colados aos sujeitos²³.

Assim, ser fracassado ou bem-sucedido traz marcas discursivas que convocam os sentidos produzidos pela e na sociedade. Como vimos, a dualidade entre sucesso e fracasso é atribuída à autodeterminação dos sujeitos e se insere no processo ideológico que tem por base a lógica liberal, radicados no individualismo, no direito à propriedade e no desejo pela conquista de bens materiais. Ou seja, quem sabe o que quer, persegue seu objetivo e conquista. São assim, colados aos sujeitos, predicados que dão conta da identificação desses com a formação discursiva do mercado.

O discurso sobre o sucesso apresenta no empreendedor a identidade do sujeito do mercado – aquele que não descansa, não desiste, que não espera por oportunidades, e sim, as cria. Esse discurso se apoia nos postulados neoliberais para naturalizar as diferenças na

²³ *Si l'emploi de certains mots être justifié, c'est parce que leur usage a des conséquences. Celui qui désigne prend des engagements discursifs. Les noms ne font pas que designer simplement des êtres: ils les désignent toujours sous certains points de vue. Em même temps qu'ils désignent, ils supposent des prédicats qu'ils attachent aux êtres.*

sociedade e estimular a lógica de que cada indivíduo é livre para escolher e deve ser responsabilizado pelos seus infortúnios e sucessos.

O discurso do empreendedorismo, assim promove a dissimulação da divisão da sociedade em classes sociais, num efeito ideológico necessário para a reprodução da desigualdade, a fim de estimular a competitividade e o desenvolvimento individual.

Aqueles que não têm essas características são tomados como preguiçosos e acomodados e, pelo efeito metafórico posto pela fábula, identificados com as cigarras fracassadas.

Essa mesma lógica é percebida em Provérbios ao aconselhar o cristão a ser sábio como a formiga. Encoraja os sujeitos a se empenharem e colherem o que lhes servirá de refeição no futuro. Aqueles que não seguem estão fadados ao destino do insucesso.

Ao tempo em que valoriza o trabalho, o esforço, este discurso transfere a responsabilidade para cada um por seu próprio destino e silencia as condições objetivas em que o sujeito se insere. Ter sucesso é sobreviver, continuar produzindo, consumir, poupar, ou seja, é está inserido na lógica do capital.

E a mídia, como vimos, corrobora na circulação desses sentidos. A ideologia capitalista fornece evidências de igualdade, como vimos, e estimula os sujeitos a se colocarem como donos de sua existência. Como afirma Mézáros (2011b, p. 127, grifo do autor),

[as] referências à **liberdade** e à **democracia** atualmente são cinicamente postas a serviço de propósitos opressivos [...]. O cultivo e a difusão deliberada de falsa consciência pela ideologia dominante, graças ao monopólio virtual dos meios e dispositivos de comunicação de massa, reforçado enormemente pelas práticas dominantes da ordem produtiva fetichista do capital, pertencem ao mesmo quadro.

Nessa lógica, o discurso jornalístico se filia, como vimos nas análises, a formação discursiva do mercado, amparada pelos saberes que lhe constituem e que se amparam na lógica do capital, difundindo ideais de democracia e liberdade e silenciando as desigualdades sociais.

Assim, embora nem sempre haja a superposição desses mesmos saberes no discurso, constatou-se que o discurso sobre o sucesso produz uma posição-sujeito específica – que convoca saberes sobre autodeterminação, resiliência, persistência e superação – sem que saia da forma-sujeito da FD do mercado. Esse deslocamento produz sentidos conflitantes e que apontam para o simulacro de uma ruptura, de uma inovação, mas que reproduzem os saberes dessa FD.

Percebeu-se que, mesmo nos casos em que esses deslizes se dão, não há adesão a uma nova FD, diferente da dominante. A força do discurso sobre o **sucesso** está no efeito metafórico que permite que os sentidos empregados ao termo se desloquem de forma ampla, abrangendo uma série de possibilidades de se romper – a partir do esforço individual – com o destino das cigarras.

Então, ser *motoboy* e não ter entrado em carro de resgate é sucesso; continuar trabalhando aos 91 anos é sucesso; aposentar-se e ser diarista, animador de festas e ainda comprar carro é ter sucesso; ser engenheiro eletricitista após ter sido catador de papel na infância é ter sucesso; trabalhar parte do ano e gastar o dinheiro na entressafra é ter sucesso.

Assim, a ideologia capitalista dissimula a desigualdade e acirra o nível de insatisfação, estimulando os sujeitos a buscarem formas novas para permanecerem nos mesmos espaços de exploração. Promove o sonho de ser empreendedor e colocam o sucesso como meta a ser perseguida, construindo evidências de que e a informalidade poderá garantir a liberdade de ser o próprio patrão.

Na luta pela sobrevivência, os sujeitos são convocados a superar os limites – seus e dos demais. Na disputa por espaço no mercado, os sujeitos passam a ser concorrentes, conforme a lógica do mercado.

E assim, a ideologia capitalista, pelo efeito metafórico da realidade de cigarras e formigas, promove o fortalecimento das diferenças e das desigualdades, ao tempo em que eleva a luta diária aos patamares de uma jornada pela sobrevivência e disputa entre desiguais.

A ideologia neoliberal constrói essas falsas evidências de sucesso em relatos de sobrevivência, resiliência, superação e persistência para, como Mézáros (2011b) afirmou, reforçar na sociedade as práticas de dominação. A classe dominante faz uso de seu aparato ideológico e tecnológico – do qual a mídia faz parte – difundindo a ideologia dominante e desvelando a efervescência da sociedade em suas relações de conflito.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: EDUFAL, 2005.
- AMORIM, Tânia N. G. F. Gestão de pessoas no agronegócio. In: CALLADO, Antônio André C. **Agronegócio**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **m Pós-neoliberalismo: as políticas e o Estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Anunciantes. O melhor do Brasil é o brasileiro: Herbert Viana. 02/02/2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iy8oFq04bas>>. Acesso em: 12 nov. 2011.
- _____. O melhor do Brasil é o brasileiro: Ronaldo. Disponível em: <<http://video.google.com/videoplay?docid=1003515924688547862>>. Acesso em: 12 nov. 2011.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECK, Maurício. **Aurora Mexicana**: processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: o exemplo do discurso zapatista. 186f. Tese (Doutorado em Linguística)– Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria-RS, Santa Maria, 2010.
- BERMAN, Morris. **Why America failed**: the roots of imperial decline. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2012.
- BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BIAGIO, Luiz Arnaldo. **Empreendedorismo**: construindo seu projeto de vida. Barueri, SP: Manole, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: EDUFAL, 2007.

CARVALHO, Elizabeth et al. **Anos 70/Televisão**. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 63-79.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHASIN, José. Manifesto editorial II. In: MÉSZÁROS, Istvan. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1987.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. 243f. Tese (Doutorado em Linguística)– Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000436084>>. Acesso em: 28 set. 2011.

DIMENSTEIN, Gilberto. O fenômeno Ronaldo [resiliência], 15 mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1503200918.htm>>. Acesso em: 28 set. 2011.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. In: _____; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.) **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DONOS DA MÍDIA. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br>>. Acesso em: 28 set. 2011.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship):** prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; MONTAÑO, Carlos. **Estado, classe e movimento social.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011, v. 5

EMERIM, Cárilda. Informação televisiva: entrevista. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Televisão: entre o mercado e a academia.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

ESOPO. **Fábulas.** Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FAUSTO NETO, Antonio. **O impeachment da televisão: como se cassa um presidente.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Sucesso. In: _____. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010, p.716.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: CORRÊA, Marcia Cristina; NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato (Orgs.). Espaços de circulação da linguagem. **Revista Letras**, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria-RS, n. 27, p. 39-46, 2003.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do discurso: fundamentos & práticas.** Maceió: EDUFAL, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FROMM, Erich. **The sane society.** London: Routledge, 2008.

GAIA, Rossana Viana. **A política na mídia e a mídia política.** Maceió: EDUFAL, 2011.

GONÇALVES, Lidiane. O jornalismo e suas teorias. In: PEREIRA, Wellington. **O trabalho de Sísifo: jornalismo e vida cotidiana.** João Pessoa: Manufaturas, p. 37-54, 2004.

GOMES, Isaltina et al. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

_____; KOGAWA, João Marcos Mateus. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAYEK, Friedrich August von. **Direito, legislação e liberdade.** São Paulo: Visão, 1985, v.2.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 13-38, 1990.

_____. **A ferramenta imperfeita**: Língua, sujeito e discurso. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**: do feudalismo ao século XXI. 22. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HUNT, Emery K.; SHERMAN, Howard. **História do pensamento econômico**. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, p. 9-33, 2008.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, p. 77-91, 2011.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

KEYNES, John M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultura, 1985. [Col. Economistas]

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAMEIRAS, Maria Stela Torres Barros. **Entre contos de uma posse e o poder da palavra**: “ligações perigosas” entre a mídia, a palavra e o poder político. Maceió: EDUFAL, 2008.

LIMA, Venício de A. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIMA, Venício de A. **Mídia**: crise política e poder no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, Venício de A. Televisão e política: hipótese sobre o 1º turno da eleição presidencial de 1989. In: **Mídia: teoria e política**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 213-250, 2004.

_____; GUAZINA, L. Jornal Nacional: a política simulada – uma análise comparada com o Jornal da Record (mar.-ago. 1998). In: LIMA, Venício de A. **Mídia: teoria e política**. 2.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 269-339, 2004.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**. São Paulo: Hucitec, 1987. [Coleção Os Pensadores].

MAGALHÃES, Belmira. **O acontecimento discursivo que reforça a individualidade autônoma e poderosa no discurso contemporâneo**. Maceió: 2011. [no prelo]

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

MARX, Karl. “Debates sobre a liberdade de imprensa e comunicação”. In: **Liberdade de imprensa**. Tradução de Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: L&PM, p.11-90, 2010.

_____; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MELO, Katia. **Discurso, consenso e conflito: a (re)significação da profissão docente no Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2011.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. John Locke e o individualismo liberal. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006, v.1, p.79-110.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

NASCIMENTO, Milton Meira do. Rousseau: da servidão à liberdade. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006, v.1, p.187-241.

NOVELLI, Ana Lucia. O Projeto Folha e a negação do quarto poder. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1983.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001a.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001b.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 311-318, 1990a.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 61-105, 1990b.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, p. 177-192, 2011.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p.163-252, 1990.

PLANTIN, Christian. **L'argumentation**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

PRINCÍPIOS editoriais das Organizações Globo. **Portal G1**. Disponível em <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#diante-do-publico>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

PROVÉRBIOS. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave Maria, 2003.

QUIRINO, Célia Galvão. Tocqueville: sobre a igualdade e a liberdade. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006, v.2, p.149-160.

RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza. **Nas ondas do rádio, o movimento dos sentidos**: o discurso da CBN. 2007. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

RAMIRES, Sylvio Marinho da Pureza; PARNAÍBA, Luziene Corrêa. A Educação financeira como prática ideológica da mídia no Brasil. Trabalho apresentado **no IV Seminário Internacional, Direitos Humanos, Violência e Pobreza**: a situação de crianças e adolescentes na América Latina, UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

RANGEL, Heder Cleber de Castro. **Nossos comerciais, por favor!**: uma análise discursiva sobre a linguagem publicitária. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

REDE Globo de Televisão. **Globo Repórter**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/>>. Acesso em: 16 mai. 2011.

RESENDE, Ana Cláudia de Freitas. **Globo Repórter**: um encontro entre cineastas e a televisão. 2005. 348f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)– Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VPQZ-75VJZT/globo_repp_rter__um_encontro_enre_cineastas_e_a_televis_o_.pdf;jsessionid=98CD53F77BD4057A101BF040031E1E38?sequence=1>. Acesso em: 16 mai. 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. **Ao leitor sem medo**: Hobbes escrevendo contra seu tempo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. [Coleção Humanitas].

_____. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006, v.1, p.51-77.

ROUSSEU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. [Coleção Os Pensadores].

SAMPAIO, Getúlio Pinto. **Teoria do sucesso**: empreendedorismo e felicidade. São Paulo: Nobel, 2006.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SEBRAE – História da Clarissa: Arlindo Cruz. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=D_-SZ-32n4Y>. Acesso em 20 nov. 2011

SÓSTENES, Gabriela. **Análise das variantes segmentais na fala de telejornalistas de quatro capitais brasileiras**. 2008. 102f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

SILVA, Zander Campos da. **Dicionário de marketing e propoaganda**. Goiânia: Referência, 2000.

SILVA SOBRINHO, Helson. **Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica**. Maceió: EDUFAL, 2007.

TONET, Ivo. **Democracia ou liberdade?** Maceió: EDUFAL, 1997.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América: leis e costumes**. Livro 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANEXO A – Princípios Editoriais das Organizações Globo

Desde 1925, quando *O Globo* foi fundado por Irineu Marinho, as empresas jornalísticas das Organizações Globo, comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho, agem de acordo com princípios que as conduziram a posições de grande sucesso: o êxito é decorrência direta do bom jornalismo que praticam. Certamente houve erros, mas a posição de sucesso em que se encontram hoje mostra que os acertos foram em maior número. Tais princípios foram praticados por gerações e gerações de maneira intuitiva, sem que estivessem formalizados ordenadamente num código. Cada uma de nossas redações sempre esteve imbuída deles, e todas puderam, até aqui, se pautar por eles. Por que, então, formalizá-los neste documento?

Com a consolidação da Era Digital, em que o indivíduo isolado tem facilmente acesso a uma audiência potencialmente ampla para divulgar o que quer que seja, nota-se certa confusão entre o que é ou não jornalismo, quem é ou não jornalista, como se deve ou não proceder quando se tem em mente produzir informação de qualidade. A Era Digital é absolutamente bem-vinda, e, mais ainda, essa multidão de indivíduos (isolados ou mesmo em grupo) que utiliza a internet para se comunicar e se expressar livremente.

Ao mesmo tempo, porém, ela obriga a que todas as empresas que se dedicam a fazer jornalismo expressem de maneira formal os princípios que seguem cotidianamente. O objetivo é não somente diferenciar-se, mas facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos, permitindo, de forma transparente, que qualquer um verifique se a prática é condizente com a crença. As Organizações Globo, diante dessa necessidade, oferecem ao público o documento “Princípios Editoriais das Organizações Globo”.

É possível que, para a maioria, ele não traga novidades. Se isso acontecer, será algo positivo: um sinal de que a maior parte das pessoas reconhece uma informação de qualidade, mesmo neste mundo em que basta ter um computador conectado à internet para se comunicar.

Desde logo, é preciso esclarecer que não se tratou de elaborar um manual de redação. O que se pretendeu foi explicitar o que é imprescindível ao exercício, com integridade, da prática jornalística, para que, a partir dessa base, os veículos das Organizações Globo possam atualizar ou construir os seus manuais, consideradas as especificidades de cada um. O trabalho tem o preâmbulo “Breve definição de jornalismo” e três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público,

dos colegas e do veículo para o qual trabalha; c) Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo.

O documento resultou de muita reflexão, e sua matéria-prima foi a nossa experiência cotidiana de quase nove décadas. Levou em conta os nossos acertos, para que sejam reiterados, mas também os nossos erros, para que seja possível evitá-los. O que nele está escrito é um compromisso com o público, que agora assinamos em nosso nome e de nossos filhos e netos.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2011

Roberto Irineu Marinho

João Roberto Marinho

José Roberto Marinho

ANEXO B – Matéria sobre declaração do Ministro da Administração interna de Portugal, Miguel Macedo

Ministro da Administração Interna Cigarras e formigas foi "homenagem a trabalhadores"

Por Lusa, publicado por Helena Tecedeiro
24/9/2012

O ministro da Administração Interna afirmou hoje que quando disse que havia muitas cigarras e poucas formigas em Portugal referia-se, "em especial", aos trabalhadores por conta de outrem e aos pequenos e médios empresários, comerciantes e agricultores.

"Aquilo que quis significar com aquela declaração foi uma homenagem ao trabalho de todos aqueles que criam riqueza no país", disse Miguel Macedo, em Lisboa, à saída da cerimónia onde foi assinado um protocolo para apoio a refugiados e requerentes de asilo em Portugal.

No domingo, o ministro disse, na inauguração de um quartel de bombeiros em Campia, Vouzela, que Portugal "não pode continuar um país de muitas cigarras e poucas formigas".

Hoje, quando interrogado pelos jornalistas sobre o que queria dizer com a declaração feita no distrito de Viseu, Miguel Macedo disse que se referia "aos trabalhadores por conta de outrem e aos pequenos e médios empresários, comerciantes e agricultores, que, pelo trabalho de formiga que todos os dias fazem, criam riqueza, mantêm empregos e criam postos de trabalho em Portugal".

"Quis ao mesmo tempo sublinhar que em fase das dificuldades em que estamos -- mas também porque é uma evidente necessidade do país -- nós temos, em homenagem ao trabalho desses muitos portugueses, que fazer reformas que ajudem o país a criar bases sustentáveis de crescimento e enriquecimento futuro", acrescentou o ministro antes de retirar sem responder a quaisquer outras questões dos jornalistas.

http://www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=2788260

ANEXO C – Artigo sobre Resiliência

GILBERTO DIMENSTEIN

16/03/2009

O fenômeno Ronaldo

O desempenho do jogador nos últimos jogos provocou interesse e gerou especulações de uma vaga na seleção

Na noite da quarta-feira passada, Ronaldo voltava a brilhar com a camisa do Corinthians, enquanto o João Carlos Martins conseguia tocar piano com os dedos da mão esquerda. O jogador com o pé e o pianista com a mão, em ambientes tão distintos, com o barulho do estádio de futebol e a silenciosa sala de concertos, foram cercados pela admiração da plateia. Especialista em educação, o psiquiatra Içami Tima diz que foram mostrados, naquela noite, dois exemplos de resiliência, a capacidade de superar adversidades - a resiliência, na visão dele, deveria ser um dos principais pontos a serem debatidos por pais e professores se quiserem ver a prosperidade de seus filhos e alunos. "Um dos nossos males é a falta de resiliência dos jovens, a fragilidade para lidar com a frustração."

O desempenho de Ronaldo nos dois últimos jogos do Corinthians provocou um interesse em todo o país, em meio a especulações de que talvez, quem sabe, ele tenha uma vaga na seleção - uma hipótese impensável até poucos dias atrás. Ronaldo sofreu três contusões e, por muito tempo, ficou no limbo, lembrado mais por seu peso ou por escândalos sexuais. Para voltar a mexer os dedos da mão esquerda, João Carlos se submeteu a dolorosas operações. Não faz muito tempo, aquele que era considerado um dos melhores intérpretes perdeu o movimento das mãos e, como Ronaldo, teve seu nome ligado a escândalos - no caso do pianista, a ligação era com verbas escusas das campanhas de Paulo Maluf. Tantas operações e escândalos teriam acabado com muitas carreiras, mas o jogador e o pianista são salvos por um heroísmo pessoal de quem não se deixa abater - apesar de perder as batalhas. Assim, na quarta-feira, João Carlos estava executando a "Heroica", de Beethoven - um compositor que, apesar de perder a audiência, não perdeu a música.

Para Içami Tiba, a resiliência não é um traço genético, mas um comportamento aprendido, a começar na convivência familiar. Parte dessa percepção se deve à sua herança japonesa. "Entre os japoneses, é normal se falar a palavra aguentar." A resiliência dos imigrantes e migrantes diminui, porém, quando as novas gerações já nascem cercadas de conforto e a garra se dilui.

Para o psiquiatra, o problema estaria se agravando, com um excesso de indulgência dos pais e educadores. "O pior que um pai poder fazer pelo filho é tentar fazer tudo por ele. Será um adulto fraco e com pouca habilidade de lidar com a frustração." Volta-se à discussão sobre os perigos da falta de limite. A psicóloga Rosely Sayão concorda com a ideia de que a resiliência é essencialmente construída. Trabalhando com pais e estudantes, ela tem observado que aqueles que desenvolvem desde cedo a autonomia também são mais resilientes.

"Isso explica as dificuldades de crianças mimadas quando se tornam adultas." Ela está espantada como muitos educadores nem sequer sabem o significado da palavra resiliência, há décadas um objeto de estudo de psicólogos. Há dez anos, na minha coluna da quarta-feira, tenho falando de pessoas que fazem a diferença na cidade de São Paulo - ou seja,

gente que, para chegar lá, apanhou de todos os lados. Um traço óbvio delas é a autonomia precoce. Na semana passada, minha personagem foi Gica Mesiara, nascida na periferia e estudante de escola pública que, para atingir seu sonho de ser paisagista, perdeu o cabelo. "É o meu troféu", orgulha-se.

Há, na sociedade, um culto ao prazer - e um prazer em tempo real, traduzido em consumo. O aprendizado tanto dentro como fora da escola implica necessariamente desgaste e aborrecimento em nome de um projeto futuro. É mais um entre tantos obstáculos para se combater o abuso com álcool e drogas. A reverência excessiva ao mundo das celebridades (a maioria delas nunca fez nada que preste) transmite a mensagem de que alguém vale não pelo que faz, mas por quanto aparece.

O resultado aparece, por exemplo, quando os alunos se frustram na universidade, porque, afinal, são obrigados a focar com mais profundidade no assunto. Ou na rejeição a livros e obras de artes mais complexas, que exigem raciocínio. Ou, pior, quando são obrigados a lidar com a disciplina do trabalho.

Entre educadores, imagina-se até que, com truques tecnológicos, se poderia levar o aluno a aprender como se não aprendesse, apenas se divertiria. É algo parecido a supor que se pode perder peso alegremente, sem dieta e exercício. Olhar-se no espelho e sentir o corpo esbelto dá prazer, mas a caminhada, na balança, é um sacrifício.

Prova disso é que, se Ronaldo não se esforçar no treino (e na balança), ele voltará a ser lembrado mais pelo peso do que pelos gols. E deixará de significar qualquer fenômeno.

PS - O termo resiliência foi importado da física pela psicologia - é o poder dos materiais de voltar ao estado natural depois de um choque. É uma área de estudos especialmente valiosa para sociedades que passaram ou passam pela violência.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd160309.htm>>. Acesso em: 21 set. 2011.

ANEXO D – Reportagens *Globo Repórter*

Edição 20/03/09

Emprego Temporário

Em alguns meses, dinheiro para o ano todo

Você trocaria o Nordeste, região de belas praias, para trabalhar em um canavial no Centro-Oeste brasileiro e suportar temperaturas de quase 40°C? O operador de máquina Genivaldo Antônio da Silva aceitou. Gostou tanto que levou até o irmão. Os dois estão trabalhando juntos este ano na colheita da safra.

"Venho há dois anos e já me acostumei. É uma beleza. Vale a pena porque nós ganhamos bem", comemora o operador de máquina Edivaldo Gama da Silva.

Com o que receberam no ano passado, os irmãos nordestinos conseguiram até comprar uma casinha em Pernambuco. É graças a esse trabalho temporário que eles ajudam no sustento da família e ainda garantem belas férias.

"Acho que este ano vou ficar uns meses parado para descansar um pouco", planeja Edivaldo. Afinal, a jornada não é fácil. São dez, doze horas por dia.

"Trabalho de sete a oito meses. Depois vou embora para casa", conta Genivaldo.

A safra dita o ritmo de trabalho. E não há tempo a perder. O piloto agrícola Jorge Luís Manarelli acabou de chegar de São Paulo para aproveitar o momento. Durante seis meses, vai voar sobre os canaviais de Mato Grosso para pulverizar as lavouras.

"É importante porque eu tenho minhas filhas estudando e elas dependem de mim. Se eu não voar, não tenho como dar estudo para elas", diz o piloto.

Parece que vale a pena. Há 14 anos, o piloto agrícola Antônio da Silva também vai para a região em busca de emprego temporário. "Trabalhamos oito meses para ganhar o ano todo", calcula.

Nesta época do ano, em que um mar verde toma conta das propriedades, novos empregos surgem em Mato Grosso. Gente de outras regiões do país vão para lá em busca de trabalho. Agrônomos recém-formados também têm a chance de arrumar o primeiro emprego começando como temporários nas grandes fazendas do Centro-Oeste. Igor Henrique da Silva e Rodrigo Suzuki chegaram de São Paulo.

"O Sudeste já está muito cheio. Isso faz com que a gente tenha que vir para cá", justifica Igor.

"Caso não dê certo aqui, eu pretendo percorrer novas regiões que estão crescendo, como Bahia, norte do Tocantins, Roraima, Rondônia. A agricultura está crescendo nessas áreas agora", revela Rodrigo.

O agronegócio leva muitos trabalhadores temporários para o coração do Brasil. Mas é preciso saber que nem sempre é fácil ficar longe de casa.

"Está um pouco apertado. Fico contando os dias e as horas para ir embora para casa. Estou com bastante saudade da minha mãe", conta Edivaldo.

Genivaldo deixou mulher e dois filhos para ir para lá. "É muita saudade dos meninos", desabafa. Mas o contrato tem hora para acabar: até a próxima safra.

Linhaça

Feijão com linhaça fica ainda mais nutritivo

Nutricionista ensina a acrescentar farinha da semente para o prato preferido dos brasileiros ficar ainda mais saudável. Veja também como preparar pão com farinha de trigo integral e linhaça.

Farinha de linhaça fortifica feijão

Cientistas confirmam que o prato que todo mundo gosta é também o mais saudável. Acrescentando farinha de linhaça e sal de ervas ao tempero, receita fica ainda mais saudável para hipertensos.

Gado que come linhaça produz carne mais saudável

Sete mil produtores da França estão usando a semente como complemento alimentar das vacas. O leite e a carne ficaram mais nutritivos e ricos em ômega-3. Além disso, animais precisam de menos remédios.

Pão com linhaça é receita de sucesso para comerciante da Região Serrana do Rio

Ricardo Gonzalez perdeu tudo em uma enchente que atingiu a cidade de Petrópolis em janeiro de 2003. Ele passou noites e noites em claro pesquisando receitas na internet, até que achou uma bem simples e barata. O pão da sorte, como é chamado pelo comerciante, tirou a família do sufoco. Dois pães de linhaça custam R\$ 3 e rendem, mais ou menos, 12 fatias. Isso corresponde a um café da manhã para seis pessoas.

Veja como preparar pão integral de trigo com linhaça

Receita ajudou o comerciante Ricardo Gonzalez a sustentar a família durante crise. Grande vantagem, segundo ele, é que a massa não precisa ser sovada. Linhaça ajuda a prevenir o envelhecimento precoce e as doenças degenerativas.

Comerciante revela receita para sustentar a família

Ricardo Gonzalez vende pães artesanais para recuperar tudo o que perdeu em uma enchente. Em Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, vive Ricardo Gonzalez, um homem que tinha tudo para nunca descobrir o significado da palavra crise, pelo menos até janeiro de 2003, quando uma enchente atingiu a cidade. "Foi um temporal, como eu nunca tinha visto. A janela vibrava. Era uma coisa muito ensurdecadora. Foi uma coisa que nunca aconteceu", lembra. Bem na calçada em frente, havia uma loja de ração para animais, que era o ganha-pão de Ricardo. A água que fez os dois rios transbordarem deixou a loja inundada. "Foi uma destruição total. Foram 23 anos da minha vida destruídos. Não tinha mesmo o que fazer", conta.

A vida é mesmo assim: tudo pode mudar de uma hora para outra. Acontece com tanta gente e por tantos motivos, como a perda de um emprego ou alguém da família que fica doente. No caso de Ricardo, foi o rio que mudou o rumo da vida dele. Naquela noite, a água só não levou a vontade de vencer as dificuldades e a coragem para recomeçar.

E ele está em pleno recomeço. Nos últimos seis anos, foram muitas tentativas e um turbilhão de acontecimentos: a separação da mulher com quem teve uma filha, o novo casamento – com Patrícia Carvalho – e a chegada de Renzo há um ano. Que período difícil!

"Graças a Deus, meu filho Renzo nasceu. Mas um filho gera despesas. Eu vou ser sincero: tive dias em que eu precisava de R\$ 2 ou R\$ 3 para ir à padaria comprar pão e não tinha esse dinheiro disponível", recorda Ricardo.

Imagine a angústia que ele sentiu! Mas dizem que a dificuldade é boa conselheira. E foi aí que Ricardo teve a ideia: se não dá para comprar pão, que tal fazer pão? Foram noites e noites em claro pesquisando receitas na internet, até que ele achou uma bem simples e barata. Só era preciso água, sal, fermento, farinha de trigo e boa vontade para tentar.

"Quando eu tirei do forno, foi uma sensação de retorno e satisfação pessoal, principalmente por ser pão, que é uma coisa divina e sagrada. O pão é uma coisa que tem uma simbologia", diz Ricardo.

Para essa família, foi o milagre da multiplicação. Mas ainda faltava dinheiro. E, mais uma vez, da necessidade nasceu uma boa ideia. Patrícia e Ricardo começaram a vender o pãozinho para os vizinhos e para os amigos e foram testando novas receitas. Logo a notícia correu de boca em boca. E devagar, devagarinho, ele conquistou uma boa freguesia no centro histórico de Petrópolis.

"Esse é o melhor pão da cidade de Petrópolis", elogia o corretor de imóveis Antônio Carneiro Melo.

"O pão de banana é maravilhoso. É muito bom. Você vê que é artesanal, feito com capricho. Se você pegar o bolo dele, você vê pelo peso que não é uma massa socada. Vem recheado", diz a jornalista Regina Vanzillotta.

Elogios não faltam. Pelas contas de Ricardo, ele vende até 500 pães por mês, de 30 tipos diferentes. Mas o xodó é mesmo aquele primeiro, o que tirou a família do sufoco. Uma espécie de amuleto, o pão da sorte, que custa bem pouco.

Dois pães de linhaça custam R\$ 3 e rendem, mais ou menos, 12 fatias. Isso corresponde a um café da manhã para seis pessoas.

"E, além de tudo, é gostoso. Podemos chamar de pão da salvação – da minha salvação", conclui Ricardo.

O casal ainda enfrenta dificuldades, mas agora, pelo menos, já dá para sonhar.

"Com certeza, a gente vai dar continuidade. Vamos estudar bastante para nos aperfeiçoarmos. O sonho maior", revela Patrícia, mulher de Ricardo.

O projeto é ter uma padaria de pães artesanais. Se eles vão conseguir, só o tempo dirá. Mas Ricardo quer um futuro para Renzo. Ele confia no espírito de luta herdado dos avós, que vieram da Espanha, para construir uma nova vida no Brasil, e está decidido a ter de volta o que rio levou.

"Meu sonho é seguir o exemplo que foi deixado pela minha família e pelos meus antepassados e honrar a história deles – a história de garra, de desejo de crescer, de desenvolver e de chegar a um futuro muito bonito", finaliza Ricardo.

"Para nós, vencer a crise significa trabalhar muito", acrescenta Patrícia.

Caminhos da comida

Edição de 11/09/09

Peixe é comercializado vivo na Ceagesp

Piscicultor enche tanques com pacus e viaja mais de 200 quilômetros até a "cidade dos alimentos". Diariamente, 10 mil toneladas de verduras, flores e pescados são negociados na central.

JOSÉ RAIMUNDO São Paulo

"Toda vez que compramos nectarina, é uma loteria. Precisamos de sorte na hora de comprar", conta a advogada Nabiha Bonassa.

É sempre um drama. Quem mora na Região Norte do Brasil não tem muita escolha: ou come apenas as frutas regionais durante a safra, ou paga caro pelas frutas importadas – e ainda corre o risco.

"A verdadeira nectarina é aquela que quando você corta sai um sucozinho que até molha a mão um pouco. Já comprei uma fruta dessas por R\$ 4,5 a unidade", conta a advogada Maria Helena Bonassa.

É o preço pela falta de produção local. Nectarinas, kiwi, maçã, pêra são delícias que Manaus compra em São Paulo, na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), o lugar por onde passa boa parte de tudo o que se come no Brasil.

A Ceagesp é tida na Europa como o mais importante centro de distribuição de frutas e legumes do mundo. Em tamanho, ocupa o terceiro lugar, perdendo apenas para Paris e Nova York. Só do alto dá para se ter uma idéia de onde começa e termina a área gigante de 700 mil metros quadrados. É uma cidade que não fecha nunca, funciona 24 horas, de segunda a segunda.

Ao todo, 44 ruas ligam os prédios por onde circulam, todos os dias, 50 mil pessoas; 7 mil caminhões; 3 mil carros; mais de 3 mil carregadores; e 3 mil empresários, entre produtores, vendedores, varejistas e atacadistas.

O volume do comércio realizado na Ceagesp diariamente é de 10 mil toneladas. Verduras, legumes, flores e pescados são responsáveis por quase a metade das vendas. Mas são as frutas o carro-chefe dos negócios. Representam mais de 50% do faturamento, que, no ano passado, chegou perto dos R\$ 5 bilhões.

É muita comida: frutas, legumes, verduras, toneladas de pescados. A cidade que tem dois rios poluídos – e não tem praia – compra até peixe vivo. Afinal, comida também é lazer. E nem tente convencer esses homens do contrário.

"Nosso estilo é a pesca esportiva. A gente só pesca; não leva", diz o promotor de vendas Daniel dos Santos.

Programão de fim de semana. Atração no mercado de pescados da Ceagesp. Os pacus são o ganha-pão de Toninho Pereira, um ex-pecuarista do interior de São Paulo. Cinco anos atrás ele trocou 1,1 mil cabeças de gado por um projeto de piscicultura que já tem 14 tanques.

"Um tanque tem 7,48 mil peixes. Outro tem 33 mil alevinos de pacu", conta o piscicultor.

No mesmo espaço necessário para produzir 30 quilos de carne bovina ele tira 10 toneladas de peixe. Mas orgulho mesmo é pela preservação do pedaço de Mata Atlântica que lhe pertence.

"A pastagem faz a compactação do solo. Por causa do declive, quando o gado anda, acaba levando terra para baixo. Hoje, 50% da mata já estão praticamente regenerados", diz Toninho, que uma vez por semana enche os tanques com pacus e viaja mais de 200 quilômetros para vender os peixes na Ceagesp. E detalhe: vão todos vivos, apesar da trabalhadeira que dá.

"Se deixar só água, em dez minutos ele começa a boquear. Tem que oxigenar para não comprometer a vida do peixe e, automaticamente, a qualidade da carne. Eu não trabalho com peixe morto. Também não gosto de abater o peixe na propriedade. Então, peguei esse nicho de mercado de peixe vivo", explica Toninho.

Mas, na Ceagesp, Toninho tem comprador certo para os pacus que vão direto para o forno. Ele chega na hora mais movimentada do mercado de peixes, às 2h. Lá dentro, o burburinho reflete os números: mais de 1,5 mil pessoas circulam pelo galpão até as 6h. A mercadoria vem do mar e dos rios, de Sul a Norte do Brasil e até do Chile, da Argentina e do Uruguai.

Em uma segunda-feira, dia de maior movimento, o mercado chega a receber 350 mil quilos de pescado. A menor parte é distribuída para as outras regiões do Brasil, porque só o estado de São Paulo consome 70%.

Feirantes, comerciantes, donos de restaurantes, donas de casa. É tanto movimento que falta espaço para os carregadores – e sobra animação para virar a noite sem pegar no sono.

"O barulho é da rapaziada. Aqui estamos todos em casa", conta o vendedor José Cavalcanti, que trabalha há 32 anos no mercado.

Todos se conhecem de longa data. Um dos mais antigos atacadistas é o empresário Cenobo Yamaya, o popular Zezinho. "Por dia, vendo mais ou menos 25 toneladas de peixe", diz. Dá um caminhão de peixe por dia. E dá um trabalho! Aos 70 anos de idade, seu Zezinho ainda troca a noite pelo dia para poder trabalhar. E – que remédio? – faz sua caminhada no parque diariamente às 13h, antes de cair no sono em casa. "Eu prefiro peixe, sem dúvida nenhuma. Gosto muito", revela o empresário.

Atum é o preferido dos empresários José Carlos Mota e Paulo Campos de Oliveira, proprietários de dois restaurantes de comida japonesa. Eles também viram a noite na Ceagesp, pelo menos duas vezes por semana, para manter a cozinha abastecida.

"Não podemos trabalhar sem atum. Se não tiver atum, os clientes voltam. Vendemos tudo, não desperdiçamos nada", diz José Carlos.

Paulo diz o que pensa quando lembra o percurso que o atum faz do Rio Grande do Norte a São Paulo: "É como se eu estivesse vindo da minha terra. Praticamente, a mesma distância".

Longe ficou a origem desses dois. Eram lavradores: Paulo, no Pará; e José Carlos, na Bahia. Dez anos atrás, se conheceram em São Paulo, lavando pratos em um restaurante. Enquanto progrediam na cozinha, fizeram amizade – e planos: sonhavam ser patrão. Agora, José Carlos trabalha até mais do que antes na bancada de sushi e sashimi. Paulo também, preparando os pratos quentes. Mas ninguém tem do que reclamar.

Paulo revela que o próximo plano é montar mais um restaurante. "O atum entra como sócio", diverte-se.

O mesmo sucesso do atum no rodízio de comida japonesa tem a sardinha na feira-livre. Itajaí, no litoral catarinense, e Angra dos Reis, no Rio, são as regiões que mais pescam sardinha no Brasil. E ela pode ser comprada fresca durante quase todo o ano, menos nos meses de junho e julho quando é época de reprodução e a pesca fica proibida. Quando acaba o defeso, a sardinha chega fresca na feira. É tudo muito rápido.

"Eu vendo, em média, 200 quilos de sardinha. É uma venda boa", contabiliza o feirante Ricardo Bufoni. Isso porque o consumo de peixe no Brasil é baixíssimo: em média, meio quilo por pessoa, durante um mês. Mas muito mais do que o paladar, é o preço que define o consumo.

"Hoje, o preço mais em conta que temos é da sardinha mesmo: R\$ 4 o quilo", conta Ricardo.

Depois de tirar a espinha, é um prato que pode ser preparado de várias maneiras.

"Eu gosto mais dela refogada porque acho mais saudável", diz a professora Sônia Araújo.

"Frita não, porque eu cortei as frituras lá em casa. Mas faço assada na brasa ou na panela de pressão. Eu coloco bastante cebola, pimentão, tomate e cheiro-verde em camadas. Por fim, joga um bom azeite e ponho na panela de pressão, para ela ficar bem cozida. Ela é conservada no molho e fica ótima", ensina a esteticista Maria Emília dos Santos.

Deve ficar uma delícia mesmo. E nem precisa de panela de pressão. A sardinha refogada que Sônia faz, pelo menos três vezes por semana, não dá trabalho nenhum e é daqueles pratos para comer sem remorso. Tempero pronto – preparado com sal, alho e cebola –, cheiro-verde, tomate, mais cebola, azeite e apenas 20 minutos de espera.

A professora se surpreende ao saber que a sardinha vendida na Ceagesp é pescada no litoral de Santa Catarina. "Nossa, que chique! Nós estamos comendo sardinha de Santa Catarina", comenta.

Emprego temporário

Edição de 14/11/08

De temporário a permanente

Jovem gaúcho consegue vaga para o de fim de ano, se consagra como vendedor e vira gerente.

Cair, ter que remar de novo e procurar outra onda, outra chance de acertar. Aos 23 anos, sem dinheiro e sem emprego, André Moreira César tentava se manter na superfície. Mas a vida estava em um redemoinho. "Eu tive que trancar a faculdade por causa da grana", conta.

E o tão desejado diploma na faculdade de administração ia ficando para trás. O emprego temporário como vendedor em uma loja de artigos para surfe podia ser uma saída. Mas a idéia não entusiasmava.

"É difícil alguém, dentro da faculdade, planejar trabalhar em uma loja. Não é o emprego mais procurado. O sonho era outro", conta André, que, mesmo assim, arriscou. O primeiro desafio foi escrever o currículo. Sem experiência para oferecer, ele tentou conquistar pelas próprias qualidades.

"Com as minhas características: ter atitude, vontade de vencer, trabalhar em equipe, correr atrás dos objetivos propostos", explica André.

E não é que ele conseguiu a vaga? O trabalho temporário começou exatamente nesta época do ano: as semanas que antecedem o Natal. Mas tinha prazo para terminar. Em março, as pranchas da vitrine ficariam para trás e André teria que pensar novamente o que fazer do futuro.

O surfista podia simplesmente se deixar levar pela onda, mas algo inesperado aconteceu: André começou a gostar de vender. "Eu sempre me relacionei muito bem com as pessoas. Comecei a gostar de ter contato com o cliente. Como eu já me identificava com o produto, tinha facilidade de falar", explica.

Dedicação a cada cliente. E sempre de olho nas metas, segredo para quem tem poucos meses para causar uma boa impressão.

"É o momento de mostrar todo o seu talento. E não existe reconhecimento sem muito esforço. Tem que se esforçar, ser flexível, querer aprender. E mostrar isso. Tem que estar motivado, tentar se relacionar com as pessoas e mostrar o seu comprometimento", orienta Tatiana Zaffari, especialista em recursos humanos.

Entre dez empregados temporários, André foi o que mais vendeu. Ele ficou em quinto lugar entre todos os vendedores da loja e chamou a atenção dos patrões. Quando o fim do contrato chegou, o que era temporário virou permanente.

"Um bom candidato abre uma vaga. Não importa se a empresa está precisando ou não, ele vai ocupar aquele espaço e vai ficar", diz Ângela Schifino, gerente de recursos humanos.

Ficar e crescer. André se apaixonou pela profissão. De vendedor, passou a supervisor. Hoje, ele é gerente e treina os novos funcionários. A vida profissional devolveu o sonho. André pôde voltar para a sala de aula. A formatura é em janeiro. Com o novo salário, ele já tem até um mestrado nos planos. Lembra o jovem que não queria ser vendedor? O sucesso faz muita diferença!

"Eu acordo disposto, contente, feliz. A idéia é continuar onde eu estou hoje, pensando no futuro", planeja André.

O valor do dinheiro

Edição de 23/10/09

Brasileiros mostram que é possível transformar sonhos em realidade

Com criatividade, disciplina e coragem, muitos conseguem, por exemplo, comprar a casa própria.

A casa dos pais da técnica em contabilidade Daiane do Nascimento, no Nordeste, era construída com o barro do chão e o suor do rosto. A nova é erguida na base do crédito, do trabalho e da coragem de agir no momento certo.

"Eu também tenho um dedinho nessa história de luta, de determinação", diz Daiane.

Sucesso nenhum vem de graça. Para chegar lá é preciso trabalhar muito. Desanimar, jamais! E enxergar além daquilo que os nossos olhos costumam ver.

"Se você não acreditar em você, ninguém mais vai acreditar. É preciso acreditar e traçar uma meta. Você tem que ter uma meta de vida", aconselha o metalúrgico Luciano Rocha.

Com o dedinho de um e a economia do outro, a casa própria se transforma na realização de um desejo que é coletivo, de toda família. Nela cabe a saudade do marido que se foi.

"Até hoje, tem coisas que eu vou fazer, comida que eu vou fazer, o travesseiro que vou arrumar e ainda lembro do meu marido, do jeito que ele gostava, do lado que ele gostava na cama. Fico conversando sozinha, como se ele pudesse me ouvir em algum lugar, mas com o nosso sonho realizado", conta a psicóloga Renata Brito.

As dificuldades podem ser imensas, mas a vontade de vencer deve ser maior ainda.

"A gente tem que planejar, desde uma viagem até uma ida ao shopping, tudo tem que ser planejado", alerta a nutricionista Milaine Felix.

A vida amanhã vai recompensar o esforço que você fizer hoje.

"O controle é para você ir à praia, passear, se divertir com a cabeça tranquila, sem estar devendo", ensina o técnico de planejamento Elízio Procópio.

"Você não precisa roubar, lesar ninguém, só precisa ser honesto naquilo que faz", diz a comerciante Maria Ângela Rocha.

Ser honesto e estudar muito. Tanta gente já ouviu esse conselho. Bom é ver jovens praticando, repetindo e indo além.

"Por mais que estude, faça faculdade, uma pós, um mestrado, é nunca parar. Sem estudo não dá", conta a estudante de engenharia Diana da Silva.

E quem acredita e batalha pode ver as realizações. Na casa que ontem foi sonho, cabe tudo: o futuro dos filhos, as fantasias e os sonhos deles também.

Volta por cima

Edição de 18/12/09

Catador de lixo na infância vira respeitado engenheiro no Paraná

Estudo tirou Sérgio Fagundes da extrema pobreza e o transformou em alto executivo.

WILSON KIRSCHÉ Londrina (PR)

Na tela do computador, o profissional bem-sucedido toca mais um projeto importante.

"Eu sou engenheiro eletricitista", conta Sérgio Fagundes.

Em uma empresa de materiais recicláveis, um garoto vendia papel para ajudar a família. "Juntei uns 600 quilos", revelou certa vez. O menino que juntava papelão e o engenheiro são a mesma pessoa. Dois mundos separados por quase 30 anos de história.

"Acredito que sem aquela dificuldade talvez não tivesse tanta força para chegar aonde eu cheguei", explica o engenheiro.

No fim da década de 70, a família Fagundes – Sérgio, o pai, a mãe, seis irmãos mais novos – trocou a roça por Londrina, fugindo da pobreza. Mas a vida na cidade continuou difícil. O dinheiro era curto. Para reforçar o orçamento em casa, o filho mais velho foi para as ruas e virou catador de papel.

"Ele vinha todo dia buscar material. Quando não vinha à tarde, vinha de manhã", lembra o comerciante José Bernardi.

"Em um dia eu acumulava de 100 a até 300 quilos", lembra Sérgio.

O começo dessa trajetória foi registrado por acaso, em 1983. Uma equipe da Rede Paranaense, afiliada de Rede Globo, mostrava o comércio de produtos recicláveis. E o menino esforçado, de apenas 11 anos, chamou a atenção.

Quase 30 anos depois, Sérgio lembrou dessa história e entrou em contato com a emissora, pedindo cópia da reportagem. O material foi localizado nos arquivos e, em uma sessão especial, foi apresentado para a família. Na emoção de Sérgio, o conforto do filho. E a aflição revivida da mãe, a única que assistiu à reportagem naquela época.

"Meu coração caiu pelo chão. Aquele dia foi muito triste para mim. Chorei o dia inteiro. Eu tinha que tirar meu filho daquela vida, ele não podia ficar nessa vida de jeito nenhum", conta a mãe Helena Aparecida Fagundes.

Foi o primeiro passo para a mudança. "Se eu não ganhasse nada naquele dia, não importava. O importante era eu ir para a escola. A prioridade era a educação, ter conhecimento", explica Sérgio.

E observando um vizinho de vida bem mais confortável veio a decisão. "Procurei saber o que ele fazia e fiquei sabendo que ele era eletricitista e falei: 'É isso que vou ser'", conta.

E foi. Só que não se conformou com o primeiro diploma. Queria mais. “Continuei estudando , fiz o curso técnico. Fiz técnico em eletrotécnica. Passei a dar aula para curso profissionalizante industrial. Ministrei aulas por quatro anos. Após isso, fiz o curso de engenharia elétrica”, diz.

Adolescente, ele arrumou emprego em uma empresa do ramo. A mesma em que está há 20 anos. E a carreira deslanchou. Hoje Sérgio é o gerente de projetos.

“É um exemplo de vida muito importante para todo mundo usar como espelho e como referência. Mostra que uma pessoa de uma formação muito simples pode ter sucesso na vida”, afirma o diretor Hamilton Iranaga.

Por muitos anos, Sérgio preferiu não recordar os momentos difíceis da infância. Hoje, com orgulho, ele leva o filho até o centro de Londrina para recontar a sua história.

“Era um trabalho digno, porém de muito sacrifício, muito esforço. Eu tinha que ter força no braço”, lembra Sérgio. “Tive a oportunidade de ter isso registrado e isso fez a diferença, para mostrar que não é o dinheiro que faz a diferença e, sim, o sonho que a pessoa tem. O que deseja e tem no coração, ela conquista. Basta não desistir”.

Os novos aposentados do Brasil

Edição de 29/01/10

Empresário de 90 anos continua a frente de empresa que criou

Filho de imigrantes portugueses analfabetos, Sylvio Coelho é carioca e nasceu em uma favela. Hoje é dono de moinho na Baixada Fluminense.

Sessentões? Setentões? Que nada! Eles têm 80, mais de 90 anos. E o número não para de crescer. Já são mais de 21 milhões. Para eles existe um grande desafio: chegar lá com muita energia. Este é um dos motivos que fizeram de Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro, o bairro com a maior concentração de idosos do Brasil.

Que privilégio é desfrutar da beira de mar, com o ir e vir em busca do vigor físico. Esta é a receita infalível para um bom começo de dia, fonte de disposição. Com 91 anos, Sylvio Coelho conhece bem o significado dessa palavra. É um empresário que não perde tempo. Nas primeiras horas da manhã lá está ele: na luta.

E ele afirma: “Não há vitória sem luta”.

Sylvio é dono de um moinho na Baixada Fluminense. O sucesso demandou muito esforço. “Sou um lutador pela vida. Leio o jornal de manhã todos os dias, acompanho os noticiários todos. Pensar em parar, não posso”, explica o empresário.

Filho de imigrantes portugueses analfabetos, Sylvio é carioca: nasceu em uma favela. Mais um estímulo para uma vida de vitórias. “Não tenho medo de nada”, diz ele.

Foi assim que ele superou as dificuldades e as dores. Até a de perder um filho subitamente. Experiências que ele mesmo registrou nas páginas de um livro.

Sylvio explica o significado da frase ‘Querer é poder’, que está em seu livro: “O poder é nosso. É a nossa própria vontade de conseguir vencer”.

E como ele sonhou com o sucesso do moinho que construiu. Uma realização que inspeciona todos os dias.

Sylvio se alimenta bem, faz exames de saúde periódicos e se acha um moço. “Me julgo um simples aluno da vida”, diz o empresário.

É um aluno aplicado que não dispensa a tecnologia. Ele explica: “Tudo são desafios da vida de hoje”.

Ele acha que ainda falta aprender tudo. “Eu não sei nada!”, afirma o empresário.

Edição do dia 16/07/2010

Veja histórias de sucesso de motoboys que venceram na vida com a profissão

Rosa criou dois filhos com o trabalho. É uma chefe de família que venceu em um mundo de homens. Daniel também se orgulha da profissão. Como motoboy, comprou um carro, sua casa e sustenta a mulher e as filhas.

ISABELA ASSUMPCÃO São Paulo

Daniel Bastos se orgulha: nunca entrou no carro de resgate. Ele tem 31 anos e pilota desde os 18. Hoje, vê do alto, pela primeira vez, a cidade imensa onde trabalha.

"Daqui parece muito mais fácil. O duro é a selva lá embaixo, porque é bem uma selva, todo mundo com pressa, todo mundo correndo, ninguém tem tempo para nada, tudo para ontem. Uma cidade como São Paulo já não consegue mais funcionar sem motoboy. Então, se os motoboys pararem, a cidade para", aponta o rapaz.

Daniel já quis parar. Foi quando perdeu o melhor amigo, motoboy também. "Até hoje, quando eu passo na Rebouças, que foi onde ele morreu, eu sempre lembro. Eu passo lá quase todos os dias, quase todos os dias eu lembro. É coisa de emocionar. Toda vez, eu lembro dele", revela.

Sem outra opção de emprego, Daniel seguiu na moto. Em casa, tem mulher, duas filhas, mãe e sogra esperando por ele. São mulheres que só podem rezar enquanto esperam o chefe da família chegar ao fim do dia.

A dona de casa Kátia de Oliveira, mulher do Daniel, conta que nunca fica sossegada. E quando ele atrasa? "Eu já fico ligando. Ligo para o celular", diz.

"Começa a dar 18h30, 19h. Se não cheguei, o telefone já começa a tocar. Eu até entendo, porque, se fosse o contrário, eu também ficaria preocupado. Que nem as meninas. Quando elas vão para escola e elas não chegam naquele horário, a gente fica preocupado. É a mesma coisa comigo também", destaca o motoboy.

Daniel é funcionário há seis anos em uma grande empresa, com registro em carteira, condição que milhares de motoboys não têm. Tudo o que possui, construiu com o trabalho.

"Hoje, eu já tenho meu carrinho popular, tenho minha casa, minha moto. Então, deu certo. Desse jeito vai indo", revela Daniel.

Para Rosa, também deu certo. Respeitando o trânsito, ela nunca teve um acidente grave. Criou dois filhos, é uma chefe de família que venceu em um mundo de homens.

Os colegas de Rosa são só elogios. "É bom trabalhar com ela. Ela é divertida, engraçada", elogia Alex Pinheiro, de 24 anos. "Ela é competente, faz o serviço certinho, é bem profissional", reconhece Ricardo Rodrigues, de 25 anos. "Não deixa furo para trás. Bota muito motoqueiro no chão", afirma Cicinato de Lima, de 62 anos.

"A Rosa é como se fosse da família. Então, todo mundo trata ela normal, como se fosse um homem mesmo", aponta Edgar de Oliveira, de 28 anos, chefe da motogirl.

Fácil não é, mas ela acha graça até nas situações mais delicadas, como, por exemplo, quando é parada na rua em alguma blitz. “Eu nunca soltei o cabelo para fora do capacete. Então, você já para assim, põe a mão na moto. Aí, eles vêm e eu fico calada. Aí, quando você vira de frente, ele já olha assim desconfiado. Quando você tira o capacete, ele dá um passo para trás e fala: ‘me desculpa, bom dia, ou boa tarde’, já sério. Só que já revistou e tudo, e eu falo: ‘não esquenta, é normal mesmo’”, conta Rosa.

Estressada de corpo e alma, comendo qualquer coisa, em qualquer lugar, como Rosa consegue manter a forma? “Fechando a boca. Amo coxinha, mas não como mais, que a idade chegou”, diz a motogirl. E para proteger o rosto da poluição? “Passo hidratante, passo protetor solar todo dia. Mesmo assim, tem algumas manchas, porque o sol não perdoa”, ela dá a dica.

Edição do dia 23/07/2010

Alunos de 10 anos vendem cachorro-quente para viajarem nas férias

Especialistas garantem: educação financeira deve começar nos primeiros anos da vida. Em Americana (SP), uma escola já põe esse ensinamento na prática.

Cristina Maia Americana (SP)

Depois da separação no ano passado, a decoradora Marcela Argento precisou enfrentar com os filhos uma revolução na vida financeira: o orçamento foi reduzido a um terço.

"Mudou bastante coisa. Eu tinha um plano (de saúde) muito bom, em São Paulo. Hoje tenho que contar com a rede pública. A escola dos dois era particular. Na hora em que nós viemos para cá, o mais velho foi para escola pública e agora consegui colocá-lo na escola particular, com bolsa. O mais novo ainda não vai. Não tenho condições", desabafa Marcela.

Pedro, o filho de 7 anos, foi quem mais sentiu a mudança: "Ele queria a vida que ele tinha antes. Não queria a vida que estava agora. É muito difícil você ouvir isto de um filho. Porque ele tinha brinquedos, tinha os colegas e, de repente, tudo foi tirado dele", lembra.

Mas agora todos já estão se adaptando. A arquiteta, que nunca havia exercido a profissão, entra no mercado de trabalho cheia de novos projetos. Aos poucos, ela está conseguindo reforçar outros valores nos filhos.

Os nossos filhos começam a desejar já nos primeiros meses de vida. É justamente neste momento que, segundo os especialistas, a gente deve começar a trabalhar a educação econômica deles. Mas, independentemente da idade, os conceitos e os valores devem ser transmitidos e reforçados no dia a dia, para que eles sejam mesmo incorporados. Não é uma tarefa fácil. Exige disciplina e muita determinação. É um processo de aprendizado que precisa envolver as crianças.

Na infância, para compreender o significado de lucro e prejuízo e entender a importância de economia, só experimentando. Os alunos do quinto ano de uma escola de Americana, no interior de São Paulo, receberam um desafio: economizar dinheiro o ano inteiro.

"No final do ano, a gente vai ter um acampamento e é muito caro. Alguns pais não conseguem pagar", diz Henrique Sai, de 10 anos.

O desejo de todos é único: o acampamento em um parque ecológico. "É bem legal, porque a gente está vendendo uma coisa para conseguir o que a gente quer, que é ir ao acampamento", comenta Júlia Rodrigues, de 10 anos.

Os alunos precisam de R\$ 4,2 mil e já têm R\$ 2,2 mil. Na aula, eles fazem reajustes no preço, definem a margem de lucro.

"Podia diminuir o preço, porque as pessoas iam comprar mais", comenta Felipe Nebesnyj, de 10 anos.

E os alunos até abriram uma conta no banco para eles. “No início, vendíamos apenas pipoca e bidu. E era um valor baixo: R\$ 0,50. Demorava um pouco para eles terem lucro. Então, a gente combinou de vender o cachorro-quente, que dá um lucro maior”, conta a professora Ariádila Andrade.

Fora a preparação do lanche, que é feita por funcionários da escola, os alunos cuidam de tudo. Arrumam as mesas, montam o caixa, os pontos de venda, atendem os consumidores. A venda é feita uma vez por semana e faz sucesso entre os outros alunos.

No fim do dia, depois de contarem o dinheiro, precisam prestar contas dos ingredientes comprados pela escola. “Às vezes, eles brigam, porque eles não querem me pagar. Eles querem que o colégio assuma essa dívida”, diz a secretária financeira Regina Célia Mendes.

“Quando a gente recebia o dinheiro, a gente ficava com mais. Vinha a diretora com uma conta enorme, a gente pagava e perguntava: tem que pagar mesmo?”, conta Maria Júlia Rizato, de 10 anos.

A proposta foi apresentada ao colégio pela professora Maria Belintane Fermiano, da Unicamp. Por cinco anos, ela acompanhou alunos de 8 a 14 anos.

“Nossas crianças têm um perfil muito diferente do perfil de quando éramos crianças, porque nos não lidávamos tanto ou quase nada com o dinheiro. Eles, não. Eles já são clientes. Eles já têm um mercado voltado para eles. Eles precisam aprender”, afirma Maria Fermiano.

O primeiro passo, segundo ela, é a reflexão dos pais. Como distinguir desejos de consumo de necessidades reais? Quando eles reconhecem as diferenças, conseguem orientar os filhos. Fazer uma espécie de livro caixa com eles, anotando entrada e saída do dinheiro, ajuda a visualizar melhor os gastos.

“A escola vem como auxiliar, abrindo possibilidades desta educação econômica acontecer efetivamente”, afirma professora Maria Fermiano.

A decoradora Marcela Argento garante: o apoio da escola faz toda a diferença. “Antes, eu comprava e depois fazia a conta. Hoje, eu faço conta para comprar”, afirma.

Edição do dia 27/08/2010

Brasil é o segundo país mais estressado do mundo

No ranking, os brasileiros perdem apenas para o Japão. O trabalho é apontado como umas das principais causas do mal que atinge o país.

Rosane Marchetti Porto Alegre, RS

Você já notou que o dia parece ter cada vez menos horas? As ruas mais carros? Estamos sempre correndo e, mesmo assim, parece que falta tempo para tudo. O almoço é rapidinho e nos enche de culpa. Mas e a nossa saúde? Olhamos esse mundo tumultuado e percebemos que a tecnologia que está a nossa volta ajuda, e muito, a correr cada vez mais.

Cadê o sossego? A privacidade? Estamos cada vez mais ligados. Num caminho que pode levar facilmente ao estresse. Complicado é sair dele. Mas respire fundo e relaxe, porque pesquisadores seguem investigando as causas mais íntimas do problema que coloca o Brasil como o segundo país mais estressado do mundo. Só perdemos para o Japão.

E a causa para tanto estresse dos brasileiros é o trabalho.

“Sem dúvida nenhuma, no Brasil, o principal fator desencadeador de estresse é o estresse ocupacional. O estresse profissional, que afeta 69% da população brasileira. As pessoas estão cada vez mais desmotivadas e insatisfeitas com seu trabalho. Em primeiro lugar, a longa jornada de trabalho está afetando diretamente o estilo e a qualidade de vida das pessoas. As pessoas têm menos tempo. O dia continua tendo 24 horas, mas a média está sendo de 12 horas de trabalho por dia”, avalia a psicóloga do International Stress Management Association (ISMA-BR), Ana Maria Rossi.

No dia-a-dia feito de assaltos, sequestros e mortes, os profissionais que trabalham na área de segurança são os que têm o nível de estresse mais alto. Em segundo lugar, aparecem os motoristas de ônibus urbanos.

Todos os dias eles fazem tudo sempre igual. O caminho é o mesmo. E, com mais ou menos trânsito, há pressão para chegar no horário, em cada parada. Mas o motorista nunca pode descer, nem se precisar ir ao banheiro. Deve seguir a rota até o final da linha.

Em segundo lugar também estão os controladores de voos. Em terceiro, aparecem quatro categorias: executivos, que vivem a angústia de não conseguir manter o emprego. Profissionais da saúde, que fazem jornadas duplas, triplas. Operadores de telemarketing, que ganham a vida ouvindo, muitas vezes, desaforos de quem atende do outro lado da linha. E os bancários, cada vez mais assustados com os assaltos e a automatização dos bancos. Em quarto lugar vêm os professores, principalmente os que desempenham funções burocráticas.

A igreja é um lugar cheio de paz, tranquilidade, onde o tempo parece não ter pressa. É o sentimento que a maioria de nós tem quando entra em um desses templos religiosos. Mas por incrível que pareça é aqui que estão as pessoas que mais se estressam: padres e freiras não têm o nível de estresse mais elevado, mas são os que passam a maior parte do tempo estressados.

Culpa das cobranças, da falta de privacidade, do controle dos próprios fiéis. Mas eles, os padres e as freiras, têm uma arma poderosa para não deixar o problema virar doença: a fé. É ela que ajuda a manter equilíbrio, a aceitar, ter paciência e esperança.

“O padre, como as outras forças da sociedade, se preocupa em ajudar as demais pessoas. Mas é preciso olhar com carinho para quem cuida. Cuidar do cuidador”, desabafa o padre César Leandro Padilha.

Infelizmente não é todo mundo que tem fé, ou consegue respirar fundo e seguir em frente. Trocar o ritmo de vida, não é fácil. Uma pesquisa feita nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Belém mostrou que apenas 10% dos entrevistados conseguiram mudar de trabalho ou de carreira pelo bem da saúde.

“O desafio é que as pessoas querem mudar de vida porque elas notam que não estão bem, ou que não estão tendo o convívio com os familiares ou o estilo de vida que elas gostariam. Mas elas não querem deixar de ter nada do que elas têm”, afirma a psicóloga.

Nos homens a vontade de mudar acontece geralmente entre os 35 e 45 anos de idade. Nas mulheres o desejo de mudança vem bem mais cedo: entre os 25 e 35 anos.

“Cada vez mais a mulher está tendo posições executivas, sendo mais cobrada, ao mesmo tempo têm aquela vontade de ter filhos, ter uma família e ela fica naquela angústia, naquele dilema entre dar um tempo na sua profissão e talvez perder algumas oportunidades e poder ser mãe. E muitas vezes fazem as escolhas com muita culpa”, explica Ana Maria.

A comerciante Ilsi Gassen Boll não teve dúvidas. Deixou para trás uma carreira de sucesso na área de informática que lhe proporcionava um alto salário e trocou tudo por uma vida mais simples, mas bem mais tranquila.

Ela conta que valeu a pena: “eu estava muito bem profissionalmente, mas minha vida particular não estava tão boa. Eu comecei a perceber que estava ficando doente, muito cansada, estressada. O sucesso profissional te absorve muito. Te deixa esquecer o que, na verdade para mim hoje, é o mais importante que é minha saúde, minha vida, minha felicidade, minha alegria”.

O novo negócio funciona na casinha charmosa do ano de 1923, onde a promessa para o cliente é de uma vida saudável, igual a da dona da casa. As mãos que antes digitavam sem parar, hoje, na cozinha, cortam verduras e legumes. Quem diria que alguém no auge de uma carreira resolveria largar tudo começar do zero em uma virada radical?

“Resolvi mudar, parei com tudo que eu estava fazendo. Parei algum tempo e foram surgindo novas propostas, novas possibilidades e então surgiu a idéia de trabalhar com alimentação natural”, conta a comerciante.

Ilsi montou uma loja de produtos naturais. Aí veio o restaurante, depois comprou um sítio para produzir os alimentos que serve. “A gente aprendeu que temos que ficar dentro do nosso limite. O objetivo principal é o nosso bem estar”, diz Ilsi. Ela é destinada a ter sucesso no que faz. A diferença é que hoje em dia sabe quando deve parar:

Com o executivo do mercado financeiro foi diferente. Ricardo Malcon, de 60 anos, não mudou totalmente de vida, mas conseguiu administrar a vida.

“Eu comecei a reduzir a carga de trabalho, comecei a eleger as coisas que eram importantes no meu trabalho, que eu não poderia deixar de fazer e as outras comecei a afastar devagarinho. Isso levou um ano, mais ou menos. Comecei a fazer academia, comecei a caminhar e fui me dando conta que era bom”, revela o executivo.

Antes, Ricardo Malcon trabalhava 14, 15 horas por dia. “Eu vinha trabalhando muito, com o objetivo de crescer mais e ganhar dinheiro. Na verdade, a gente não se dá conta de que está estressado. A gente se sente cansado, com pouca disposição para fazer as coisas e muito sobrecarregado. A sobrecarga é terrível”, conta Ricardo.

Até pouco tempo nem ele se imaginava passeando num parque no meio da tarde. Muito menos com tempo para sentar e conversar. “Tenho uma vida melhor até para minha saúde, para o meu bem estar e até para minha família”, afirma o executivo.

Edição do dia 23/09/2011

Diaristas são especialistas em 'matar um leão por dia', diz Ismar Madeira

O repórter lembra que, apesar da melhora nos índices de empregabilidade, 'caçar' um bom emprego não é uma missão tão simples.

ISMAR MADEIRA

Apesar da melhora nos índices de empregabilidade do país, "caçar" um bom emprego não é uma missão simples. Mais difícil ainda é encontrar um trabalho para o qual se tenha talento e que possibilite alcançar o que tanto queremos em nossas vidas. Pois muitos brasileiros estão conseguindo, em nichos do mercado de trabalho nos quais falta mão de obra. Eles são especialistas nesta caçada e descobriram que "matar um leão por dia", como diz o ditado popular, é possível, rentável e até divertido. São os chamados "diaristas", que contaram para nossa equipe de reportagem suas histórias, estratégias profissionais e vitórias. Este programa revela a vocação e a criatividade de trabalhadores incansáveis.

O que dizer de um homem que transforma tudo o que aprendeu ao longo da vida em dinheiro? Seu João Donizete faz serviço de eletricitista, encanador, costureiro e até de artista performático, em São José do Rio Preto, no noroeste paulista. Do pai, ele herdou o talento para consertos domésticos. Da mãe costureira, "puxou" a habilidade para fazer roupas. Mas não ficou nisso, acrescentou a seu currículo o que aprendeu com amigos ou nos empregos que teve. Hoje, aposentado de uma empresa de ônibus, engorda o orçamento, atuando como faz-tudo. Além dos serviços em lojas e residências, ele anima festas de aniversário ou de confraternização em empresas. O resultado? Comprou uma caminhonete zero quilômetro, a moto dos sonhos e garantiu conforto à família em casa. Seu João nos conta o segredo de seu sucesso e nos mostra como é possível ganhar dinheiro com bom humor.

Em nossa investigação, também acompanhamos o dia a dia das mais tradicionais diaristas no país: as faxineiras. Como é este trabalho, os prós e os contras de exercer uma profissão sem carteira assinada? Você sabia que o número desses profissionais é um dos que mais crescem e, segundo especialistas em mercado de trabalho, é nas diárias que devem se concentrar cada vez mais os empregados domésticos no Brasil? Por que isto vem ocorrendo? Em busca das respostas, encontramos a baiana Edileuza de Araújo. Viúva, ela criou o casal de filhos sozinha e os dois se formaram em nível superior. A filha, engenheira elétrica. O filho, webdesigner que montou o próprio negócio.

Enfim, quais são as armas usadas por esses guerreiros que matam um leão por dia e têm muitos troféus para nos mostrar? A diarista Leda Ferreira nos abriu a casa e seus segredos, revelou as qualidades que a tornaram uma profissional disputada em Belo Horizonte. Descobrimos o quanto a história de vida de cada um influencia sua maneira de encarar os desafios: criar os filhos, construir a casa própria e planejar o futuro. Os brasileiros que acompanhamos conseguiram, mesmo sem ter uma renda fixa.